

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

CRISTIANE DE OLIVEIRA BRAGA

FORMAÇÃO CONTINUADA PARA A ELABORAÇÃO DE UMA SEQUÊNCIA DE ENSINO VOLTADA PARA A SENSIBILIZAÇÃO SOBRE A PRESERVAÇÃO DAS NASCENTES DE ÁGUA DO PARQUE NACIONAL DE SAINT-HILAIRE/LANGE

MATINHOS

2023

CRISTIANE DE OLIVEIRA BRAGA

FORMAÇÃO CONTINUADA PARA A ELABORAÇÃO DE UMA SEQUÊNCIA DE  
ENSINO VOLTADA PARA A SENSIBILIZAÇÃO SOBRE A PRESERVAÇÃO DAS  
NASCENTES DE ÁGUA DO PARQUE NACIONAL DE SAINT-HILAIRE/LANGE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Rede Nacional para Ensino das Ciências Ambientais, Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná, como requisito à obtenção do título de Mestre em Ensino das Ciências Ambientais.

Orientador(a): Prof(a). Dr(a). Flavia Fazon

MATINHOS

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte  
Biblioteca Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral

B813f Braga, Cristiane de Oliveira  
Formação continuada para a elaboração de uma sequência de ensino voltada para a sensibilização sobre a preservação das nascentes de água do Parque Nacional de Saint-Hilaire/Lange / Cristiane de Oliveira Braga ; orientadora Flávia Fazon. – 2023.  
162 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral, Matinhos/PR, 2023.

1. Educação ambiental. 2. Educação ambiental - Estudo e ensino (Ensino fundamental). 3. Parque Nacional Saint-Hilaire/Lange (PR). I. Dissertação (Mestrado) – Mestrado Profissional em Rede Nacional para o Ensino das Ciências Ambientais. II. Título.

CDD – 333.7071



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
SETOR LITORAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO REDE NACIONAL PARA  
ENSINO DAS CIÊNCIAS AMBIENTAIS - 33002045070P4

## TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação REDE NACIONAL PARA ENSINO DAS CIÊNCIAS AMBIENTAIS da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **CRISTIANE DE OLIVEIRA BRAGA** intitulada: **FORMAÇÃO CONTINUADA PARA A ELABORAÇÃO DE UMA SEQUÊNCIA DE ENSINO VOLTADA PARA A SENSIBILIZAÇÃO SOBRE A PRESERVAÇÃO DAS NASCENTES DE ÁGUA DO PARQUE NACIONAL DE SAINT HILAIRE/LANGE**, sob orientação da Profa. Dra. FLAVIA FAZION, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestra está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

MATINHOS, 05 de Dezembro de 2023.

Assinatura Eletrônica

06/12/2023 08:13:58.0

FLAVIA FAZION

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

14/12/2023 11:51:02.0

ANA JOSEFINA FERRARI

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

06/12/2023 12:29:14.0

SIMONE MARIA DANTAS LONGHI

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA)

Dedico este trabalho aos meus filhos, Luan e Breno, ao meu esposo, Jair, e às minhas irmãs, Luciana e Lucinéia, pelo apoio e carinho para conquistar este sonho.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela proteção divina, força diante dos desafios e saúde nesta caminhada.

À minha amada e inesquecível mãe (*in memoriam*), Maria Glória de Oliveira, por me incentivar a me dedicar nos estudos. Ela sempre me dizia: “A Educação é um bem precioso, minha filha! Ninguém pode tirar de você as conquistas na sua vida profissional”.

Ao meu querido esposo, Jair Pimenta Braga, por estar ao meu lado nos momentos mais difíceis e maravilhosos; e, também, aos meus filhos, Luan e Breno, pela alegria, carinho, compreensão e apoio para a conclusão deste trabalho.

À minha orientadora, Flávia Fazon, que sempre me incentivou, valorizando as minhas capacidades, aumentando a minha autoestima e me dando um direcionamento durante toda a minha caminhada.

Ao grupo de pesquisa TRAFE, por compartilhar suas experiências nas aulas, me fazendo compreender a linguagem acadêmica.

Aos meus amigos da minha querida escola, pelo respeito, companheirismo e incentivo durante a realização desta pesquisa; em especial, às professoras que participaram da formação para a realização deste trabalho, vocês tornaram esta trajetória cheia de aprendizado e momentos inesquecíveis.

Aos amigos do Mestrado, agradeço por compartilharem seus conhecimentos e experiências educacionais, pelo apoio durante esta longa caminhada, desejo que o melhor aconteça a cada um de vocês.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e da Agência Nacional de Águas (ANA).

Porque perceber as coisas de modo diferente significa ao mesmo tempo ganhar outras possibilidades de agir em relação a elas. Como em um tabuleiro de xadrez: vejo diferente, jogo diferente.

**Vigotski**

## RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo apresentar uma pesquisa de Mestrado que propõe uma Formação Continuada para professoras da Educação Infantil e do Ensino Fundamental I; e analisar, por meio do método da Autoconfrontação, quais os obstáculos encontrados pelas docentes no decorrer da aplicação das sequências didáticas elaboradas por elas. Na formação, apresentamos o Parque Nacional Saint-Hilaire/Lange, refletindo sobre a importância das nascentes de água e mananciais para o meio ambiente e todos os seres vivos. Dialogamos com os conceitos teóricos da Engenharia Didática e Sequência Didática, Educação, Linguagem, Aprendizagem e ZPD, a Clínica da Atividade e a Ergonomia da Atividade, que também fizeram parte das análises dos relatos escritos, produzidos após as sequências didáticas e das entrevistas de Autoconfrontação, em conjunto com a abordagem teórica metodológica de Vigotski. A partir do resultado das análises, observamos que a Formação Continuada dentro da escola contribuiu para a coanálise do trabalho do professor, neste nível da Educação Básica, permitindo que as professoras refletissem sobre o seu trabalho, desenvolvendo o seu métier e seu poder de agir.

**Palavras-chave:** Formação Continuada; nascentes de água; sequência didática; trabalho docente.

## **ABSTRACT**

The present work aims to present a master's degree research that proposes continued training for Early Childhood Education and Elementary School I teachers; and analyze, through the self-confrontation method, what obstacles the teachers encountered during the application of the didactic sequences created by them. In the training, we presented the Saint-Hilaire/Lange National Park, reflecting on the importance of water springs and springs for the environment and all living beings. We dialogued with the theoretical concepts of Didactic Engineering and Didactic Sequence, Education, Language, Learning and ZPD, the Activity Clinic and Activity Ergonomics, which were also part of the analysis of the written reports produced after the didactic sequences and self-confrontation interviews, in conjunction with Vygotsky's theoretical methodological approach. From the results of the analyzes we observed that Continuing Training within the school contributed to the co-analysis of the teacher's work, at this level of Basic Education, allowing teachers to reflect on their work, developing their methodology and their power to act.

**Keywords:** Continuing training; water springs; following teaching; teaching work.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – LOCALIZAÇÃO DO PARQUE NACIONAL DE SAINT-HILAIRE/LANGE NO LITORAL PARANAENSE	16
FIGURA 2 – AS FASES DA ENGENHARIA DIDÁTICA	24
FIGURA 3 – ESTRUTURA DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA (SD)	25
FIGURA 4 – LEI GERAL DO DESENVOLVIMENTO DAS FUNÇÕES PSÍQUICAS SUPERIORES	29
FIGURA 5 – INFOGRÁFICO DA ZONA DE DESENVOLVIMENTO PROXIMAL	31
FIGURA 6 – O TRABALHO DO PROFESSOR	34
FIGURA 7 – FOLDER 1: LOCALIZAÇÃO, BIODIVERSIDADE E LEGISLAÇÃO DO PARQUE	52
FIGURA 8 – FOLDER 2: MATINHOS E O TURISMO (FRENTE)	52
FIGURA 9 – FOLDER 2: MATINHOS E O TURISMO (VERSO)	53
FIGURA 10 – FOLDER 3: LOCALIZAÇÃO DOS BALNEÁRIOS, BAIROS E O PARQUE (FRENTE)	53
FIGURA 11 – FOLDER 4: LOCALIZAÇÃO DOS BALNEÁRIOS, BAIROS, E O PARQUE (VERSO)	54
FIGURA 12 – BANNER DE APRESENTAÇÃO DO PARQUE NACIONAL DE SAINT-HILAIRE/LANGE	54
FIGURA 13 – JARDIM SENSORIAL	55
FIGURA 14 – PRIMEIRA QUEDA DA CACHOEIRA SALTO DO TIGRE	56
FIGURA 15 – NASCENTE DO MORRO DO CABARAQUARA – GUARATUBA/PR	57
FIGURA 16 – PALESTRA NA VISITA A ESTAÇÃO DE TRATAMENTO DE ÁGUA (ETA) SANEPAR	58
FIGURA 17 – MAQUETE DA FRENTE DO JARDIM SENSORIAL	76
FIGURA 18 – MAQUETE DO PARQUINHO, RESTAURANTE E PÍER SOB O MANGUE E O MAR, DENTRO DO JARDIM SENSORIAL	76
FIGURA 19 – MAQUETE REPRESENTANDO A ESTAÇÃO DE TRATAMENTO DE ÁGUA DA SANEPAR (VISTA DE FRENTE)	77
FIGURA 20 – MAQUETE REPRESENTANDO A ESTAÇÃO DE TRATAMENTO DE ÁGUA DA SANEPAR (VISTA 2)	77
FIGURA 21 – TEXTO PRODUZIDO APÓS VISITA A ESTAÇÃO DE TRATAMENTO DE ÁGUA (ETA)	78

FIGURA 22 – FRASE PRODUZIDA APÓS VISITA A ESTAÇÃO DE TRATAMENTO  
DE ÁGUA (ETA)

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – CRONOGRAMA DA FORMAÇÃO	42
QUADRO 2 – SEQUÊNCIA DIDÁTICA ELABORADA PELA PROFESSORA DO PRÉ II	44
QUADRO 3 – SEQUÊNCIA DIDÁTICA ELABORADA PELAS PROFESSORAS DO 3º E 4º ANO	46
QUADRO 4 – EXECUÇÃO DA AUTOCONFRONTAÇÃO SIMPLES (ACS)	49
QUADRO 5 – RELATOS INDIVIDUAIS DAS PROFESSORAS APÓS A APLICAÇÃO DAS SDS	60
QUADRO 6 – RELATOS DAS PROFESSORAS PÓS-COANÁLISE EM AUTOCONFRONTAÇÃO	72

## LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – SEQUÊNCIA DIDÁTICA/PRESERVAÇÃO DA ÁGUA/EDUCAÇÃO INFANTIL	18
TABELA 2 – TURNOS DE FALA DAS ACS E ACCs	50

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>16</b>
1.1 ESTADO DA ARTE	17
1.2 JUSTIFICATIVA	18
1.3 OBJETIVOS	19
1.3.1 Objetivo geral	20
1.3.2 Objetivos específicos	20
1.4 ORGANIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO	20
<b>2 PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS</b>	<b>21</b>
2.1 A BNCC E O ENSINO PARA A PRESERVAÇÃO AMBIENTAL/EDUCAÇÃO AMBIENTAL CRÍTICA	21
2.2 ENGENHARIA DIDÁTICA E SEQUÊNCIA DIDÁTICA	23
2.3 A TEORIA DE VIGOTSKI	27
2.3.1 A Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) como elemento-chave da aprendizagem	31
2.4 FORMAÇÃO E TRABALHO DOCENTE	33
2.5 A FORMAÇÃO PELA (COANÁLISE DO TRABALHO: OS APORTES DA CLÍNICA DA ATIVIDADE	37
<b>3 ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS</b>	<b>40</b>
3.1 CONTEXTO E PARTICIPANTES	40
3.2 OS ENCONTROS DE FORMAÇÃO E AS SD PLANEJADAS PELAS PROFESSORAS	42
3.3 MÉTODO DE ANÁLISE DOS DADOS	48
<b>4 ANÁLISES E DISCUSSÃO</b>	<b>50</b>
4.1 APRESENTAR O PARQUE NACIONAL SAINT-HILAIRE/LANGE AOS PROFESSORES, POR MEIO DE VÍDEOS, FOTOS E PESQUISA DE CAMPO, CONTEXTUALIZANDO OS CONTEÚDOS DOS COMPONENTES CURRICULARES RELACIONADOS AO TEMA ÁGUA E SUA PRESERVAÇÃO	51
4.2 ANALISAR A APLICAÇÃO DE UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA, EM UMA SITUAÇÃO REAL DE ENSINO, TOMANDO COMO BASE EPISTEMOLÓGICA A CLÍNICA DA ATIVIDADE E A ERGONOMIA DA ATIVIDADE	60
4.2.1 Relatos após a aplicação das SDs pelas professoras	60
4.2.2 Coanálise da aplicação das SDs pelas professoras	61

4.3 REFLETIR SOBRE A ATIVIDADE DO TRABALHO DOCENTE, POR MEIO DE AUTOCONFRONTAÇÃO SIMPLES E CRUZADA, E OS RELATOS ORAIS E ESCRITOS DOS PROFESSORES SOBRE A EXPERIÊNCIA DA FORMAÇÃO	68
4.3.1 Relatos pós-coanálise em Autoconfrontação	72
4.4 DESDOBRAMENTOS DA EXPERIÊNCIA PARA AS PROFESSORAS E ALUNOS	74
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>79</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>82</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O Parque Nacional de Saint-Hilaire/Lange foi criado em 23 de maio de 2001, pela lei nº 10.227/2001, e é o primeiro Parque Nacional Brasileiro criado por iniciativa do Congresso Nacional. Está localizado na Serra do Mar paranaense, mais conhecida como Serra da Prata, compondo uma parte da unidade de conservação de uso sustentável da APA (Área de Proteção Ambiental) de Guaratuba.

FIGURA 1 – LOCALIZAÇÃO DO PARQUE NACIONAL DE SAINT-HILAIRE/LANGE NO LITORAL PARANAENSE



FONTE: Parques [...] (2014).

De acordo com a lei nº 9.985/2000, que instituiu o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC), o objetivo básico das Unidades de Conservação de Uso Sustentável é “compatibilizar a conservação da natureza com o uso sustentável de parcela dos seus recursos naturais” (Brasil, 2000, cap. III, art. 2).

O objetivo do parque é “[...] proteger e conservar ecossistemas de Mata Atlântica existentes na área [de aproximadamente 25 mil hectares] e assegurar a

estabilidade ambiental dos balneários sob sua influência, bem como a qualidade de vida das populações litorâneas” (Brasil, 2001, art. 1º). Para isso, é administrado pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio).

Possui esse nome em homenagem ao naturalista e botânico francês, Saint-Hilaire, e ao ambientalista e biólogo paranaense, Roberto Ribas Lange. Abrange cerca de 3 mil hectares em Matinhos, abriga belas cachoeiras e protege um dos trechos mais conservados de Mata Atlântica no Brasil, regulando o clima e a qualidade das nascentes dos rios e seus mananciais, fornecendo água de excelente qualidade para as populações que residem em Matinhos, Pontal do Paraná e Paranaguá.

Dado que o município de Matinhos vem sofrendo, ao longo dos anos, grandes transformações por meio da urbanização, o registro dessas mudanças nos mostra perdas de biodiversidade, de recursos hídricos (não valorização das nascentes) e de solo.

O parque tem um potencial educativo para as questões ambientais pouco aproveitado, além disso, é pouco conhecido e explorado pelos moradores da região. Por este motivo, surgiu a ideia de realizar uma pesquisa com este tema: para que os professores possam conhecer o conceito e as principais nascentes de água contidas dentro do Parque Nacional de Saint-Hilaire/Lange, próximo à comunidade escolar, e todo o ecossistema existente ao redor dessas nascentes, como a mata ciliar, para compreenderem a importância dessas nascentes para a qualidade da água que abastece o nosso litoral e o nosso município de Matinhos, promovendo ações que incentivem a preservação ambiental.

## 1.1 ESTADO DA ARTE

Com base nas pesquisas realizadas no banco de teses da Capes<sup>1</sup>, abordando os temas “Sequência Didática” e “Preservação da Água”, desenvolvidos em Teses e Dissertações na área de Educação, obtivemos 20 resultados. De posse desses resultados, pesquisamos somente aqueles desenvolvidos com esses temas relacionados à Educação Infantil, dentro de todos os níveis da Educação Básica, conforme mostra a tabela a seguir.

---

<sup>1</sup> O banco de teses da Capes está disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>. Acesso em: 12 jan. 2024.

TABELA 1 – SEQUÊNCIA DIDÁTICA/PRESERVAÇÃO DA ÁGUA/EDUCAÇÃO INFANTIL

<b>Níveis da Educação Básica</b>	<b>Resultados</b>
Ensino Médio	12
Ensino Fundamental II	5
Educação Fundamental I	2 (4º e 5º Ano)
Educação Infantil	0

FONTE: A autora (2023).

Esses resultados demonstram que os temas “Sequência Didática” e “Preservação da Água” ainda não foram desenvolvidos de forma interligada na Educação Infantil, tornando a realização da nossa pesquisa muito importante para a comunidade acadêmica, pois esta será a primeira realizada nesse campo educacional.

Ao relacionarmos os temas “Formação Docente” e “Preservação da Água”, tivemos cinco resultados de Formação Continuada e trabalhos realizados entre os anos de 2019 a 2022, com professores que atuam na esfera do Ensino Normal Superior, na Educação Fundamental I (1º, 2º e 3º Ano), e na Educação Inclusiva (deficientes visuais). Dessa forma, não temos nem um resultado relacionado aos temas que menciona a Educação Infantil.

As pesquisas desenvolvidas no Brasil pelo grupo Alter-Age – Lousada (2006), Fazion (2017), Dantas-Longhi (2017), Silva (2023), Rocha (2023) – são relacionadas à formação e ao trabalho docente, com reflexões e coanálise que o trabalho do professor exerce sobre ele mesmo dentro do ambiente escolar, por meio de registros orais e escritos, após vivenciar experiências de análise do seu fazer docente.

## 1.2 JUSTIFICATIVA

De acordo com a declaração da *Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável*, ficou estabelecido em seu objetivo 6: “Assegurar a disponibilidade e gestão sustentável da água e saneamento para todos” (ONU, 2015), de forma que todos possam ter acesso à água potável, reduzindo a poluição industrial e

doméstica, e a escassez; incluindo as mulheres e meninas e a população com vulnerabilidade social; e ampliando o tratamento e saneamento básico.

Estabelece, ainda: “proteger e restaurar ecossistemas relacionados com a água, incluindo florestas, montanhas, zonas úmidas, rios, aquíferos e lagos” (ONU, 2015, inc. 6.6). Dessa forma, é de extrema importância desenvolver, na formação docente, a interação dos professores com o parque e todo conhecimento em relação a essa unidade de conservação, elaborando uma sequência didática que estimule a proteção das nascentes de água e seus mananciais, que estão dentro do Parque Nacional de Saint-Hilaire/Lange, junto aos seus alunos, para que no futuro possamos viver tendo água, garantindo a sobrevivência de todo ser vivo.

Esta pesquisa se justifica pela necessidade de analisar, identificar, problematizar, discutir e agir com mais afinidade frente às questões socioambientais do nosso município, especialmente em relação à importância das nascentes de água e da sequência didática abordando este tema na Educação Escolar.

Diante dessa problemática, apresento esta pesquisa que pretende refletir sobre algumas questões:

- Como os professores podem desenvolver uma sequência de ensino voltada para o estímulo à preservação das nascentes de água?
- Quais conhecimentos prévios eles possuem sobre o Parque Nacional de Saint-Hilaire/Lange?
- Quais conteúdos podem ser trabalhados de forma transversal e interdisciplinar abordando o tema da preservação das nascentes de água dentro do parque?
- Qual artefato utilizar para estimular a conscientização sobre a importância das nascentes de água e a mata ciliar a sua volta?
- Quais ações, enquanto professor, posso realizar para colaborar com essa preservação?

### 1.3 OBJETIVOS

A fim de responder às questões de pesquisa, apresentamos os objetivos geral e específicos a seguir.

### 1.3.1 Objetivo geral

Discutir sobre recursos metodológicos junto aos professores para que estes possam desenvolver sequências didáticas voltadas para o ensino, reconhecimento e estímulo à preservação das nascentes de água existentes em uma unidade de conservação e à importância dos elementos ambientais, como a mata ciliar em volta destas nascentes, utilizando o Parque Nacional de Saint-Hilaire/Lange como base cultural e científica.

### 1.3.2 Objetivos específicos

1. Apresentar o Parque Nacional Saint-Hilaire/Lange aos professores, por meio de vídeos, fotos e pesquisa de campo, contextualizando os conteúdos dos componentes curriculares relacionados ao tema água e sua preservação.
2. Analisar a aplicação de uma sequência didática, em uma situação real de ensino, tomando como base epistemológica a Clínica da Atividade e a Ergonomia da Atividade.
3. Refletir sobre a atividade do trabalho docente, por meio de Autoconfrontação Simples e Cruzada, e os relatos orais e escritos dos professores sobre a experiência da formação.

## 1.4 ORGANIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO

Esta dissertação está dividida em quatro seções. Após esta primeira seção, referente à “Introdução”, na qual apresentamos o contexto geral em que nosso estudo se insere, o histórico e os objetivos da pesquisa, temos a seção 2, os “Pressupostos teórico-metodológicos”, na qual apresentaremos as bases teóricas e metodológicas que orientam esta pesquisa, a saber: as propostas da BNCC para a Educação Ambiental, a Engenharia Didática e a concepção de sequências didáticas, a teoria vigotskiana e o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal, o trabalho e a formação docente e os aportes da Clínica da Atividade para a coanálise do trabalho docente na formação do professor.

Na seção 3, apresentaremos os “Encaminhamentos metodológicos”: o contexto da pesquisa e os participantes, os encontros da formação e as sequências didáticas elaboradas pelas professoras participantes.

Na seção 4, abordaremos a “Análise e discussão” dos dados, com: relato do início da formação, realizado pela pesquisadora; relatos das professoras após a aplicação das sequências didáticas; Autoconfrontação Simples e Cruzada; discussão e análise dos dados obtidos durante a pesquisa.

Finalmente, nas “Considerações finais”, abordaremos as principais considerações extraídas do trabalho, de acordo com os objetivos propostos na pesquisa.

## **2 PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS**

### **2.1 A BNCC E O ENSINO PARA A PRESERVAÇÃO AMBIENTAL/EDUCAÇÃO AMBIENTAL CRÍTICA**

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) do Ensino Fundamental – Anos Iniciais:

As experiências das crianças em seu contexto familiar, social e cultural, suas memórias, seu pertencimento a um grupo e sua interação com as mais diversas tecnologias de informação e comunicação são fontes que estimulam sua curiosidade e a formulação de perguntas. O estímulo ao pensamento criativo, lógico e crítico, por meio da construção e do fortalecimento da capacidade de fazer perguntas e de avaliar respostas, de argumentar, de interagir com diversas produções culturais, de fazer uso de tecnologias de informação e comunicação, possibilita aos alunos ampliar sua compreensão de si mesmos, do mundo natural e social, das relações dos seres humanos entre si e com a natureza (Brasil, 2018, p. 58).

Além disso, a BNCC e os currículos têm papéis complementares para assegurar as aprendizagens essenciais definidas para cada etapa da Educação Básica, uma vez que tais aprendizagens só se materializam mediante o conjunto de decisões que caracterizam o currículo em ação. São essas decisões que vão adequar as proposições da BNCC à realidade local, considerando a autonomia dos sistemas ou das redes de ensino e das instituições escolares, como também o contexto e as características dos alunos.

A Educação Ambiental representa um conjunto de ações sustentáveis voltadas para a conservação do meio ambiente. Ela busca a formação de cidadãos conscientes e críticos fortalecendo o aumento de práticas sustentáveis bem como a redução de danos ambientais.

A Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA) é regida pela lei nº 9.795/1999, que estabelece:

Art. 1º Entendem-se por educação ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade.

Art. 2º A educação ambiental é um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não formal.

[...]

Art. 7º A Política Nacional de Educação Ambiental envolve em sua esfera de ação, além dos órgãos e entidades integrantes do Sistema Nacional de Meio Ambiente (SISNAMA), instituições educacionais públicas e privadas dos sistemas de ensino, os órgãos públicos de União dos Estados do Distrito Federal e dos Municípios e organizações não-governamentais (sic) com atuação em educação ambiental (Brasil, 1999, art. 1, 2, 7).

Em alinhamento às propostas de Educação Ambiental, é instituído no Brasil, o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC), por meio da lei nº 9.985/2000, para criar, implementar e gerenciar as unidades de conservação. Dessa forma, para gerir as unidades de conservação federais, é criado o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), com a lei nº 11.516/2007, tendo como finalidade: “fomentar e executar programas de pesquisa, proteção, preservação e conservação da biodiversidade e de educação ambiental” (Brasil, 2007, art. 2, inc. III).

Nesse contexto, a Educação Ambiental integra “uma dinâmica pedagógico-metodológica compromissada com a questão da sustentabilidade, sob o foco de uma tríplice qualificação” (Carneiro, 2002, p. 42), sendo esses princípios os seguintes:

- 1) Interdisciplinar pelo fato de que a questão ambiental, pela sua natureza complexa, não pode ser tratada apenas no âmbito de uma disciplina ou área do conhecimento;
- 2) Crítica: enquanto são requeridos critérios permanentes, de cunho científico, tecnológico, sócio político, cultural e ético para o questionamento de informações e a investigação de dados e fatos ambientais;

3) Prospectiva: pela importância da relação presente-futuro, em termos do vínculo ético das gerações atuais para com as vindouras quanto à qualidade de vida (Carneiro, 2002, p. 42-43).

Para que haja a eficácia esperada no processo ensino e aprendizagem, deve-se conscientizar e significar como o mundo é, e como funciona, de modo a reconhecer o lugar de cada país no conjunto do planeta; e o de cada pessoa no conjunto da sociedade humana. É desse modo que pode-se formar cidadãos conscientes, capazes de atuar no presente e de ajudar a construir o futuro (Santos, 1994).

Considerando os princípios da Educação Ambiental Crítica, que partem do diálogo do saber popular, de forma emancipatória e transformadora, valorizando as diferentes culturas e seus territórios, buscando fortalecer as ações educativas dos grupos sociais, o ICMBio adota esses critérios para desenvolver todo o seu trabalho, fortalecendo as iniciativas individuais e coletivas de preservação do meio ambiente, com a produção de materiais pedagógicos, sobre as unidades de conservação sob sua gestão, e formação de educadores ambientais.

Assim, procuramos desenvolver na nossa formação com os professores, dentro da Educação Formal, uma Educação Ambiental Crítica, possibilitando conversas dialogadas, com discussões sobre o tema “água” e textos apresentados, autonomia, criatividade, desafios na docência, reflexão das suas ações pedagógicas, após vivenciarem o método da Clínica da Atividade.

## 2.2 ENGENHARIA DIDÁTICA E SEQUÊNCIA DIDÁTICA

O conceito de “Engenharia Didática” é especialmente discutido e difundido pelo professor e pesquisador em Didática do Francês/Língua Materna, da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação (FAPSE), da Universidade de Genebra (UNIGE), na Suíça, Joaquim Dolz. Segundo ele, a Engenharia Didática:

[...] organiza, transforma e adapta os saberes sobre a língua e as práticas discursivas para o ensino. Principalmente, a engenharia tem a responsabilidade de conceber projetos escolares e de elaborar dispositivos, atividades, exercícios, materiais escolares e novas tecnologias da comunicação escrita, oral e audiovisual. Com este objetivo, ela imagina e planifica as formas sociais de trabalho escolar dos alunos. Também está encarregada de inventar ferramentas para facilitar as aprendizagens e de orientar as intervenções e os gestos profissionais do professor. Finalmente, ela realiza pesquisas sobre as inovações introduzidas, controlando e avaliando a implementação das novidades (Dolz, 2016, p. 24).

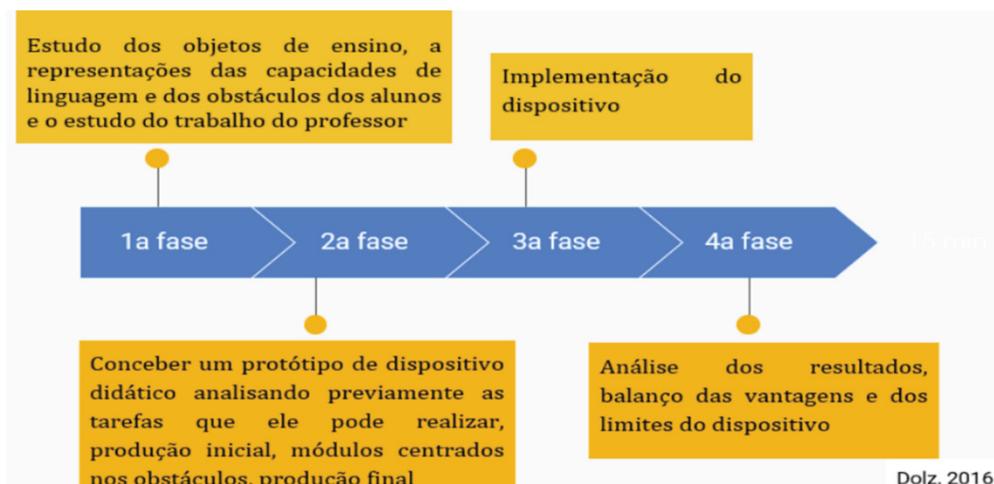
De acordo com o autor, o papel do engenheiro é o de planejar e inventar novidades técnicas ou dispositivos para melhorar o funcionamento de uma atividade, isto é, introduzir inovações nas atividades práticas. Ele pesquisa e participa do processo de desenvolvimento de produtos e ferramentas técnicas complexas, dirige, coordena e gere tecnicamente os projetos (Dolz, 2016).

Dessa forma, o papel do engenheiro é semelhante ao papel do professor, pois ambos investigam, pesquisam, desenvolvem projetos, implementam dispositivos para a resolução de problemas e, por fim, analisam e avaliam o desenvolvimento dos participantes desse processo.

A Engenharia Didática é composta por quatro fases, sendo elas:

- Primeira fase: Análise prévia do trabalho do professor para compreender como é o funcionamento de uma aula e, assim, inserir as inovações adaptadas.
- Segunda fase: Produção inicial para avaliar as capacidades dos alunos (questionários), oficinas, atividades centradas nos obstáculos a superar pelos alunos e uma produção final para avaliar os efeitos do ensino.
- Terceira fase: Experimentação, ajuste das atividades para um estudo de caso ou objeto de pesquisa com uma população de professores mais ampla, tendo em vista sua possível generalização.
- Quarta fase: Confrontação, análise dos resultados, confrontando as possibilidades antecipadas pela análise prévia com as constatações ocorridas, vantagens e limites da ferramenta criada.

FIGURA 2 – AS FASES DA ENGENHARIA DIDÁTICA

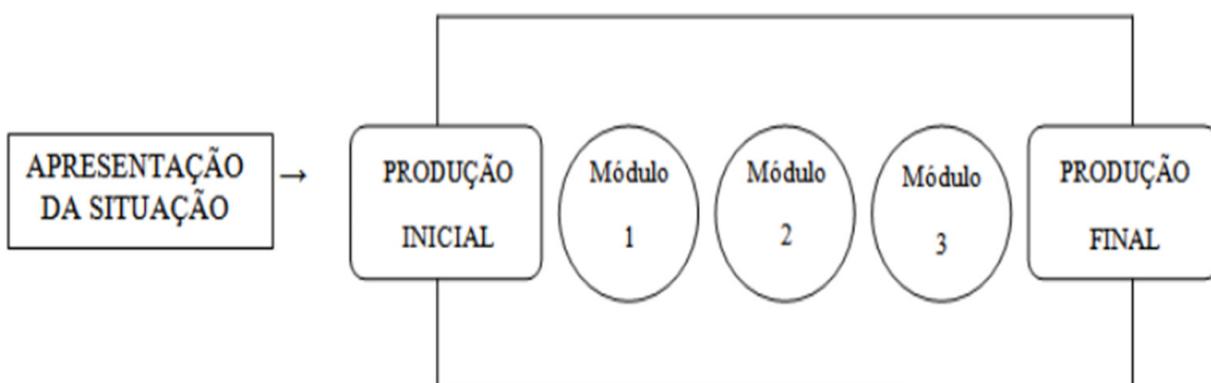


FONTE: Rocha (2022)<sup>2</sup>.

Dentro da Engenharia Didática, temos a Sequência Didática (SD) que, segundo Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 96), “é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”. Esse conjunto de atividades escolares tem como finalidade ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto, permitindo-lhe, assim, escrever ou falar de uma maneira mais adequada em uma dada situação de comunicação. O objeto da SD é um gênero que o aluno não domina, ou domina pouco.

A estrutura de base de uma sequência didática, demonstrada por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), surgiu com a finalidade de trabalhar a língua materna na Suíça, dentro do Ensino da Língua, para desenvolver as capacidades de linguagem dos alunos e suas produções textuais.

FIGURA 3 – ESTRUTURA DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA (SD)



<sup>2</sup> Aula-palestra proferida ao grupo de pesquisa TRAFE, 29 de março de 2022.

FONTE: Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 97).

A primeira etapa da sequência didática é a de apresentação da situação, fornecendo aos alunos todas as informações necessárias para que conheçam o projeto comunicativo visado e a aprendizagem de linguagem a que ele está relacionado.

Na segunda etapa, a da produção inicial, é preciso que os alunos percebam a importância dos conteúdos com os quais vão trabalhar, eles deverão conhecer bem o que devem explicar aos demais alunos da turma, possibilitando a aprendizagem dos conteúdos de forma interdisciplinar.

A produção inicial permite ao aluno compreender o gênero desenvolvido na sequência didática, e as suas dificuldades apresentadas na realização de um texto oral e escrito. Ao mesmo tempo, cria condições para que o professor possa realizar uma avaliação formativa (sem nota), ou seja, momentos de observação das dificuldades dos alunos no decorrer da produção inicial, para se reorganizar e se adaptar às necessidades de aprendizagem deles.

Nos módulos, o professor deve trabalhar os problemas de níveis diferentes, variar as atividades e exercícios, capitalizar as aquisições – o que os alunos realmente aprenderam –, como uma síntese, uma forma de superar as dificuldades encontradas pelos alunos na produção inicial.

A sequência é concluída com uma produção final que dá ao aluno a possibilidade de pôr em prática a sua aprendizagem na produção oral e escrita de textos; e, ao professor, de avaliar a evolução do aluno referente ao tema e aos conteúdos desenvolvidos no decorrer da aplicação da sequência didática.

As sequências visam ao aperfeiçoamento das práticas de escrita e de produção oral, e estão principalmente centradas na aquisição de procedimentos e de práticas. É no nível da textualização, mais particularmente, que o trabalho conduzido nas sequências se torna complementar às outras abordagens (Dolz; Noverraz; Schneuwly, 2004).

Do ponto de vista da Engenharia Didática, articulada com a teoria vigotskiana, Dolz (2016) propõe sete princípios inovadores para a elaboração dos exercícios na sequência didática:

1. Permitir ao aluno que passe pela atividade de linguagem: projetos didáticos que tenham sentido para o aluno.

2. Considerar a Zona Próxima de Desenvolvimento (ZPD)<sup>3</sup>: adaptar a atividade ao nível do aluno, para que este possa superar os obstáculos e ampliar a sua linguagem.
3. Garantir uma dinâmica que vá da elementarização para aprender à integração dos elementos novos na totalidade do texto: trabalhar os gêneros textuais separadamente para fixar a atenção do aluno.
4. Fabricar as ferramentas para o aluno por um movimento progressivo de devolução: apresentar atividades de autoaprendizagem como forma de ferramenta de mediação da aprendizagem, ou seja, ferramentas semióticas (com palavras, desenhos e objetos que tenham significado e façam parte da realidade do aluno).
5. Diversificar e articular as tarefas (ligar os exercícios em sequências).
6. Antecipar as interações e explicitar os conceitos e comportamentos a desenvolver.
7. Respeitar a escolha do aluno.

Em nossa pesquisa, dentro do campo do ensino de Ciências Ambientais na Educação Básica, estudamos a possibilidade de adaptar essa metodologia para nosso contexto e objetivo de ensino, uma vez que não estamos no campo do Ensino da Língua. Entendemos, contudo, que o diálogo com a metodologia proposta pela escola genebrina é totalmente viável, uma vez que propomos um ensino interdisciplinar na etapa do Ensino Fundamental – Anos Iniciais, etapa na qual uma professora regente assegura a continuidade dos componentes curriculares, o que permite permear conhecimentos, ultrapassando a barreira dos conteúdos.

No entanto, “as sequências devem funcionar como exemplos à disposição dos professores. Elas assumirão seu papel pleno se os conduzirem, através da formação inicial ou contínua, a elaborar, por conta própria, outras sequências” (Dolz; Noverraz; Schneuwly, 2004, p. 128). Assim, a sequência didática não é algo que está engessado, imposto por prescrições, pelo contrário, a sequência didática permite uma flexibilização de acordo com um determinado tema, com um tempo maior do que o programado pelo professor, porém necessário para atingir os objetivos propostos pelo docente, que é o da apropriação do conteúdo e

---

<sup>3</sup> A nomenclatura pode variar conforme a tradução: Zona de Desenvolvimento Proximal, Próxima, Imediato, Zona Proximal de Desenvolvimento, Zona de Desenvolvimento a mais Próxima.

aprendizagem significativa de um gênero textual desenvolvido na coletividade da sala de aula.

### 2.3 A TEORIA DE VIGOTSKI

O psicólogo russo, Lev Semenovich Vigotski, nasceu na cidade de Orsha, na Bielorrússia, em 5 de novembro de 1896. Filho de uma próspera família judia, formou-se em Literatura, História, Psicologia da Arte, Direito, Braille e Quirologia (a ciência da leitura das mãos), transitando de forma interdisciplinar nas diversas áreas do conhecimento. No Brasil, suas obras passaram a ser conhecidas a partir de 1980, e nosso país possui os estudos mais recentes com base no autor russo.

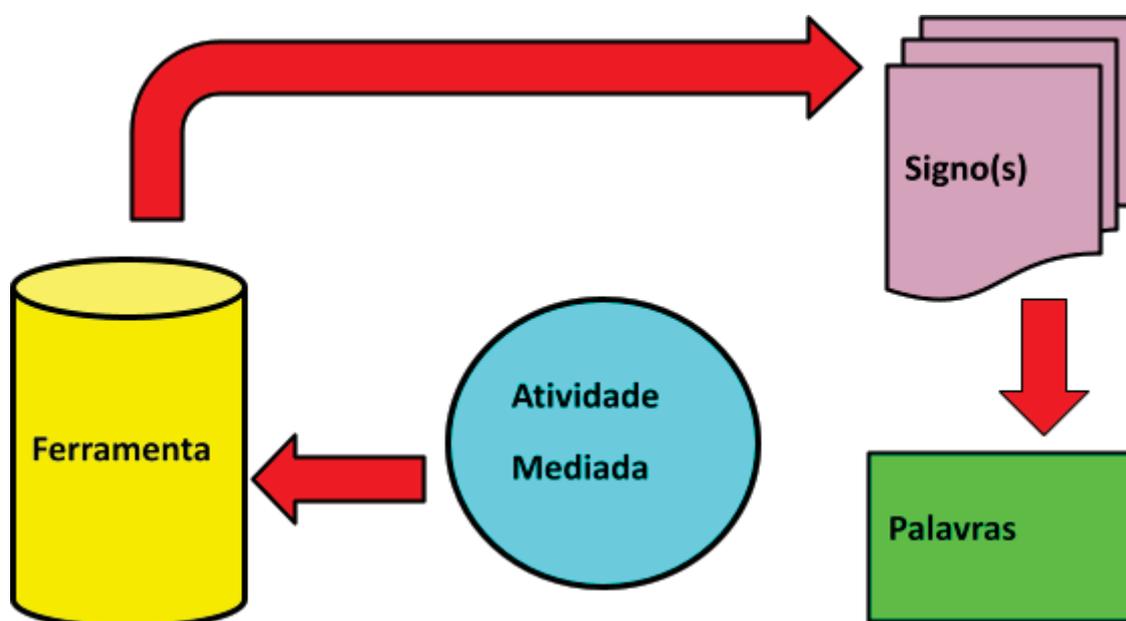
Vigotski (2000, p. 330) afirma que “o animal, inclusive o mais inteligente, é incapaz de desenvolver as suas faculdades intelectuais através da imitação ou da aprendizagem. Ele não é capaz de assimilar nada de essencialmente novo em comparação com o que já sabe. É capaz apenas de decorar através do adestramento”. Os animais se adaptam ao meio, seja ele natural ou modificado, enquanto o ser humano faz as suas interferências no meio em que vive com auxílio de ferramentas, como forma de sobrevivência, sendo um ser consciente, social e cultural, fazendo com que se diferencie dos animais.

O autor nos informa, também, que as características do desenvolvimento humano possuem funções elementares (percepção, memória e atenção) e funções suplementares (percepção mediada pela cultura, memória lógica, atenção voluntária, imagem criativa, linguagem). Como exemplo concreto sobre a função psíquica elementar (sem controle, involuntária) temos o movimento involuntário do bebê quando ele põe um limão na boca e faz uma careta e que, mais tarde, só de ver o limão, faz novamente essa careta; e sobre a função psíquica superior (controlada, voluntária), temos a percepção do controle dos esfíncteres, na qual a criança aprende a controlar seus instintos e pedir para usar o banheiro, ou quando a criança pede as coisas para a mãe por meio da linguagem e, ainda, quando ela faz birra para chamar a atenção da mãe.

Dessa forma, a Lei Geral do Desenvolvimento das Funções Psíquicas Superiores, segundo Vigotski (2000), acontece quando o social age como um fator intersíquico (conceitos e conteúdos das disciplinas construídos de forma coletiva, a partir do objeto concreto, associando a imagem à palavra com seu significado, ou

seja, signos) sobre o indivíduo que é intrapsíquico, internalizando o que entendeu e representando a partir da oralidade e da escrita. Assim, no momento em que a criança consegue ensinar de uma maneira diferente aquilo que aprendeu e tirar as dúvidas de um colega de classe, o seu intrapsíquico também é modificado, havendo sempre uma evolução na aprendizagem cognitiva do aluno.

FIGURA 4 – LEI GERAL DO DESENVOLVIMENTO DAS FUNÇÕES PSÍQUICAS SUPERIORES



FONTE: A autora (2023).

Essa teoria afirma que o desenvolvimento cognitivo da criança ocorre por meio da interação social e da mediação cultural, existindo uma relação entre o indivíduo e seu meio, na qual o meio é um ser biológico, carregado de questões biológicas. Ou seja, cada pessoa tem uma relação diferente com seu meio, o que nos torna indivíduos diferentes, com opiniões, comportamentos e desenvolvimento intelectual distintos uns dos outros.

Antes de o pensamento e a linguagem se associarem na criança pequena, existe uma fase pré-verbal no desenvolvimento do pensamento (utilização de instrumentos, inteligência prática) e uma fase pré-intelectual no desenvolvimento da

linguagem (alívio emocional: choro, riso etc.; função social: comunicação com as pessoas da família), que se unem para formar o pensamento verbal e a linguagem racional, momento em que o ser humano passa a ter possibilidades psicológicas mais sofisticadas, mediado pelo sistema simbólico da linguagem, transformando o homem em um ser sócio-histórico.

Marta Kohl de Oliveira (1997) apresenta o desenvolvimento do pensamento e da linguagem, baseado na teoria de Vigotski, dividido em duas funções básicas: a de intercâmbio social, para se comunicar com seus semelhantes, o ser humano usa os sistemas de linguagem: sons, expressões, gestos; e a de pensamento generalizante, em que a linguagem ordena o real, agrupa a mesma classe de objetos, eventos, situações sobre uma mesma categoria conceitual. Para exemplificar: um cachorro é parte de um conjunto abstrato de objetos que são todos membros da mesma categoria, que se distingue de outros membros da categoria de mesa, girafa, caminhão etc. Assim, Vigotski (2000, p. 246) destaca a essência do desenvolvimento da criança da seguinte forma:

Quando uma palavra nova, ligada a um determinado significado, é apreendida pela criança, o seu desenvolvimento está apenas começando; no início é uma generalização do tipo mais elementar que, à medida que a criança se desenvolve, é substituída por generalizações de um tipo cada vez mais elevado, culminando o processo na formação dos verdadeiros conceitos.

São os significados que vão propiciar a mediação simbólica entre o indivíduo e o mundo real, constituindo-se em um filtro através do qual o indivíduo é capaz de compreender o mundo e agir sobre ele, por isso a importância de um trabalho pedagógico na escola partindo de conteúdos e atividades que tenham significado para os alunos, de modo que eles possam fazer relações com o seu cotidiano, desenvolvendo sua aprendizagem.

Ao aprender a usar a linguagem para uma ação futura, as crianças realizam operações psicológicas bem mais complexas, possibilitando novas formas de comunicação com outras pessoas, reorganizando seu modo de agir e de pensar. De acordo com Rego (1995, p. 69):

Sendo assim, o aprendizado da linguagem escrita envolve a elaboração de todo um sistema de representação simbólica da realidade. É por isso que Vigotski identifica uma espécie de continuidade entre as diversas atividades simbólicas: os gestos, o desenho e o brinquedo. Estas atividades contribuem para o desenvolvimento da representação simbólica (onde signos representam significados) e conseqüentemente, para o processo de aquisição da linguagem escrita.

Para a resolução de um problema, a criança faz apelos verbais a um adulto, a fala é global, mas não é utilizada como instrumento do pensamento – Vigotski chamou essa fala de discurso socializado. Aos poucos a fala socializada, que antes era dirigida ao adulto para resolver seus problemas, é internalizada, e a criança passa a apelar para si mesma para solucionar uma questão – é o discurso interior. Assim, além das funções emocionais e comunicativas, a fala começa a ter também uma função planejadora.

### 2.3.1 A Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) como elemento-chave da aprendizagem

Um dos conceitos centrais da teoria de Vigotski (2000, p. 327) é a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), apresentada por ele como:

Essa discrepância entre a idade mental real ou nível de desenvolvimento atual, que é definida com o auxílio dos problemas resolvidos com autonomia, e o nível que ela atinge ao resolver problemas sem autonomia, em colaboração com outra pessoa, determina a zona de desenvolvimento imediato da criança.

Ou seja, a distância entre o que a criança é capaz de fazer sozinha – entendida aqui como seu nível de desenvolvimento real – e aquilo que ela realiza com apoio de uma pessoa mais experiente do seu grupo social – o nível de desenvolvimento que a criança poderá alcançar, isto é, seu desenvolvimento potencial – são o que Vigotski caracteriza como Zona de Desenvolvimento Potencial, ou Proximal. Assim, quando o aluno não consegue resolver uma atividade sozinho, necessitando de apoio da professora ou de um colega da sala, os seus processos cognitivos estão imaturos, mas, com o passar do tempo, o aluno vai adquirindo maturidade e consegue realizar as atividades com segurança e autonomia. Veja, a seguir, o infográfico demonstrando esta teoria apresentada por Vigotski:

FIGURA 5 – INFOGRÁFICO DA ZONA DE DESENVOLVIMENTO PROXIMAL



FONTE: Brasil (2024).

O coletivo da escola ajuda no desenvolvimento da linguagem, visto que a criança aprende ouvindo as outras crianças da sala de aula, apropria-se do conhecimento e o transfere para a sua família e seus outros colegas. É por isso que Vigotski (1984 *apud* Rego, 1995, p. 98) afirma que, “aquilo que é a zona de desenvolvimento proximal hoje será o nível de desenvolvimento real amanhã, ou seja, aquilo que uma criança pode fazer com assistência hoje, ela será capaz de fazer sozinha amanhã”.

No processo de ensino-aprendizagem na escola, o nível de desenvolvimento real da criança deve ser tomado como ponto de partida; e os objetivos adequados à faixa etária, ao nível de conhecimentos e as habilidades de cada grupo de crianças, como ponto de chegada. A escola tem o papel de fazer a criança avançar em sua compreensão do mundo a partir do que ela já conhece e alcançar etapas posteriores ainda não alcançadas.

De acordo com Rego (1995), a partir da imitação (instrumentos de reconstrução do sentido vigotskiano), o indivíduo aprende o fornecimento de sugestões, assim, exemplos e demonstrações no contexto escolar adquirem um papel de extrema importância. É interessante que se promovam situações que permitam a imitação, observação e reprodução de modelos.

O professor ou mediador pode auxiliar a criança a avançar em seu desenvolvimento cognitivo, fornecendo-lhe desafios que sejam adequados ao seu nível de desenvolvimento e ao seu potencial de aprendizagem. Por exemplo: um

professor de Matemática pode identificar que seus alunos estão no nível de desenvolvimento potencial de resolver problemas de adição com números de dois algarismos, então, ele pode fornecer aos alunos atividades que os ajudem a desenvolver essa habilidade, como trabalhar em grupos para resolver problemas, fornecendo pistas para que cheguem à solução.

Algumas estratégias educacionais que podem ser utilizadas para promover a aprendizagem na ZDP são:

- Colaboração entre pares: os alunos podem trabalhar juntos para criar um projeto de Arte e preparar uma apresentação.
- Tutoria: um professor ou mediador pode fornecer ajuda e orientação aos alunos.

Aprendizagem por projetos: os alunos podem trabalhar em projetos que são desafiadores e significativos para eles.

Segundo Oliveira (1997), com base em Vigotski, o bom ensino é aquele que se adianta ao desenvolvimento, ou seja, que se dirige às funções psicológicas que estão em vias de se completarem. Essa dimensão prospectiva do desenvolvimento psicológico é de grande importância para a Educação, pois permite a compreensão de processos de desenvolvimento que necessitam da intervenção, da colaboração de parceiros mais experientes da cultura para se consolidarem e, como consequência, ajuda a definir o campo e as possibilidades da atuação pedagógica.

## 2.4 FORMAÇÃO E TRABALHO DOCENTE

Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996), título que trata “Dos Profissionais da Educação”, temos:

A formação dos profissionais da educação, de modo a atender aos objetivos dos diferentes níveis e modalidades de ensino e às características de cada fase do desenvolvimento do educando, terá como fundamentos:

- I. a associação entre teorias e práticas, inclusive mediante a capacitação em serviço;
- II. aproveitamento da formação e das experiências anteriores de ensino e outras atividades (Brasil, 1996, art. 6, inc. I-II).

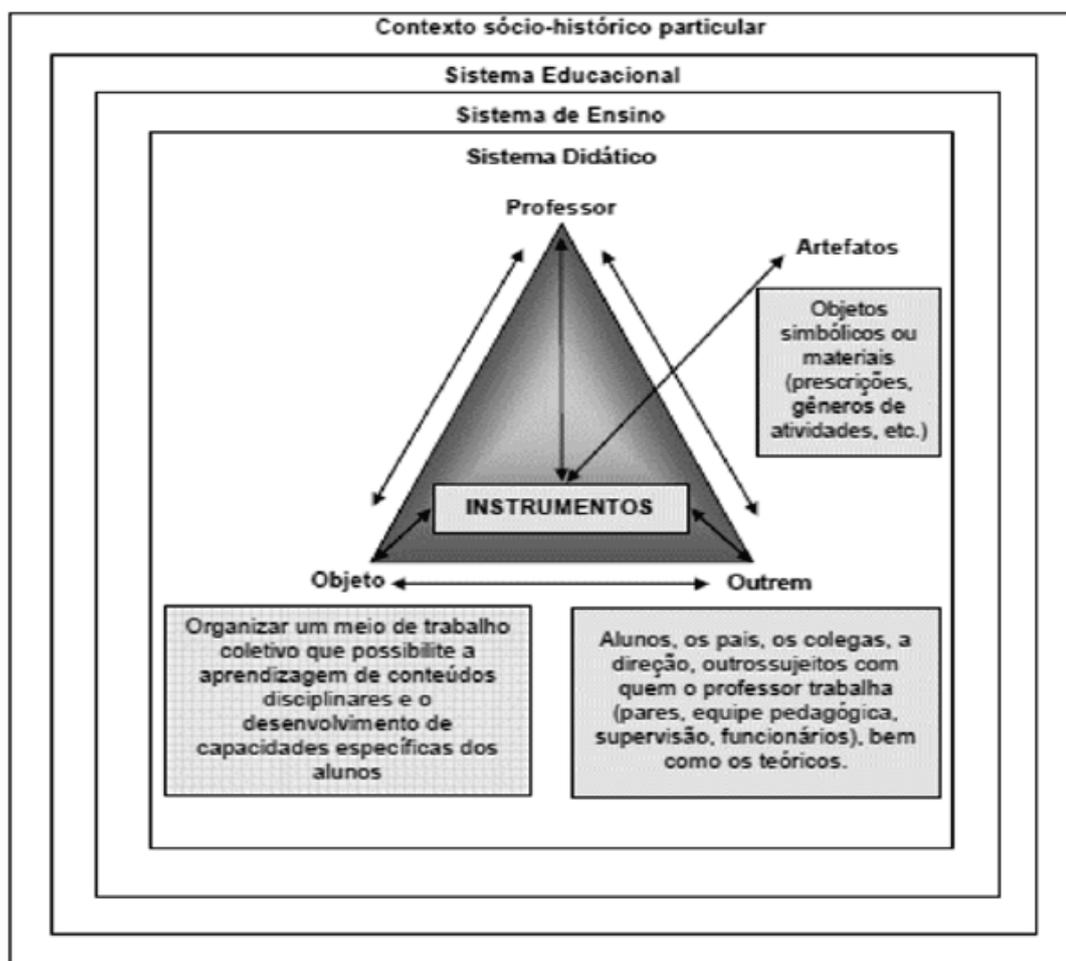
De acordo com Rego (1995, p. 117),

[...] os que trabalham na área de formação de professores não podem esperar mudanças na atuação do professor junto a seus alunos, se não mudarem a sua forma de atuar junto aos professores. Para que se possa ajudá-los na construção de novos conhecimentos é preciso partir daquilo que ele sabe. Nesse sentido, entendemos que o pensamento de Vigotski também inspira reflexões, no que se refere à questão da formação dos professores.

Em relação ao trabalho desenvolvido em sala de aula, o professor se mobiliza integralmente em suas múltiplas dimensões (físicas, cognitivas, linguísticas, afetivas etc.), com o objetivo de criar um ambiente propício à aprendizagem de determinados conteúdos pelos alunos, com capacidades a eles relacionadas. Seu trabalho é desenvolvido em interação permanente com os alunos, e também com “outros” não presentes fisicamente na situação. Trata-se de uma atividade instrumentada, no sentido de que o professor, para realizá-la, utiliza instrumentos materiais ou simbólicos, oriundos da apropriação, por si e para si, de artefatos disponibilizados pelo seu meio social (Machado; Lousada, 2010).

Com base nos aportes da Clínica da Atividade (Clot, 2010), as autoras Machado e Lousada (2010) buscam representar visualmente um esquema dos elementos básicos trabalho do professor, inserida no contexto das relações sociais que é a base de toda a Educação, pautada nestes três polos, funcionando de forma interligada em um conjunto dentro da Educação.

FIGURA 6 – O TRABALHO DO PROFESSOR



FONTE: Machado e Lousada (2010, p. 628).

Os artefatos são objetos que os docentes utilizam para desenvolver um conteúdo específico, em uma determinada disciplina, como rótulos, letras, números, cédulas de dinheiro, moedas, material dourado etc. Para facilitar a assimilação cognitiva, o professor verbaliza com diversos exemplos, a partir de um artefato, para que seus alunos possam compreender o conteúdo apresentado, ocorrendo um processo de semiotização, ou seja, passando a ter um significado para os alunos.

A partir do momento em que o aluno consegue relacionar outros objetos com aquele apresentado na aula pelo professor e utilizá-lo de outras formas, como instrumento para realizar outras tarefas, acontece a passagem do nível concreto para o nível abstrato, ocorrendo, então, uma dupla semiotização, e o artefato torna-se uma instrumento para a aprendizagem.

Os instrumentos são ferramentas que representam um símbolo, por exemplo, a Bandeira do Brasil como representante de uma nação, um pertencimento à nossa pátria. Dessa forma, os artefatos e as ferramentas estão interligados no

trabalho do professor, formando o processo de dupla semiotização, de acordo com a concepção vigotskiana:

Cada função psíquica aparece duas vezes no curso do desenvolvimento da criança: primeiro como uma atividade social coletiva e, portanto como uma função intersíquica; depois, intervém uma segunda vez como uma atividade individual, como uma propriedade interior do pensamento da criança, como uma função intrapsíquica (Vigotski, 1985a, p. 111 *apud* Schneuwly; Martin, 2022, p. 7).

Segundo Machado (2008), a concepção de trabalho ainda é genérica, não sendo suficiente compreendermos o que estamos considerando como “trabalho” na sociedade contemporânea e muito menos como “trabalho do professor”. Trata-se de procurar “ver com outros óculos”, de “ver com olhos novos”, o que aparentemente já nos é dado, isto é, trata-se de apresentar uma interpretação, dentre as muitas que são possíveis, sobre esse agir humano específico.

Dessa forma, podemos entender a relação que os autores fazem quanto aos conceitos das palavras “trabalho” e “emprego”. Para eles, “emprego” é o cargo que se ocupa em uma determinada instituição em troca de um salário; enquanto “trabalho” é o que realizo dentro desse emprego, o modo de executar uma tarefa, manejar um instrumento, ou seja, as regras impostas de cima para baixo. Por exemplo: preparar aulas, atividades e avaliações; fazer o seu planejamento e portfólio; criar e confeccionar materiais pedagógicos; e aprender a usar recursos tecnológicos para tornar as aulas mais atrativas e significativas.

Já o conceito “métier” se refere ao trabalho que o professor exerce dentro da escola, nas relações pessoais, impessoais, interpessoais e transpessoais (Machado; Lousada, 2010). Ou seja, minhas opiniões, meu comportamento e meu modo pessoal de me apresentar diante das questões educacionais se referem às relações pessoais; como executo as aulas, planejamentos e participo da organização da escola envolvem a relação impessoal; como me relaciono com os professores, direção, coordenação e demais funcionários da escola demonstra a minha interação interpessoal; e, por último, quando, enquanto professor, me aposento e deixo a minha história e a minha marca, que é lembrada por outros professores, ou quando se associa uma qualidade ou característica física por parte dos pais a um determinado professor (quando os pais não se lembram do nome do professor dentro da unidade escolar), refere-se à relação transpessoal.

Sendo assim, de acordo com Machado (2004), "o trabalho do professor é um enigma", pois compreendemos que o trabalho docente se constrói e reconstrói, está sempre inacabado, no qual o professor tem que se adaptar conforme a necessidade do momento, para acompanhar as demandas do sistema educacional. Por exemplo, quando foi preciso aprender a usar as tecnologias digitais em tempos de pandemia, do dia para a noite, formando um grupo de WhatsApp com os pais, gravando vídeos com aulas, respondendo questionários em aplicativos, participando de conselho de classe e cursos da Secretaria da Educação pela web em salas virtuais. Com as mudanças rápidas no trabalho, o professor teve que aprender a realizar a sua docência de maneira diferente do que eram acostumados, com uma evolução tecnológica em sua vida profissional e pessoal, pois tudo está interligado.

No trabalho docente,

[...] a tarefa refere-se ao que deve ser feito, e pode ser objetivamente descrita em termos de condições e objetivos, de meios (materiais, técnicos...) utilizados pelo sujeito. A tarefa não é definida pelo sujeito, no domínio do trabalho do professor, elas são prescritas pelos planejadores, pela hierarquia (Amigues, 2004, p. 39).

A prescrição diz respeito aos cronogramas, conteúdos, Registro de Classe Online (RCO), decretos, leis e avaliações que são repassados pelos diretores da unidade educacional e que precisam ser cumpridos pelo professor, dentro do espaço escolar, ou seja, são seu "trabalho prescrito".

Já o "trabalho realizado" corresponde apenas a uma pequena parte do "trabalho real" (o que é visível) e é na reconcepção das prescrições que consiste a atividade de trabalho. As correntes das Ciências do Trabalho de inspiração vigotskiana usam o recurso de instrumentos mediadores que possibilitam considerar o trabalho como um todo, ou seja, o real da atividade, propondo métodos para a intervenção e a coanálise do trabalho (Lousada, 2017). Dessa forma, o professor analisa e reorganiza o seu planejamento e as prescrições para si mesmo, daquilo que não foi possível aplicar para os alunos, conforme planejado em um primeiro momento.

Entretanto, os pesquisadores da Ergonomia e da Clínica da Atividade analisam as situações de trabalho de forma integral, a atividade realizada e o real da atividade, ou seja, os conflitos que causam sofrimentos, as atividades suspensas e impedidas. Para Clot (2001 *apud* Fazion 2017, p. 37), essa atividade impedida pode

se tornar o objeto de uma elaboração coletiva e abrir novos horizontes, na medida em que conseguimos fazer viver, graças às controvérsias entre profissionais, os “debates de escola” sobre os detalhes da atividade.

O papel da Clínica é promover o poder de agir, por meio do real da atividade, com seus métodos indiretos,

[...] tanto a instrução ao sócia, quanto a autoconfrontação têm o objetivo de propiciar verbalizações e por meio delas a atividade é recriada, revivida em um outro contexto, permitindo que o indivíduo se torne um outro para si mesmo (Clot, 2001 *apud* Fazion; Lousada, 2021, p. 238).

Desta forma, apresentaremos, a seguir, a metodologia e os métodos utilizados pela Ergonomia Francófona e a Clínica da Atividade, bem como a sua origem histórica na Europa e suas contribuições voltadas para o fortalecimento do coletivo em relação ao trabalho, favorecendo a saúde no trabalho.

## 2.5 A FORMAÇÃO PELA COANÁLISE DO TRABALHO: OS APORTES DA CLÍNICA DA ATIVIDADE

A Clínica da Atividade é uma metodologia de ação para mudar o trabalho e a busca de capacidades imprevisíveis em uma atividade. Ela propõe meios de agir sobre as relações entre atividade e subjetividade, individual e coletivo (Vigotski, 2010). Ou seja, o que eu posso fazer para melhorar o meu trabalho, que ações devo realizar para garantir a saúde no meu trabalho, enquanto docente pertencente a um coletivo de trabalho.

O método desenvolvido na Clínica da Atividade, segundo Clot (2017), divide-se em três fases:

- 1ª fase: instância dialógica sobre a qualidade de trabalho de cada pessoa, análise do dia a dia.
- 2ª fase: Análise do trabalho coletivo e o que pode ser mudado, através da Autoconfrontação ou Instrução ao Sócia, para desenvolver o psicológico do coletivo envolvido neste trabalho. Tendo como objetivo o desenvolvimento transpessoal do métier (com função psicológica e social).
- 3ª fase: os resultados produzidos em vídeos ou em papel, tornam-se

objeto de um diálogo, o coletivo torna-se fonte para mudar a organização do trabalho, alcançando o desenvolvimento impessoal (ao encontrar os sindicatos e a direção) do *métier* da organização.

Dentre as propostas da Clínica da Atividade para (co)análise do trabalho, destacam-se dois métodos: a Instrução ao Sósia e a Autoconfrontação.

Em 1970, surgiu na Itália a Instrução ao Sósia (IaS), com Ivar Oddone, primeiro médico a estudar sobre a saúde no coletivo do trabalho, mostrando como era este trabalho (Oddone; Re; Briante, 2023). Após isso, nos anos 80, Yves Clot, professor de Psicologia no CNAM, apresenta o trabalho de sua equipe no Laboratório de psicologia do trabalho e da ação como Clínica da Atividade, e explica que a equipe busca renovar e prolongar juntas duas diferentes tradições no campo de estudos sobre o trabalho: a ergonomia francófona e a psicopatologia do trabalho, tendo como preocupação central a transformação das situações de trabalho. Ele faz uma adaptação nesse método, que funciona da seguinte forma: um trabalhador voluntário substitui outro trabalhador, recebendo instruções que são gravadas em áudio para que ninguém perceba a substituição. O instrutor-trabalhador escuta a gravação das suas instruções e registra um trecho escolhido para fazer um comentário escrito sobre ele. Esse comentário é compartilhado em um coletivo de trabalho da IaS, gerando novas discussões sobre o trabalho realizado, que são novamente gravadas em áudio.

Em 1996, Daniel Faita desenvolveu dentro da Clínica da Atividade, durante uma intervenção com os condutores de trens (TGV), o método chamado de *Autoconfrontação* (AC), no qual dois participantes voluntários observam a situação de trabalho e elegem as principais dificuldades que serão filmadas pelo pesquisador, em uma sequência de trabalho, sobre a qual, posteriormente, serão feitas as coanálises.

O método da AC é dividido em duas partes. Na Autoconfrontação Simples (ACS), os participantes recebem partes das filmagens para assistirem antes da autoconfrontação da sua atividade com o pesquisador, o encontro é gravado em vídeo, e os trabalhadores respondem às perguntas dos momentos relevantes do seu trabalho, esclarecendo dúvidas e fazendo comentários pertinentes a todo o processo.

Na Autoconfrontação Cruzada (ACC), o pesquisador seleciona partes das gravações dos dois participantes – com temas que surgiram na ACS –, ambos assistem aos vídeos, tecendo novas discussões e reflexões sobre o seu trabalho. Este encontro também é gravado pelo pesquisador. Após o encontro, é realizada uma reunião com todos os trabalhadores, com retorno ao coletivo de trabalho, na qual os trechos com os temas dos vídeos são escolhidos pelos trabalhadores que participaram da autoconfrontação e são apresentados aos demais trabalhadores para serem novamente discutidos.

A Ergonomia Francófona<sup>4</sup> propõe que as tarefas devem adaptar-se ao trabalhador e não o trabalhador às tarefas, com espaço para diálogo, questionamentos, respeito às experiências de cada trabalhador e um ambiente capacitante que favorece o desenvolvimento das capacidades individuais e coletivas. Dessa forma, somente os trabalhadores podem operar transformações duráveis em seus meios de trabalho (Clot, 2001).

Assim, a reelaboração de regras prescritas em comum acordo; um espaço de diálogo e soluções de ideias, construção ou melhoramento dos instrumentos do trabalho; a avaliação do desempenho para verificar as falhas e corrigi-las com apropriação de novos instrumentos; e a apropriação de conhecimentos para argumentar e modificar as tarefas pré-estabelecidas, compartilhando metodologias e instrumentos técnicos como forma de melhorar o coletivo do trabalho; são necessários para que haja um ambiente capacitante, porque, ao contrário disso, o ambiente do trabalho fica doente, possivelmente, adoecendo também o trabalhador.

Nestas duas primeiras décadas do século XXI, muitos professores estão ficando doentes por conta de o seu ambiente de trabalho também estar doente. Assim, faz-se necessária a reflexão, a partir da Clínica da Atividade e da Ergonomia, sobre o seu trabalho docente e tudo o que envolve o seu métier, possibilitando o poder de agir sobre o seu trabalho, tendo consciência do poder que o coletivo dos professores tem para intervir em situações em que se sentem desconfortáveis, pessoalmente e profissionalmente, dentro do seu espaço de trabalho.

Segundo Caroly e Barcellini (2016, p. 58):

---

<sup>4</sup> “Desde sua criação, até a década de 70, a ergonomia francófona construiu sua especificidade em relação à ergonomia anglo-saxã, tornando-se uma ciência centrada na análise da atividade estudada em situação de trabalho. [...] Essa ergonomia francófona clássica tem como um de seus conceitos principais a distância entre a tarefa, que é o que deve ser feito (trabalho prescrito), e a atividade, o que se faz (trabalho realizado)” (Fazion, 2017, p. 35).

O coletivo de trabalho ajuda a manter a saúde de seus membros, uma vez que influi para que o debate sobre o trabalho não se volte diretamente a questões relativas às personalidades, mas sim à atividade e organização do trabalho. A existência de um coletivo de trabalho leva os operadores e as operadoras a debaterem o significado de suas ações e a compartilharem as maneiras de resolver as questões associadas às situações de trabalho que estão na origem dos conflitos de objetivos no âmbito das suas atividades. Assim, o coletivo fornece um conjunto de gestos profissionais possíveis, de fazer um trabalho de qualidade, com meios e formas adaptados à situação, com o objetivo de preservação da sua saúde e de construção do sentido do trabalho.

A participação voluntária do professor neste método proposto pela Clínica da Atividade é muito importante para vivenciar a experiência da Autoconfrontação, em que ele, refletindo sobre o seu métier, estará aberto para mudar a sua ação, visando à saúde do seu trabalho e, conseqüentemente, a sua saúde como ser humano e como profissional.

### **3 ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS**

#### **3.1 CONTEXTO E PARTICIPANTES**

A área de abrangência desta pesquisa compõe a região do litoral do Paraná, na cidade de Matinhos. De acordo com a Secretaria Municipal de Educação (Smed), o município possui 15 Centros Municipais de Educação Infantil (CMEIs) e 7 escolas de Ensino Fundamental I – algumas destas desenvolvem seu trabalho com a Educação Infantil, atendendo turmas da pré-escola<sup>5</sup>. Entre estas escolas foi selecionada uma, localizada na área urbana do município de Matinhos, onde a pesquisadora atua como docente, para desenvolver toda a formação com alguns professores.

Os profissionais do Magistério que atuam na rede municipal de ensino, estão divididos da seguinte forma: Coordenador Educacional, Educador Infantil, Professor do Ensino Fundamental, Professor de Língua Espanhola, Professor de Artes e Professor de Educação Física, totalizando 502 professores até a data de 25 de novembro de 2022.

A Formação Continuada foi realizada pela pesquisadora por meio de encontros semanais – na segunda-feira, durante o período da manhã, de acordo

---

<sup>5</sup> No município de Matinhos, esta é a nomenclatura utilizada na Educação Infantil, com os níveis Pré I e Pré II.

com a sexta hora-atividade (com duração de uma hora) –, com: uma professora da Educação Infantil, Mariana<sup>6</sup>, do Pré II; e duas professoras do Ensino Fundamental I, Milena, do 3º Ano, e Clarice, do 4º Ano, em uma sala de aula disponibilizada pela direção da instituição escolar, totalizando dez encontros.

A professora Mariana<sup>7</sup> é formada em Pedagogia, há 12 anos, com Pós-Graduação em Pedagogia Empresarial, Psicopedagogia e Educação Especial, possui experiência como docente concursada há 6 anos. Está há 3 meses (até o dia de aplicação da aula) trabalhando em uma das unidades de Educação Infantil (CMEI) do município, na turma do Pré II, com experiência de 3 meses como educadora nesse nível.

Formada em Pedagogia, Pós-Graduada há 3 anos em Neuropsicopedagogia e em Educação para a Inclusão da Diversidade Especial e Social, há 9 anos, a professora Milena atua na Educação Fundamental I como docente concursada há 16 anos – com 10 anos de dedicação ao trabalho na escola Caetana Paranhos –, leciona para a turma do 3º Ano B, com 2 anos de experiência com esse nível de turma nessa escola.

A professora Clarice é formada há 12 anos em Pedagogia, com Pós-Graduação em Atendimento Educacional Especializado (AEE), com ênfase em Autismo e Psicopedagogia Clínica e Institucional. Tem 18 anos de experiência como docente concursada na Educação Básica municipal e iniciou o seu trabalho nessa escola, especificamente, em fevereiro de 2015. Atua na turma do 4º Ano A e possui 5 anos de experiência nesse nível de turma, somente nessa instituição escolar.

Foi realizada uma reunião com a direção, coordenação e professores das escolas que participam do projeto, solicitando a autorização dos professores para a realização da pesquisa e a posterior publicação dos registros obtidos durante a pesquisa.

Este estudo científico iniciou-se com revisão da literatura, a partir da pesquisa bibliográfica e documental sobre a área territorial e a legislação vigente, com o apoio do levantamento das três principais nascentes do Parque Nacional Saint-Hilaire/Lange – próximas ao Morro do Cabaraquara, Sertãozinho e Cambará – e suas condições ambientais.

---

<sup>6</sup> Os nomes são fictícios, de acordo com o Termo de Consentimento Esclarecido (TCLE), para preservar a integridade física e moral dos participantes envolvidos na pesquisa.

<sup>7</sup> Os dados da Formação Acadêmica foram coletados por meio de uma ficha individual elaborada pela pesquisadora, contida no anexo deste trabalho.

### 3.2 OS ENCONTROS DE FORMAÇÃO E AS SDS PLANEJADAS PELAS PROFESSORAS

A formação com as professoras foi planejada em forma de curso de capacitação continuada, com duração de 40 horas, 10 encontros realizados na instituição escolar, 3 visitas de campo no Parque Nacional de Saint-Hilaire/Lange, 1 visita de campo em uma unidade pública de tratamento de água, ao lado do parque, atividades on-line (relatos individuais das professoras, após a aplicação das sequências didáticas e Autoconfrontação Simples e Cruzada, e informações escritas da formação profissional de cada docente), conforme apresentado no cronograma a seguir.

QUADRO 1 – CRONOGRAMA DA FORMAÇÃO (continua)

Data	Atividade
<b>28/03</b> <b>1º encontro</b>	- Acolhimento; entrega de pastas da UPFR Litoral; cronograma da formação; questões para uma roda de conversa com os professores, investigando seus conhecimentos prévios em relação ao parque; registro em áudios e vídeos. - Leitura de banner e folders sobre o parque e seu órgão gestor; acesso às informações por meio do blog; comentários sobre a importância das nascentes de água; visualização do mapa interativo do parque.
<b>25/04</b> <b>2º encontro</b>	- Apresentação do vídeo “A Lei das Águas do Brasil — Português (Brasil)”: <a href="https://www.youtube.com/watch?v=bH08pGb50-k&amp;t=1s">https://www.youtube.com/watch?v=bH08pGb50-k&amp;t=1s</a> e do vídeo do parque: <a href="https://youtu.be/FQkXGfg24bw?si=oCVU8D5MIBmJ5BW9">https://youtu.be/FQkXGfg24bw?si=oCVU8D5MIBmJ5BW9</a> . - Pesquisa com as professoras com os seguintes questionamentos: 1- O tema água pode ser relacionado a quais conteúdos?

QUADRO 2 – CRONOGRAMA DA FORMAÇÃO (continua)

<b>25/04</b> <b>2º encontro</b>	2- Como vocês trabalham este tema? 3- Quais conteúdos vocês acham que seriam interessantes desenvolver nas turmas?
<b>02/05</b> <b>3º encontro</b>	- Leitura e diálogo em grupo do texto sobre Sequência Didática e Engenharia Didática.
<b>09/05</b> <b>4º encontro</b>	- A vida e preservação das nascentes – palestra com a Mestranda Prof. <sup>a</sup> Vandra Ferreti. - Aprendizagem e ZPD (Vigotski). Questionamento aos professores se eles conhecem a teoria, se conhecem a ZPD e o que entendem dela. Apresentação do vídeo: “DO4 Educação e Linguagem: Lev Vigotski – Desenvolvimento da Linguagem (720P_HD)”, vídeo de 9 minutos. - Entrega do texto impresso, pela pesquisadora, apresentando os conceitos de Vigotski em relação à aprendizagem e ZPD, segundo Marta Kohl, para leitura e

	discussão teórica, como esse conceito pode contribuir nas atividades de ensino e aprendizagem.
<b>14/05</b> <b>5º encontro</b>	- Visita dos professores ao Jardim Sensorial – unidade particular de Educação Ambiental localizada dentro do Parque Nacional de Saint-Hilaire/Lange.
<b>23/05</b> <b>6º encontro</b>	- Elaboração de uma sequência didática pelas professoras.
<b>06 a 09/06</b>	- Aplicação da sequência didática elaborada pela professora da Educação Infantil, na turma do Pré II, com filmagem das aulas. - Relato por escrito da professora após a experiência vivenciada na aplicação da sequência didática e do seu trabalho docente.
<b>12, 15 e 19/08</b>	- Aplicação da sequência didática elaborada pela professora do Ensino Fundamental I, na turma do 3º Ano, com filmagem das aulas. - Relato por escrito da professora após a experiência vivenciada na aplicação da sequência didática e do seu trabalho docente.
<b>16 a 18/08</b>	- Aplicação da sequência didática elaborada pela professora do Ensino Fundamental I, na turma do 4º Ano, com filmagem das aulas. - Relato por escrito da professora após a experiência vivenciada na aplicação da sequência didática e do seu trabalho docente.
<b>27/08/22</b>	- Visita de campo dos professores à Cachoeira Salto do Tigre, que pertence ao Parque Nacional de Saint-Hilaire/Lange.
<b>09/09/22</b>	- Visita de campo dos professores à Estação de Tratamento de Água na área urbana de Matinhos, localizada ao lado do Parque Nacional Saint-Hilaire/Lange.
<b>10/09</b> <b>7º encontro</b>	- Entrevistas de Autoconfrontação Simples com a professora do Pré II.
<b>05/10</b> <b>8º encontro</b>	- Entrevista de Autoconfrontação Simples com a professora do 3º Ano.

QUADRO 3 – CRONOGRAMA DA FORMAÇÃO (conclui)

<b>07/10</b> <b>9º encontro</b>	- Entrevista de Autoconfrontação Simples com a professora do 4º Ano.
<b>08/10</b>	- Visita de campo dos professores à nascente de água localizada no Morro do Cabaraquara.
<b>21/10</b> <b>10º encontro</b>	- Entrevista de Autoconfrontação Cruzada, com o coletivo das professoras. - Relato escrito de cada professora, da experiência vivenciada nas Autoconfrontações Simples e Cruzada.

FONTE: A autora (2022).

Durante o primeiro encontro, no dia 29 de março de 2022, em consenso com as professoras, foi criado um grupo em um aplicativo de mensagem intitulado “Formação Docente”, para compartilhamento de links com mapa interativo, vídeos sobre o parque, envio de recados por parte da pesquisadora, da agenda das visitas de campo e do período estipulado para o envio das atividades on-line.

As professoras planejaram as sequências didáticas de acordo com os conteúdos organizados no planejamento bimestral de cada turma, discutidos nos encontros da formação, seguindo a BNCC e envolvendo o tema sobre a importância das nascentes de água no Parque Nacional de Saint-Hilaire Lange, de forma interdisciplinar.

QUADRO 4 – SEQUÊNCIA DIDÁTICA ELABORADA PELA PROFESSORA DO PRÉ II (continua)

<b>Data: 06 a 09 DE JUNHO</b>
<p><b>OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO:</b></p> <p><b>(EI03ET02)</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>● Identificar os fenômenos naturais por meio de diferentes recursos e experiências.</li> <li>● Explorar elementos da natureza (<b>água</b>).</li> <li>● Investigar e registrar as observações a seu modo, sobre os fenômenos e mistérios da natureza.</li> <li>● Fazer registros de suas observações por meio de desenhos, fotos, relatos, escrita espontânea e convencional.</li> </ul> <p><b>(EI03ET03)</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>● Participar de situações de cuidado com o meio ambiente, preservação de plantas, cuidado com animais, economia de água.</li> <li>● importância e preservação da água</li> <li>● Ver áreas de preservação ambiental...</li> </ul>
<p><b>SABERES E CONHECIMENTOS (Conteúdos)</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>● Elementos da natureza: água.</li> <li>● Patrimônio natural e cultural.</li> <li>● Utilidade, importância e preservação da água.</li> <li>● Interpretação oral.</li> <li>● Leitura de imagens.</li> <li>● Apresentação das letras com base na história.</li> <li>● Desenhos livre a partir de imagens,</li> </ul>

QUADRO 5 – SEQUÊNCIA DIDÁTICA ELABORADA PELA PROFESSORA DO PRÉ II (continua)

<p><b>SABERES E CONHECIMENTOS (Conteúdos)</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>● Numerais 1 até 10.</li> <li>● Elementos da natureza: água.</li> <li>● Patrimônio natural e cultural.</li> <li>● Utilidade, importância e preservação da água.</li> <li>● Interpretação oral.</li> <li>● Leitura de imagens.</li> <li>● Apresentação das letras com base na história.</li> <li>● Desenhos livre a partir de imagens,</li> <li>● Numerais 1 até 10.</li> <li>● Noção de capacidade: cheio /vazio.</li> </ul>
---

- Conhecendo melhor água, nascente, rio, mar.
- O homem e a água.
- Preservação do meio ambiente.
- As cores da natureza
- Dobraduras (forma geométrica)

#### **ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO:**

1º dia

Boas-vindas: atividades de rotina

> Levar as crianças ao pátio da escola para observar os morros que fazem parte do parque Sant H, neste momento fazer uma conversa com os aluno para introduzir o assunto.

>Levar as crianças à sala para ver o vídeo: de onde vem a água.

Realizar as atividades impressas, desenhos

> Produções de cartazes com pinturas a giz.

- Fazer com a turma um cartaz sobre os usos conscientes da água com o seguinte título: Seja esperto, não desperdice água!"

> Brincadeira - mão na cabeça mão no pé

2º dia

Boas vindas: atividades de rotina

> Contação de histórias na biblioteca: LEITURA- O CAMELO O BURRO E A ÁGUA. Sérgio Merli, pela, Melhoramentos.

- Fazer interpretação oral do texto com perguntas sobre os personagens da história.

- Uma reflexão importante sobre as práticas que evitam o desperdício.

> Atividades impressas

Hora atividade- aula de arte

3º dia

Boas vindas: atividades de rotina

>Contação de histórias narrada: **água viva** (video)

>Atividades impressas

>Realizações de experiências para identificar noções de capacidade, de alguns elementos do universo; cheio vazio

>Brincadeiras: livre com brinquedos

4º dia

Boas vindas: atividades de rotina

> Relembrar os assuntos estudados, rever os vídeos e fazer um desenho sobre o tema

> Combinar com a turma de fazer uma apresentação: os alunos contarão a história para a professora, para isso será entregue às crianças um cartaz com imagens do livro.

> Modelagem em macinhas aprender fazer um peixinho

Finalizar com entrega da lembrancinha (sapinho em origami)

#### **RECURSOS DIDÁTICOS**

Revistas, tesoura, cola, giz, papel,Pincel, Brinquedo, Livro, Panfletos , Fotos imagens, Revista, copos ou garrafas com água, tv, caderno e riscantes

#### QUADRO 6 – SEQUÊNCIA DIDÁTICA ELABORADA PELA PROFESSORA DO PRÉ II (conclui)

#### **AValiação**

Avaliação realizada por meio da análise dos registros das atividades realizadas pelos alunos e pela participação em aula.

Atividade impressa para o portfólio

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (**BNCC**). Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017.

- Curitiba: Aprende Brasil, 2022. Sistema de Ensino Aprende Brasil – ISBN 978-85-467-1365-3 (Professor);

- Vídeo: **De onde vem a água do rio?**

[https://www.youtube.com/watch?v=O\\_jwDspB1\\_g&t=13s&ab\\_channel=SJuniinho](https://www.youtube.com/watch?v=O_jwDspB1_g&t=13s&ab_channel=SJuniinho)

LIVROS:  
 MERLI. Sérgio, **O CAMELO O BURRO E A ÁGUA**. Melhoramentos  
 ANDRADE. Ana Maria, **Água Viva**, Instituto Ama Leitura, 2020.  
 MUSICA: zip zip cantiga popular

FONTE: Professora Mariana (2022).

QUADRO 7 – SEQUÊNCIA DIDÁTICA ELABORADA PELAS PROFESSORAS DO 3º E 4º ANO  
 (continua)

<b>História</b>
<b>Conteúdos:</b> Lar, doce lar! A cidade onde moro
<b>Objeto de conhecimento:</b> A cidade, seus espaços e suas áreas de conservação ambiental.
<b>Habilidades:</b> EF03HI10
<p><b>Metodologia:</b> Iniciar a aula questionando as crianças sobre a existência da nossa cidade: Matinhos.      Será que nossa cidade sempre existiu? Como era a vida das pessoas que habitam nossa cidade antigamente? Será que essas pessoas tinham acesso aos mesmos serviços que temos na atualidade?      Convidar os alunos a refletir sobre a passagem do tempo com base na análise da ilustração. Mostrar fotos da nossa cidade ontem e hoje.      Organizar uma roda de conversa e, na sequência discutir com eles a respeito de como esse espaço aparece caracterizado.      Após a conversa, iniciar a exploração dos folders da nossa cidade, conversar com a turma sobre as mudanças e permanências que ocorreram em nossa cidade. Aproveitar o momento, e citar um exemplo de transformação na cidade, o qual se implica na vida privada: o abastecimento da água.      Questionar os alunos sobre onde e como utilizam a água no dia a dia. Solicitar que anotem palavras-chaves no quadro e indagar: é possível viver sem água?      Retomar com as crianças o surgimento das primeiras cidades nas proximidades de lagos devido à necessidade humana (ALIMENTAÇÃO, LAVAGEM DE ROUPAS E HIGIENE).      Conversar sobre os serviços de água e de esgoto da nossa cidade e ressaltar que ainda existem diversos municípios sem o serviço de tratamento de esgoto.  <b>Visitar a Sanepar para as crianças conhecerem como funciona o tratamento de esgoto.</b>      Convidar o aluno a refletir como seria a nossa cidade sem o tratamento de esgoto e indagar: de onde vem água? Vocês sabem de onde ela surge?      Anotar suas respostas e pedir que pesquisem em casa.</p>
<b>Geografia</b>

QUADRO 8 – SEQUÊNCIA DIDÁTICA ELABORADA PELAS PROFESSORAS DO 3º E 4º ANO  
 (conclui)

<b>Conteúdo:</b> Município
<b>Objeto de conhecimento:</b> Representações cartográficas
<b>Habilidades:</b> EF03GE06

<p><b>Metodologia:</b> Retomar a aula com os alunos apresentando suas pesquisas. Após a apresentação, refletir com as crianças sobre a importância das nascentes da nossa cidade e questionar: vocês já ouviram falar ou viram uma nascente em nosso município? Já ouviram falar do Parque Nacional Sant-Hilaire/Lange?</p> <p>Hoje vamos conhecer sobre a importância desse parque para o nosso município.</p> <p>Apresentar o Parque para as crianças e sua finalidade.</p> <p>Assistir vídeos de apresentação do Parque.</p> <p>Leitura cartográfica</p> <p>- Localizar no mapa as áreas de preservação do parque no nosso Município.</p> <p>Para proteger as florestas, os animais e as nascentes, foram criados os Parques Nacionais. Faça uma ilustração e escreva situações que colaboram para a preservação da água e da natureza.</p>
<p><b>Língua Portuguesa</b></p>
<p><b>Objeto de conhecimento:</b> Escrita (autônoma e compartilhada) /Construção do sistema alfabético.</p>
<p><b>Habilidades BNCC:</b> EF03LP07, EF03LP13, EF03LP08, EF03LP09, EF03LP14.</p>
<p><b>Metodologia:</b> Retomar os conteúdos das aulas anteriores e propor para as crianças uma produção de texto sobre a importância da proteção das nascentes para o nosso Município.</p> <p>Separar as crianças em grupos para o compartilhamento de informações. Cada grupo ficará responsável por escolher um escriba.</p>

FONTE: Professora Milena (2022).

A elaboração da sequência didática da professora do Pré II teve início no sexto encontro da formação, em 23 de maio de 2022, mas só foi compartilhada por ela no dia 31 de maio de 2022, pela internet, por e-mail e salvo na nuvem (Google Drive) por mim, enquanto pesquisadora deste projeto. No decorrer da semana, entrei em contato com a professora por meio do grupo formado no aplicativo de mensagem, para organizarmos o início da aplicação da sequência didática, obtendo informações em relação ao seu horário no seu local de trabalho, equipamentos disponíveis no CMEI para a exposição dos vídeos e livro digital, comuniquei, também, que havia conversado com a diretora da instituição escolar para fazermos a aplicação da sequência didática.

No dia 6 de junho de 2022 (segunda-feira), no período da manhã, apresentei-me na secretaria do Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI), expondo o meu projeto de pesquisa de Mestrado para a diretora e para a

coordenadora, mas não foi possível iniciar a gravação das aulas da sequência didática, planejada para o período da tarde pela professora participante. Tanto a diretora quanto a coordenadora preferiram aproveitar a reunião de entrega de boletins aos pais – no dia seguinte, 7 de junho de 2022, às 10h30 – para explicar o projeto que seria desenvolvido por intermédio do Mestrado Profciamb da UFPR – Litoral, de modo que estes ficassem cientes do tema que o projeto abrangia (meio ambiente), e distribuir uma autorização para que os estudantes (seus filhos) pudessem participar das gravações das aulas – um respaldo legal para quaisquer problemas futuros que o CMEI possa vir a enfrentar. Assim, as gravações da aplicação da sequência didática tiveram alterações, com início no dia 7 de junho de 2022 (terça-feira) e término no dia 13 de junho de 2022 (segunda-feira).

Durante a formação, as professoras do 3º e 4º Ano optaram por elaborar somente uma sequência didática, devido à demanda de muitos projetos e avaliações externas que teriam que aplicar nas turmas no segundo bimestre. Então a professora do 3º Ano ficou responsável por enviar a sequência didática planejada, no terceiro bimestre, no dia 2 de agosto de 2022 (terça-feira), pela internet, por e-mail e salvo no Google Drive por mim. As professoras definiram que fariam a aplicação das sequências didáticas da seguinte forma: nos dias 12, 15 e 19 de agosto de 2022 seriam feitas as gravações das aulas no 3º Ano, devido à hora-atividade da professora ser na terça-feira (16 de agosto); e nos dias 16, 17 e 18 de agosto de 2022, as gravações das aulas no 4º Ano, por conta da hora-atividade desta professora ser na segunda-feira (15 de agosto).

### 3.3 MÉTODO DE ANÁLISE DOS DADOS

As aplicações das sequências didáticas que as professoras realizaram em sala de aula foram acompanhadas e gravadas por mim, a pesquisadora deste projeto, utilizando alguns materiais como: notebook com cabo carregador e mouse; cabo HDMI; celular com carregador e com suporte; extensão elétrica com adaptador para tomadas; e televisão digital com controle.

Após o término das gravações, enviei, para cada professora, o vídeo de sua respectiva sequência didática aplicada, por meio da internet, e solicitei que elas assistissem e separassem trechos das filmagens que gostariam de comentar no encontro de Autoconfrontação Simples (ACS), o qual foi realizado individualmente

com cada professora. Em seguida, para realizar as autoconfrontações, assisti a todos os vídeos e selecionei trechos que me chamaram a atenção em relação a todo o trabalho docente desenvolvido no ambiente escolar.

As Autoconfrontações Simples (ACS) aconteceram conforme demonstrado no quadro a seguir.

QUADRO 9 – EXECUÇÃO DA AUTOCONFRONTAÇÃO SIMPLES (ACS)

<b>Professoras</b>	<b>Local</b>	<b>Data</b>
Mariana	Em sua casa	10/09/2022
Milena	Na sala de recursos da escola Caetana Paranhos	05/10/2022
Clarice	Na sala de recursos da escola Caetana Paranhos	07/10/2022

FONTE: A autora (2022).

Concluída esta primeira fase de coanálise, enviei novamente, para cada professora participante da pesquisa, o respectivos vídeos gravados da Autoconfrontação Simples (ACS) para que elas pudessem os assistir e selecionar as partes que mais lhe instigaram e fazer comentários no encontro coletivo da Autoconfrontação Cruzada (ACC) – este foi realizado na minha casa, após um café, no dia 21 de outubro de 2022, às 17h15. O dia e o horário da Autoconfrontação Cruzada (ACC) foram escolhidos anteriormente pelas professoras, pois estas trabalham o dia todo – além disso, uma das professoras não trabalha no mesmo local das demais professoras –, e para que fosse possível a realização dessa metodologia, era necessária a participação de todas as professoras que fazem parte da formação.

Dessa forma, buscaremos, com os dados coletados após a realização de todo o processo descrito e com base nos conceitos apresentados na parte teórico-metodológica, responder às questões de pesquisa.

Após a transcrição das entrevistas de Autoconfrontação Simples e Cruzada, fizemos uma análise preliminar a fim de observar os temas mais relevantes para as professoras, conforme a tabela a seguir:

TABELA 2 – TURNOS DE FALA DAS ACS E ACCs

Temas	Turnos de fala Mariana	Turnos de fala Milena	Turnos de fala Clarice
<b>1. Contribuição da Formação docente para as professoras</b>	4	2	1
<b>2. Importância do Visual para a criança</b>	5	2	2
3. Mapeamento dos conhecimentos prévios dos alunos	1	2	1
4. Consciência ambiental	2	-	-
<b>5. Adaptações incluídas durante a SD</b>	6	3	1
<b>6. Metodologia diversificada</b>	9	3	4
7. Aprendizagem por meio da Sequência Didática	4	2	1
<b>8. Exposição dos trabalhos ao coletivo da turma e ao coletivo da escola</b>	3	2	1

FONTE: A autora (2023).

Os temas em destaque são os selecionados para a análise na nossa pesquisa.

#### 4 ANÁLISES E DISCUSSÃO

Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão.

**Paulo Freire**

Nesta seção, vamos retomar os objetivos da pesquisa, refletindo, por meio das análises, as respostas encontradas no decorrer do processo prático da pesquisa. Iniciamos com o primeiro objetivo.

##### 4.1 APRESENTAR O PARQUE NACIONAL SAINT-HILAIRE/LANGE AOS PROFESSORES, POR MEIO DE VÍDEOS, FOTOS E PESQUISA DE CAMPO, CONTEXTUALIZANDO OS CONTEÚDOS DOS COMPONENTES CURRICULARES RELACIONADOS AO TEMA ÁGUA E SUA PRESERVAÇÃO

Iniciei a formação, no dia 28 de março de 2023, desejando “bom dia”, “boas-vindas” e agradecendo a participação das professoras, comentei, também, sobre o momento tão importante de parceria entre a universidade, a escola e as

professoras. Em seguida, entreguei aos presentes uma pasta da Universidade Federal do Paraná, contendo um cartão com a seguinte mensagem: “A sua presença é motivo de alegria! Boas-vindas!”, um cronograma da nossa formação e folhas sulfite para as anotações pertinentes durante a formação.

Expliquei para as professoras que a formação seria conduzida com questionamentos e gravação das respostas e comentários orais, no celular e notebook, para uso posterior na minha pesquisa. Disse a elas que ficassem à vontade, em nossa roda de conversa, para questionar, comentar e relatar seus conhecimentos e experiências pedagógicas em relação ao tema “água”.

A partir de conversa informal e questionamentos **sobre os conhecimentos prévios** do parque, duas professoras relatam que já tinham ouvido falar o nome do parque, mas desconheciam a sua localização e abrangência. Enquanto uma das professoras, conhecia apenas uma parte, onde havia uma trilha para caminhada contornando o Morro do Cabaraquara, até chegar ao bairro do Tabuleiro, dentro do município de Matinhos. Podemos observar, pelos relatos das professoras, que elas identificam o conceito do que é uma nascente de água e reconhecem a importância dessas nascentes existentes no parque, mas conhecem superficialmente, para fins pedagógicos, o potencial do Parque Nacional de Saint-Hilaire/Lange.

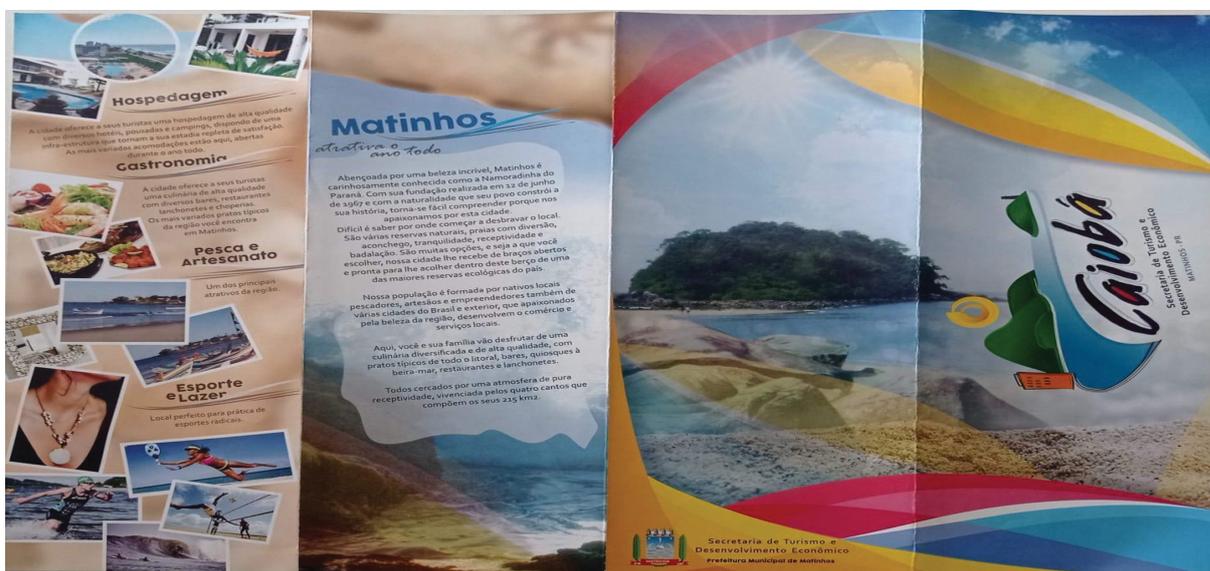
Durante a formação, **o Parque Nacional de Saint-Hilaire/Lange foi apresentado às professoras** por meio de materiais gráficos adquiridos na unidade gestora do parque, administrada pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), com escritório em Matinhos, contendo imagens e informações sobre o parque, conforme exposto a seguir.

FIGURA 7 – FOLDER 1: LOCALIZAÇÃO, BIODIVERSIDADE E LEGISLAÇÃO DO PARQUE



FONTE: Acervo ICMBio (2022).

FIGURA 8 – FOLDER 2: MATINHOS E O TURISMO (FRENTE)



FONTE: Acervo ICMBio (2022).

FIGURA 9 – FOLDER 2: MATINHOS E O TURISMO (VERSO)



FONTE: Acervo ICMBio (2022).

FIGURA 10 – FOLDER 3: LOCALIZAÇÃO DOS BALNEÁRIOS, BAIRROS E O PARQUE (FRENTE)



FONTE: Acervo ICMBio (2022).

FIGURA 11 – FOLDER 4: LOCALIZAÇÃO DOS BALNEÁRIOS, BAIRROS, E O PARQUE (VERSO)



FONTE: Acervo ICMBio (2022).

FIGURA 12 – BANNER DE APRESENTAÇÃO DO PARQUE NACIONAL DE SAINT-HILAIRE/LANGE



FONTE: Acervo pessoal da autora (2022).

Realizamos visitas técnicas dentro do parque, autorizadas pelo ICMBio, com o acompanhamento dos biólogos do instituto para o conhecimento e identificação das principais áreas de mananciais, que serviriam como suporte para as professoras na elaboração de aulas futuras com suas respectivas turmas (Pré, 3º e 4º Ano).

Bem como a participação na formação da mestranda, Prof.ª Vandra Ferreti, em nosso quarto encontro, realizado no dia 9 de maio de 2022. A professora atua na rede pública municipal e estadual de ensino de Matinhos, e realizou uma palestra

com o tema: “A vida das nascentes”, expondo o seu trabalho realizado com alunos do 5º e 6º ano. Houve comentários orais da mestrandia em resposta aos questionamentos das professoras sobre a sua vivência no decorrer desse trabalho.

Também visitamos o Jardim Sensorial, localizado no Morro do Cabaraquara. Lá, as professoras foram recepcionadas pelo Francisco – conhecido na região por Chico –, técnico em Agroecologia e Gestão Ambiental, com cursos ligados ao paisagismo e ao solo. Nessa visita, ele realizou uma roda de conversa demonstrando a importância da preservação da natureza naquele ambiente, para que todo o ecossistema dependente desta região (fauna, flora, nascentes, rios, e principalmente os manguezais) seja conhecido e preservado pelas próximas gerações.

FIGURA 13 – JARDIM SENSORIAL



FONTE: Acervo pessoal da autora (2022).

Posteriormente, realizamos uma visita de campo com as professoras e biólogos da sede administrativa do ICMBio, que aconteceu no dia 27 de agosto de 2022, na Cachoeira Salto do Tigre, localizada na Rodovia Cambará – PR 508. Durante o trajeto, os biólogos explicaram sobre a área regulamentada em que a cachoeira está, e sobre a outra parte dela, onde inicia a nascente, que está dentro de uma área privada. Eles comentaram, também, sobre as dificuldades de implementação da lei de manejo pelo governo federal, pois o estado tem que

comprar estas áreas privadas para regulamentá-las como parte pertencente ao Parque Nacional de Saint-Hilaire/Lange, porém alguns proprietários locais não querem vender, ou o estado não consegue outras áreas satisfatórias para ambas as partes.

Então a situação fica nesse embate por muito tempo, atrasando a regulamentação para se aplicar o manejo adequado, a fim de transformar a cachoeira e outros pontos do parque em atração turística sustentável, pois isso necessita de recursos financeiros federais, para investimento nas trilhas, por exemplo, com placas de orientação, informações da cachoeira, dos cuidados ambientais (aviso para não deixarem lixo durante a visita), extensão da cachoeira dentro do parque e sua importância para o seu principal afluente, o Rio Guaraguaçu – que por sua vez abastece a estação de tratamento "Águas de Paranaguá" para a população de Paranaguá.

FIGURA 14 – PRIMEIRA QUEDA DA CACHOEIRA SALTO DO TIGRE



FONTE: Acervo pessoal da autora (2022).

No dia 8 de outubro de 2022, em um sábado (as professoras escolheram esse dia devido às suas agendas estarem completas durante a semana), realizamos a visita de campo à nascente de água localizada no Morro do Cabaraquara, no horário das 8h30 às 11h, onde fomos acompanhados por um morador nativo e pescador da região, que nos explicou a importância do parque para a conservação

daquela nascente, sendo fundamental não só para a comunidade local, mas para toda a população matinhense. Segundo as professoras, foi uma grande oportunidade para conhecer de perto as maravilhas da natureza desse parque.

FIGURA 15 – NASCENTE DO MORRO DO CABARAQUARA – GUARATUBA/PR



FONTE: Acervo pessoal da autora (2022).

Realizamos, ainda, no dia 9 de setembro de 2022 (sexta-feira) – como parte da Formação Continuada –, a visita de campo dos alunos e professoras à Estação de Tratamento da Sanepar, localizada no morro do Escalvado, ou Morro da Cruz, na área urbana de Matinhos, no horário das 9h às 10h. Lá, fomos acompanhados por um funcionário responsável por nos orientar sobre todo o processo de captação, no qual a água captada vem de um manancial que está dentro do Parque Nacional de Saint-Hilaire/Lange. Após a visita dos alunos, a professora solicitou uma produção de texto com ilustração do que os alunos entenderam do processo de tratamento de água, explicado pelo funcionário; as produções foram registradas em fotos e vídeo.

FIGURA 16 – PALESTRA NA VISITA A ESTAÇÃO DE TRATAMENTO DE ÁGUA (ETA) SANEPAR



FONTE: Acervo pessoal da autora (2022).

No dia 2 de maio de 2022, iniciei nosso terceiro encontro questionando as professoras sobre o que elas conheciam em relação à **teoria da Engenharia Didática**. Todas responderam que desconheciam esse conceito. Em seguida, fiz uma apresentação em PowerPoint, com os principais estudiosos dessa teoria e seus objetivos em relação à Educação. Houve um momento em que as professoras puderam expor suas dúvidas ou experiências, contextualizando a Engenharia Didática com as suas práticas docentes.

Realizamos a leitura de um resumo impresso sobre a teoria de elaboração da **Sequência Didática**, da escola de Genebra, explicando todas as suas etapas, para que as professoras pudessem elaborar, posteriormente, uma sequência didática de acordo com as suas turmas e o contexto escolar. As professoras comentaram que conheciam a teoria da Sequência Didática, mas que ainda não haviam realizado em seu trabalho docente.

As professoras citaram que o tema “água” pode ser trabalhado de forma interdisciplinar, abrangendo a localização de Matinhos e do parque, de onde vem a água, o ciclo da água, gênero textual, oralidade, leitura e interpretação, produção de texto, artes (releitura) e relação do homem com o meio ambiente.

No próximo encontro da formação, perguntei às professoras se elas conheciam sobre a **Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP)**, mas todas responderam que não conheciam, então apresentei um vídeo sobre a biografia e a teoria de Vigotski.

Em seguida, entreguei um texto impresso às professoras, com os principais conceitos de aprendizagem e a ZDP, segundo Marta Kohl, para complementar as discussões e o entendimento dessa teoria no ambiente escolar. As professoras contextualizaram a ZPD com suas vivências em sala de aula.

No dia 23 de maio de 2022, as professoras participaram da formação para iniciar a elaboração da sequência didática, de acordo com o texto apresentado em nosso terceiro encontro (2 de maio de 2022). Combinamos que as sequências deveriam ser enviadas por e-mail assim que estivessem finalizadas.

Iniciei as gravações das sequências didáticas, primeiramente, na turma do Pré II, no período da tarde, em um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI); e, em seguida, respectivamente, nas turmas do 3º e 4º Ano, no período da manhã, na mesma unidade de Ensino Fundamental na qual estava sendo realizada a Formação Continuada com as professoras.

Finalizadas as gravações, as professoras fizeram um relato da experiência vivenciada durante a aplicação da sequência didática. As entrevistas de Autoconfrontação Simples (ACS) aconteceram após as professoras assistirem aos vídeos gravados das sequências didáticas, que também foram gravadas, nas quais responderam às minhas perguntas e teceram comentários sobre o que lhes chamou mais atenção em relação ao trabalho desenvolvido em sala de aula.

Dando continuidade à formação, as professoras assistiram ao vídeo da Autoconfrontação Simples, enviado por mim, e participaram coletivamente da Autoconfrontação Cruzada (ACC) refletindo sobre os desafios pós-pandemia, que afetaram o trabalho docente, e, ao mesmo tempo, tendo um novo olhar sobre a sua postura e a postura do coletivo, sobre a organização no trabalho para o trabalho.

As professoras finalizaram a participação na Formação Continuada entregando um relato escrito sobre a experiência vivenciada no processo da Autoconfrontação Cruzada.

Com relação ao segundo objetivo, apresentamos cada experiência vivenciada no processo prático da sequência didática.

#### 4.2 ANALISAR A APLICAÇÃO DE UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA, EM UMA SITUAÇÃO REAL DE ENSINO, TOMANDO COMO BASE EPISTEMOLÓGICA A CLÍNICA DA ATIVIDADE E A ERGONOMIA DA ATIVIDADE

##### 4.2.1 Relatos após a aplicação das SDs pelas professoras

A seguir, apresentamos os relatos das professoras, produzidos após a aplicação das sequências didáticas. Foram encaminhadas, no grupo de um aplicativo virtual criado no WhatsApp durante a Formação Continuada, algumas questões com os pontos importantes para serem abordados nos relatos individuais, porém a professora Clarice optou por apenas responder às perguntas em forma de questionário.

QUADRO 10 – RELATOS INDIVIDUAIS DAS PROFESSORAS APÓS A APLICAÇÃO DAS SDS  
(continua)

PROFESSORA/TURMA	RELATO
<b>PROFESSORA MARIANA PRÉ II</b>	<p>Foi uma experiência bem gratificante aplicar a sequência didática, o conhecimento sobre o parque me deu maior subsídio para trabalhar educação ambiental, principalmente sobre a água. As crianças tiveram uma boa receptividade sobre o assunto e aprenderam de uma forma lúdica.</p> <p>O fato de estarmos sendo filmados não mudou a nossa rotina diária porque não foram usados aparelhos próprios para filmagem como as câmeras filmadoras, então passou despercebido que estávamos sendo filmados e quanto a isso correu tudo normal.</p> <p>A minha dificuldade maior foi a agitação das crianças pois se trata de uma turma muito agitada, não percebi nenhuma dificuldade nos alunos, todos interagiram bem com o assunto e participaram das aulas demonstrando entusiasmo e bom entendimento.</p> <p>Sem mais a relatar eu, Professora Mariana finalizo o registro.</p> <p style="text-align: right;">Matinhos, 8 de agosto de 2022.</p>
<b>PROFESSORA MILENA 3º ANO</b>	<p>Durante a sequência didática, passei pela experiência de ser filmada pela professora e pesquisadora Cristiane. Confesso que me senti um pouco insegura e até com dificuldades de transmitir o</p>

	<p>conteúdo. Ressalto que a pesquisadora foi muito gentil, solícita e não interferiu em momento algum em minha aula.</p> <p>Notei também, no início, que as crianças tiveram um pouco de dificuldades, queriam chamar a atenção para as câmeras, mas, do decorrer das aulas se saíram muito bem. Apesar da minha insegurança, percebi grandes avanços em relação ao tema trabalhado, pois temos que levar em conta que são crianças que vieram de uma pandemia e este é o primeiro ano de vivência escolar.</p>
--	---

QUADRO 11 – RELATOS INDIVIDUAIS DAS PROFESSORAS APÓS A APLICAÇÃO DAS SDS (conclui)

<p><b>PROFESSORA MILENA</b> <b>3º ANO</b></p>	<p>As crianças descobriram de onde vem água, a sua interferência no solo, na vegetação, a importância de cuidarmos dos nossos recursos naturais. Foram estudados também, o ciclo da água, seus estados, sua importância na agricultura, no clima, compreenderam que as relações humanas como agentes interferem e podem causar mudanças nas paisagens naturais e ainda colocam em risco nossos mananciais. É uma experiência que está colaborando e acrescentando na minha vida profissional.</p> <p style="text-align: right;">Matinhos, 05/09/2022.</p>
<p><b>PROFESSORA CLARICE</b> <b>4º ANO</b></p>	<p><b>1) Como foi para você, a experiência de estar sendo filmada no decorrer de cada aula?</b> Me senti desconfortável.</p> <p><b>2) Quais foram suas dificuldades enquanto docente no exercício do seu trabalho?</b> Com o passar dos anos me sinto frustrada, já que não conseguimos manter parceria escola/família. Somos cobrados diariamente pelo sistema, mas o retorno raramente vem.</p> <p><b>3) Quais foram as dificuldades dos alunos durante a aplicação de toda a sequência didática?</b> Falta de atenção dos alunos, muita conversa, dificuldade na interpretação das perguntas feitas.</p> <p><b>4) Houve avanço na aprendizagem das crianças em relação ao tema desenvolvido na sequência didática? Se houve, cite-os.</b> Acredito ser cedo para dizer se houve avanço no aprendizado, mas com certeza despertou interesse na turma para dar continuidade com o tema abordado.</p> <p style="text-align: right;">Matinhos, 28/08/2022.</p>

FONTE: Professora Clarice, Professora Mariana e Professora Milena (2022).

#### 4.2.2 Coanálise da aplicação das SDs pelas professoras

Nesta subseção, analisaremos as entrevistas de Autoconfrontação Simples realizadas após o envio dos relatos da sequência didática das professoras.

Como exemplo da utilização de recursos explorados na formação para a elaboração e aplicação da sequência didática, podemos ver nos excertos a seguir da Autoconfrontação Simples (ACS) da professora Mariana – que atua na Educação Infantil, com uma turma de Pré II – como ela se apropriou dos materiais gráficos e exploração prática para transpor aos seus alunos:

**5. Pesquisadora:** *Então como você falou em relação aos recursos, né. E dentro assim, do seu trabalho, da sala de aula, em relação aos outros e, você já comentou que já trabalhou em outras escolas, neste CMEI atualmente em que você está, como que está a questão assim desses recursos que vêm para você enquanto professor, assim que você acha que precisa ter, pra melhorar a sua prática dentro da sala de aula?*

**6. Mariana:** *É, olha eu não sei te dizer o que que seria, né, importante, o material tipo cartolina, papéis, essas coisas a gente não tem, nos outros anos a gente tinha, mas aí já é uma questão de política, não quero fazer nenhuma crítica, mas é a realidade que agora a gente não tem. Se a gente precisa de um papel, de uma cartolina a gente tem que comprar, então a gente acaba usando aquilo que a gente tem.*

**7. Pesquisadora:** *Então você faz uma adaptação para poder desenvolver o seu trabalho na sala de aula.*

**8. Mariana:** *Isso.*

**9. Pesquisadora:** *Você tem que ter essa desenvoltura, entendi. Nessa aula aqui, foi a, observando aqui no quadro, né, que você colocou algumas figuras ali, você pode comentar em relação a essas figuras que estão aqui na lousa?*

**10. Mariana:** *Hum, eu peguei **algumas figuras** de alguns animais que tem, do sapo que tem no parque e da bromélia, o que eu tinha visto na sua aula, né, **quando a gente fez a formação**, então eu peguei uma foto da cachoeira, e do mapa da cidade com o morro perto da escola, então eu achei interessante as crianças se situar, saberem onde eles estão e onde está a mata, o morro, a reserva, que eu acho que **o visual para a criança pequena é bem importante** porque eles assimilam melhor a aula (Professora Mariana, 2022).*

Podemos observar que a professora selecionou as imagens nos folders para poder ilustrar, para as crianças, a flora e a fauna existentes no parque, bem como os recursos naturais. Ela aponta a importância de ter materiais visuais para crianças pequenas, uma vez que, nessa fase da aprendizagem, elas precisam não somente olhar, mas também tocar, para em seguida perceberem as imagens, as cores, os traços etc. Essa abordagem corrobora a preconização da BNCC sobre:

O estímulo ao pensamento criativo, lógico e crítico, por meio da construção e do fortalecimento da capacidade de fazer perguntas e de avaliar respostas, de argumentar, de interagir com diversas produções culturais, de fazer uso de tecnologias de informação e comunicação, possibilita aos alunos ampliar sua compreensão de si mesmos, do mundo natural e social, das relações dos seres humanos entre si e com a natureza (Brasil, 2018, p. 58).

Os excertos a seguir, da Autoconfrontação Simples (ACS) da professora Milena, que trabalha com alunos do 3º Ano do Ensino Fundamental I, mostram-nos que a docente também se apropriou dos recursos gráficos explorados na formação para a elaboração e aplicação da sequência didática em sala de aula.

**11. Pesquisadora:** *E depois na sequência da aula, você entrega os folders pra eles, então esse material é da escola ou não?*

**12. Milena:** *Não, estes folders a gente conseguiu graças à pesquisadora que está aplicando o projeto pra gente, então ela nos forneceu e doou pra escola, pra uso na escola, **então é um material bem rico, né, bastante imagens, tem informações e que chama a atenção da criança, eu gostei muito.***

**13. Pesquisadora:** *E esse material facilitou o seu trabalho?*

**14. Milena:** *Facilitou.*

**15. Pesquisadora:** *E por que ele facilitou?*

**16. Milena:** ***Porque pesquisando a gente não tem muito acesso a esse material, assim de conteúdo sobre Matinhos, por exemplo, até os materiais que a gente usa apostilado não conta a história da nossa cidade, às vezes conta a história do Paraná, mas não tem específico da nossa cidade, e esse material é bem específico, conta um pouco da nossa cultura, um pouco da história da nossa cidade com as imagens e tem também o textinho, né, pra fazer a leitura, tudo isso eu achei bem interessante*** (Professora Milena, 2022).

Observamos que os folders facilitaram o trabalho docente, pois a professora teve acesso a um material interessante, com informações objetivas sobre a cultura da cidade de Matinhos, abreviando seu tempo de pesquisa em diversas fontes, de acordo com o nível da sua turma e o conteúdo proposto na sequência didática. O material de Matinhos é apostilado, sem contemplar as especificidades do contexto local, as prescrições para o trabalho pedem que se trabalhem as características culturais, geográficas, turísticas e ambientais de Matinhos, o que não está contemplado nas apostilas fornecidas pela gestão educacional do município.

No início da aplicação da sequência didática, a professora Mariana, da Educação Infantil, precisou fazer algumas adaptações que não estavam previstas no seu plano de aula, conforme os excertos a seguir da ACS:

**27. Pesquisadora:** *Então, nesse momento aqui que você sai com eles ali fora, que mudança você teve que fazer nesse dia, porque até então você tinha preparado a aula, né, lá na sua sequência, né, como se fosse a previsão para o dia de sol, e chegou ali estava um dia de chuva, [fala interrompida pela professora participante].*

**28. Mariana:** *É, é.*

**29. Pesquisadora:** *Então assim, olhando o teu trabalho, você teve que fazer alguma adaptação?*

**30. Mariana:** *É que aquela explicação lá sobre o morro eu gostaria de fazer aí fora, né, ter um espaço, porque daí ali **as crianças ficaram na cobertura, porque estava chovendo, então nós fomos é, pela cobertura e eles ficaram todos meio que empilhados ali, né, [risos] aglomerados ali**, então se não estivesse chovendo, eu teria ido no pátio e eles teriam, né, uma disposição, um espaço maior pra eles ficarem, e aí também poderiam visualizar melhor o morro, as árvores, porque ali estava cheio de nuvens, né, e a nuvem cobria a ponta do morro (Professora Mariana, 2022).*

Podemos ver que a professora não conseguiu atingir o objetivo proposto para aquele momento, apesar da adaptação realizada, pois as mudanças meteorológicas afetaram o seu trabalho. Para a Ergonomia da Atividade, sempre existe uma distância entre o trabalho prescrito e o trabalho realizado, ou seja, o trabalho realizado nunca é igual ao trabalho planejado. A essa distância, Clot (1999 *apud* Lousada; Rocha, 2020, p. 336) propõe a noção de “real da atividade”, que compreende tudo o que o trabalhador fez, e, também, tudo o que quis fazer e não foi feito, todos os desejos, vontades, atividades suspensas ou contrariadas etc.

Em um segundo momento, da primeira aula da sequência didática, a professora Mariana fez mais uma adaptação para dar continuidade ao tema, como podemos ver no excerto da ACS a seguir:

**19. Pesquisadora:** *Hum, tá. Em relação a essa atividade que você está desenvolvendo aqui, vou pausar aqui, que você iria passar o vídeo, os alunos aqui na sala de aula, fora da rotina, eles têm acesso a esses vídeos dentro da sala ou não?*

**20. Mariana:** *Não é sempre, antes disso, não é, depois disso eu já fiz mais uma vez, esse momento com a TV, **porque na sala de aula não tem a TV**, então a gente tem que ir lá, emprestar e pedir cabo, é complicado, né, a gente conseguir uma TV para gente pôr na sala, e às vezes o videozinho é de dez minutinhos ou até menos, que as vezes eu só quero dar a introdução com o vídeo pra poder dar aula, **mas exige muito pra gente conseguir**, então acabo usando um livro, só as imagens e eu mesmo contando a história, e falando sobre o assunto, **porque é usar o recurso que a gente tem, né** (Professora Mariana, 2022).*

Percebemos que a professora escolheu um recurso tecnológico, que os alunos não estavam habituados a terem em sala de aula, como forma de modificar a sua metodologia para introduzir um novo conteúdo. Porém, ela aponta as

dificuldades encontradas para usar as ferramentas tecnológicas, algo recorrente no CMEI, e o desestímulo ocasionado pela falta deste recurso na sua prática docente. Com base em Brousseau (2003 *apud* Lousada, 2021, p. 10), “uma dificuldade é uma condição, um caráter de uma situação que aumenta de maneira significativa a probabilidade de não resposta ou de resposta errada dos actantes implicados na situação”.

No decorrer da aplicação da sequência didática, houve adaptações de atividades realizadas pela professora Mariana, da Educação Infantil, e pela professora Milena, do Ensino Fundamental I, que não estavam inseridas no planejamento inicial das aulas, conforme os seguintes excertos da ACS:

**195. Pesquisadora:** *Então, professora, como este vídeo aqui é muito extenso, né, aqui foi a última aula que você trabalhou a questão do reconto oral, que você colocou no início pra eles, e aqui nesta parte, [barulho do mouse], os alunos vêm um de cada vez, de acordo com a história, e fazem o reconto oral, você quer fazer mais algum comentário em relação a essa aula pra gente finalizar? O objetivo dessa atividade e de tudo o que você planejou na sua sequência didática, você conseguiu realizar e atingir seus objetivos?*

**196. Mariana:** *Primeiro que esta parte, aí, **eu não tinha colocado no meu planejamento, foi uma ideia que me ocorreu ali, pra fazer esta interpretação oral**, geralmente eles ficam sentados mesmos na carteira deles, ou em círculo onde a gente vai conversando e eu vou fazendo esta interpretação oral do texto, e é [pausa] de uma forma meio que informal, só que daí me ocorreu a ideia deles fazerem como uma apresentação pra eles recontarem a história pra mim, isso foi na hora, foi inventado na hora. **Eu consegui atingir meus objetivos**, na verdade eu já tinha a ideia de usar as imagens, né, porque eu tinha levado de casa, impressa, né, em papel sulfite, eu levei o livro impresso, porque eu já tinha essa ideia deles olharem as imagens e recontarem a história, **só que esta forma de apresentação foi adaptada naquele momento**, depois de ver o vídeo, muitas coisas eu poderia melhorar, é muitas coisas [pausa], sei lá, não planejei daquele jeito, mas ocorreu daquele jeito e ficou bom (Professora Mariana, 2022).*

**37. Pesquisadora:** *Então, tá, essa atividade aqui, a pergunta é a seguinte, com qual objetivo você realizou o ditado, e se ela estava incluída no planejamento inicial da sua sequência didática?*

**38. Milena:** ***Não, ela não estava incluída, né. Mas daí, como sobrou tempo, né, e como eu falei pra você, eu estou trabalhando bem voltada pra área de alfabetização, então eu aproveitei o tema, e as palavras que eu tinha feito leitura ali, tirei palavras-chave do folder, né, pra que eles pudessem responder, até mesmo [pausa] pra ver a escrita deles, né, das sílabas complexas, como eu falei pra você, tá tudo voltado pra alfabetização no 3º Ano, porque eles estão com bastante dificuldade na escrita** (Professora Milena, 2022).*

**15. Pesquisadora:** *Falando ainda desta atividade, qual foi o objetivo dos alunos trabalharem em duplas, e as carteiras estarem organizadas desta forma?*

**16. Clarice:** *A dupla facilita muito pra criança tímida, que ela tem dificuldade em se localizar sozinha, e o colega eu vejo que acaba ajudando, né, e a forma de organização das carteiras na sala, eu não gosto de trabalhar o ano inteiro com a mesma organização, acho que o aluno trabalhar um atrás do outro, o tempo todo, a gente acaba perdendo o controle, tanto da turma quanto a gente observar o aluno, às vezes, um atrás do outro, você não consegue observar se o aluno tá entendendo ou não, **olhando eles de frente, você consegue observar se a criança está entendendo ou tá desviando o olhar, se ela tá prestando atenção e até a forma de acompanhar o outro** (Professora Clarice, 2022).*

Ressaltamos que as professoras colocaram em prática as atividades que não estavam nas suas respectivas sequências didáticas, em um primeiro momento, como forma de aproveitar o tempo e o material (folders), trabalhando com as principais dificuldades de interpretação e oralidade (Educação Infantil) e alfabetização (Ensino Fundamental). Graças à experiência profissional das professoras, elas conseguem elaborar, no momento da aplicação da sequência, uma modificação para adaptá-la melhor ao desenvolvimento dos alunos. Percebemos, assim, que a professora Clarice desenvolveu as atividades com os alunos em duplas para que o colega mais experiente pudesse auxiliar o colega que apresentasse alguma dificuldade e vice-versa.

Dessa forma, visualizamos as professoras atuando na Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) dos alunos, pois introduziram ferramentas para auxiliar seus alunos no processo de aprendizagem da leitura, interpretação oral e escrita. De acordo com a teoria vigostkiana, “A possibilidade maior ou menor de que a criança passe do que sabe fazer sozinha para o que sabe fazer em colaboração é o sintoma mais sensível que caracteriza a dinâmica do desenvolvimento e o êxito da criança” (Vigotski, 2000, p. 229).

Em uma das aulas da sequência didática da Educação Infantil, a professora desenvolveu uma metodologia diversificada, de forma lúdica, para abordar o tema “água”: com as carteiras organizadas como uma mesa, e as crianças sentadas um pouco afastadas dessa mesa, utilizou-se uma jarra com água e copos para mostrar o conceito de cheio e vazio, conforme o excerto da ACS:

**161. Pesquisadora:** *Então tá, aqui você pode comentar em relação a essa aula, qual o objetivo desta atividade e da organização das carteiras?*

**162. Mariana:** *Porque todos eles podiam observar e ver que está acontecendo lá na mesa, se eu deixasse todos eles livres iam ficar bem perto da mesa, derrubar a água, então talvez algumas pudessem visualizar todo o processo ali, ele fica um pouquinho mais afastado, sentados todos eles tiveram acesso, né, ao que estava acontecendo lá na mesa.*

**163. Pesquisadora:** *Então é, vou adiantar aqui, neste momento aqui aparece no vídeo, né, a entrada da coordenadora e os outros vídeos, que eu mandei nos outros dias, e percebe-se que ela, já no dia anterior, ela já tinha entrado na sala também. Esse movimento da coordenadora, você pode comentar se ela vem todos os dias na sala e que efeito isso causa no seu trabalho?*

**164. Mariana:** *É, nesse momento aí eu acho que ela interrompeu uma sequência de raciocínio, né, se a gente tá levando as crianças a entender, a entender a alguma coisa, e vai por etapas, né, você vai é vai falando e conversando, aí no meio ela interrompe as crianças, parece que já que o que você falou antes já esqueceram não assimilam direito, eu acho eu não sei se estou explicando direito.*

**165. Pesquisadora:** *Está explicando, pode continuar.*

**166. Mariana:** *É, na minha opinião também acho que ela interrompe a sequência de raciocínio, nesse caso aí porque estava no meio da minha explicação, né, é eu acho que ela teria que chamar atenção das crianças, né, poderia ser feito isso no outro momento, né, poderia olhar “ah, não, está no meio da explicação, depois eu volto, é então aí eu interrompo”. E em outros momentos acho, assim, que quando eu paro de estar atendendo as crianças pra atendê-la, as crianças ficam dispersas, vira uma bagunça e eu tenho que ficar chamando atenção deles para poder atender a coordenadora.*

**167. Pesquisadora:** *Então isso para você incomoda ou não?*

**168. Mariana:** *Não vou me incomodar com isso, né, mas eu acho que atrapalha um pouco, é, assim, tem coisas e tipo assim nesse momento eu acho assim que vamos combinar, um dia você vai lá na sala nós vamos conversar com as crianças sobre isso, podia ter sido no começo da aula, né, se era pra falar sobre o comportamento deles, podia ser no começo da aula ou então no finalzinho da aula, né (Professora Mariana, 2022).*

Observamos que a professora organizou o seu espaço dentro da sala de aula, em conjunto com a atividade prática, mas houve uma interrupção no seu trabalho quando estava construindo um processo de ensino para os alunos, tendo que retomar toda a explicação. Com base nos aportes teóricos da ergonomia francófona, “Na atividade impedida, jazem recursos, graças aos quais a organização do trabalho poderia ser reformada, cessando de dissipar a energia de muitos empregados” (Clot, 2013, p. 4).

Como podemos ver nos excertos da ACS, a seguir, a professora Milena, do 3º Ano, e a professora Clarice, do 4º Ano, do Ensino Fundamental, também diversificaram a sua metodologia:

**17. Pesquisadora:** *Então agora a gente vai partir para outro vídeo, que é do mesmo dia, a primeira questão é sobre o início deste vídeo, qual critério você usou para organização das carteiras? Por que é que as crianças estão sentadas desta forma, em círculo?*

**18. Milena:** *Porque eu queria que eles tivessem contato visual um com outro, e também para troca de experiência, né, porque eu acho bem importante, e pra ficar um ambiente mais aconchegante.*

**19. Pesquisadora:** *Entendi. Que tipo de atividade você realizou nesse momento e por quê?*

**20. Milena:** *Então, pra conhecer um pouquinho mais da nossa cidade e, principalmente, como eu falei pra você, como eles não fizeram nem o 1º nem o 2º Ano presencialmente na escola, eles estão com muita dificuldade na leitura, então eu tô trabalhando bastante na área da alfabetização também, então além do conteúdo apostilado, é **trabalhado o respeito, a hora da fala**, eu vejo que essa turminha que veio depois da pandemia, eles estão tendo uma dificuldade de socialização, estão mais egocêntricos, você viu que ali eu **chamei várias vezes a atenção deles**, porque eles não respeitam o momento de fala do amigo, **não é só o conteúdo, é várias coisas que a gente tá trabalhando** pra ver se eles conseguem se socializar, né, esse momento da fala é bem importante (Professora Milena, 2022).*

**5. Pesquisadora:** *E quais foram as disciplinas que você conseguiu integrar quando você aplicou a sequência didática?*

**6. Clarice:** *Ah, eu consegui História, Geografia, Matemática, Português, Ciências, foram as cinco disciplinas, as principais ali, que foi interdisciplinar, que eu consegui colocar um pouquinho de cada, a localização, é [pausa] o tempo, o cálculo que a gente conseguiu e a produção de texto (Professora Clarice, 2022).*

É interessante notar que houve um grande reflexo da pandemia, dificultando a realização do trabalho, conforme destaca a professora Milena, no qual o sistema educacional coloca na docência uma responsabilidade excessiva para resgatar o interesse, a aprendizagem, a socialização, e, mesmo com poucos recursos, os professores conseguem desenvolver diferentes metodologias para minimizar algumas das dificuldades evidenciadas no contexto pós-pandêmico.

Percebemos que a professora Clarice contextualiza o conteúdo de forma interdisciplinar, de acordo com o seu planejamento bimestral, integrando as disciplinas para favorecer o seu trabalho docente.

Por fim, a seguir, apresentamos as análises dos temas relacionados ao terceiro objetivo.

#### 4.3 REFLETIR SOBRE A ATIVIDADE DO TRABALHO DOCENTE, POR MEIO DE AUTOCONFRONTAÇÃO SIMPLES E CRUZADA, E OS RELATOS ORAIS E ESCRITOS DOS PROFESSORES SOBRE A EXPERIÊNCIA DA FORMAÇÃO

As Autoconfrontações Simples e Cruzada evidenciaram a insegurança das professoras perante as câmeras, ao serem filmadas na aplicação das sequências didáticas, mesmo a pesquisadora sendo conhecida e colega de trabalho, o fato de ter a presença de outra pessoa na sala gerou desconforto e desequilíbrio na rotina diária dessas professoras, que observaram a sua organização, postura e aparência

física na sala de aula, conforme nos mostram os excertos da Autoconfrontação Cruzada (ACC):

**61. Pesquisadora:** *Então, agora, o último comentário em relação à sua postura, que você comentou durante a Autoconfrontação Simples em relação à sua postura nas gravações, o que você pode acrescentar além do que você já tinha falado?*

**62. Milena:** *É que eu vi bastante coisas erradas, é, **me organizar melhor como a Mariana falou, né, e também a aparência cansada, né**, que eu olhei ali em alguns momentos, que eu vi e falei assim: “Nossa! Meus cabelos” então tudo, cuidar melhor da aparência até pra ir pra escola, né, pras crianças, que eu notei assim, tava com aquela aparência assim, [risos], [fala interrompida da professora].*

**63. Mariana:** *Cansada! Final de ano! Professora no final de ano! [risos].*

**64. Milena:** *É! E também a organização como a Mariana falou, também concordo com isso, mas **é porque na hora eu me senti muito insegura com a gravação, não sei se vocês sentiram isso, mas eu me senti incomodada**, que daí eu falei: “A Cris foi maravilhosa não atrapalhou em nada, né”, mas foi em relação à minha pessoa, que eu fiquei insegura, eu não sabia como chamar a atenção, como é que eu ia, né, então eu fiquei meio que engessada, assim, mas é, não sei, né, é uma coisa minha, eu tenho muito isso assim, então, vi bastante pontos a melhorar, né, que nem na questão da organização, na questão da aparência, na questão da, “N” coisas ali que [risos], vou ficar aqui até amanhã falando [risos].*

**65. Pesquisadora:** *Além do que você acabou de comentar, quais outros pontos você precisa melhorar?*

**66. Milena:** *Acho que é essas coisas que eu tô falando, né, **na questão da organização também, né, que eu fiquei em alguns momentos perdida, e [pausa] também melhorar assim, até na, como é que eu digo, assim, é, [pausa] na confiança, sei lá, postura, tentar melhorar assim, nessa parte assim, que eu acho assim, que eu vi assim, imagina, você assistindo é diferente e, né, a gente pensa que tá arrasando, mas quando vai ver, nossa, [risos]** (Professora Mariana; Professora Milena, 2022).*

**199. Pesquisadora:** *Analisando o seu trabalho, o que você percebeu que você poderia fazer a mais, o que faltou, o que deu certo, em suas aulas?*

**200. Mariana:** ***Eu vejo assim que eu sou meio desorganizada ali, né, eu é, uma crítica que eu tenho pra mim mesma, né, é as outras coisas eu fiz o que eu podia fazer de melhor, é claro que a gente vai aprendendo a cada dia, e depois disso eu já entrei em uma sequência, né, sobre o meio ambiente, mas sobre a planta, e depois sobre os alimentos, então já fui fazendo uma outra sequência desta sequência** (Professora Mariana, 2022).*

Outro fato importante que podemos perceber é que as câmeras ainda relembrou a pandemia de covid-19, quando as professoras tiveram que trabalhar de forma remota, gravando aulas, sem nem uma formação para aquele determinado momento, gerando um trauma psicológico devido à imposição do sistema durante aquele período.

Observamos que toda a burocracia do sistema educacional, a falta de hora-atividade, a falta de professor auxiliar, a infraestrutura inadequada e os

recursos tecnológicos e pedagógicos sucateados esgotam e dificultam o trabalho docente, afetando severamente a saúde do trabalho e dos professores.

As professoras refletiram sobre o tempo de atenção dado aos seus alunos na sala de aula e os desafios do seu trabalho pedagógico, como apresentado nestes excertos da ACC:

**85. Pesquisadora:** *E agora, a professora Clarice, é, analisando todo esse processo ali, né, como as outras professoras fizeram, das suas aulas e da sua autoconfrontação, como você se vê ali, que comentários você pode fazer em relação ao seu trabalho, a sua postura o seu comportamento, é, nas aulas?*

**86. Clarice:** *É como eu falei, é, a gente tem muito que melhorar, né, é um aprendizado diariamente, a gente tem muito que melhorar, procurar eu acho assim, eu acho assim, eu vi o vídeo prestando atenção, né, procurar até mesmo atender melhor o aluno, dá mais atenção pro aluno, é, vendo ali, eu vejo que a gente se vê, eu me frustrei bastante porque a gente pensa que está fazendo o melhor pro aluno, **muitas vezes você acaba deixando, atende um, mas pelo tempo, não tem tempo hábil, não atende o outro, então acaba que você se frustra, porque depois quando você se vê ali, você analisa e você vê que **você podia ter ajudado melhor aquele aluno, ter explicado de outra forma, mas como o tempo é muito rápido, a gente tá com alunos com muita dificuldade, a gente acaba, né, a organização, eu acho que a gente tem que melhorar muito, né, eu tô percebendo assim que **o professor tá precisando se organizar mais, pra que ele consiga assim, dar uma aula que seja assim, até mais interessante pro aluno, né, procurar assim ter material que seja mais chamativo, que crie mais expectativa no aluno, por outro lado, nós não temos esse tempo hábil de pesquisa, e nós não temos a infraestrutura para fazer esse trabalho, eu percebi ali no trabalho com as crianças, mostrar pra eles os folders, eles saber dos balneários, crianças que não sabiam, não conhecia Matinhos ou sabia que existia Matinhos mas não sabia o que era balneário, né, aquele material é muito interessante, se eu tivesse uma tela maior pra trabalhar se eu tivesse um tempo pra trabalhar, internet na sala pra fazer uma pesquisa pra eles, né, “ali, olha onde fica o balneário”, “então, agora nós vamos mostrar ali em tempo real aquele balneário”, mostrar isso, eu acho que a aula seria mais produtiva e seria assim mais interessante para o professor, então, fazendo uma avaliação, é, **eu me senti frustrada por não perceber, assim, que a gente não consegue atingir o objetivo que a gente gostaria com aquela turma.*********

**87. Pesquisadora:** *Então, você falou em relação à organização das atividades e dos materiais, seria possível diversificar essas atividades?*

**88. Clarice:** *Sim, diversificar, hoje nós estamos trabalhando só o papel, você fala muito da tecnologia, mas nós não temos acesso a essa tecnologia, né, que não fique como uma crítica destrutiva, né, mas é uma crítica construtiva, que não adianta a gente ir pra sala de aula e querer dar uma aula produtiva, dar uma aula interessante, sendo que os nossos **alunos de hoje não são os alunos de dez anos atrás, que você dava um livro, um caderno de caligrafia e eles faziam, hoje eles precisam da tecnologia, eles estão muito além daquilo, então, eu vejo porque que nós somos uma geração muito fraca no aprendizado, eles estão numa defasagem muito grande, porque eles não são alunos mais do papel, eles são alunos da imagem, de tocar, e o que foi percebido. Quando nós levamos eles no Sítio Sensorial, levamos eles na Sanepar, que eles foram conhecer, e, assim, agora eles ficam comentando, “olha, lá tinha tal coisa”, “depois eu fui pesquisar daquela árvore, professora”, “sabia do caranguejo”, então, eles vão levar isso por muito tempo, é algo que chamou a atenção e uma coisa puxa a outra, infelizmente, a gente não tem a tecnologia pra mostrar isso pra eles, que seria interessante, se eu tivesse acesso a uma tela grande, à internet pra mostrar, se a escola tivesse um laboratório de informática funcionando, né, eles poderiam fazer uma pesquisa, como eles fizeram a pesquisa da abelha, e ficaram impressionadas que, sem a abelha, nós temos somente mais quatro anos de vida, e desse tema eles começaram a pesquisar outras coisas, mais não todos, aqueles alunos que têm mais interesse, só que eu não posso cobrar de todos, porque tem aqueles alunos que não têm acesso à internet ainda, né, então acaba sendo frustrante porque a gente passa uma visão, assim, uma cobrança muito grande do aluno, mas a gente não está proporcionando aos alunos aulas atrativas (Professora Clarice, 2022).***

Percebemos que, após a experiência da ACC, a professora analisa o seu trabalho com um olhar introspectivo para o ambiente em que atua, expondo o conflito definido por Lousada (2021), com base em Vigotski (2003a), como a situação em que se deve escolher entre dois motivos, intenções, ou seja, um conflito de interesses que se opõem e que tornam difícil a escolha. Assim, a professora não consegue exercer o seu trabalho conforme o planejado, devido à falta de tempo, de estrutura, tendo a sensação de um trabalho não realizado, com impedimentos no seu poder de agir. Segundo Clot (2001, p. 7),

[...] o que não foi realizado continua a “agir” no sujeito e, por essa razão, é necessário criar meios de resgatar toda a experiência do sujeito, incluindo as lutas internas entre ações possíveis em um determinado momento, das quais apenas uma foi realizada.

A professora Clarice observou que precisa se organizar melhor para expor suas aulas, apresentar os conteúdos de forma mais atrativa e visual, dedicar-se mais na leitura e na pesquisa para modificar o seu trabalho no espaço escolar. Destacou a grande importância dos recursos tecnológicos com acesso à internet como metodologia fundamental para o seu trabalho, repetindo a voz do

governo que impõe uma era de Educação Tecnológica como se este fosse o único caminho para o ensino e aprendizagem. Ao mesmo tempo comenta sobre a vivência dos alunos em diversos ambientes fora da sala de aula, durante a aplicação das sequências didáticas, bem como a importância dessas experiências para a aprendizagem, dessa forma,

[...] a consciência é a experiência vivida de experiências vividas, exatamente da mesma maneira que as experiências vividas são simplesmente experiências vividas dos objetos. A consciência é uma interação, uma reflexão, uma excitação mútua de diferentes sistemas de reflexos (Vigotski, 2003 *apud* Fazion; Lousada, 2016, p. 218).

Essas duas colocações da professora nos mostram os conflitos de critérios para o seu trabalho, pois, apesar de ela explicitar a importância da vivência dos alunos nas atividades práticas e de socialização, repete as injunções do governo sobre uso de tecnologias na Educação sem tomar consciência da contradição entre elas.

Finalmente, após as autoconfrontações, as professoras participantes nos encaminharam relatos escritos sobre toda a experiência pela qual passaram nesta formação-intervenção.

#### 4.3.1 Relatos pós-coanálise em Autoconfrontação

De acordo com os relatos escritos das professoras, elas nunca haviam passado por experiências de análise de sua atividade de trabalho como a Autoconfrontação Simples (ACS) e Autoconfrontação Cruzada (ACC), conforme veremos no quadro a seguir.

QUADRO 12 – RELATOS DAS PROFESSORAS PÓS-COANÁLISE EM AUTOCONFRONTAÇÃO  
(continua)

PROFESSORA	RELATO
<b>PROFESSORA CLARICE</b>	<p>Durante a aplicação da sequência didática com os alunos do quarto ano, foi um misto de insegurança e medo pois não sabia se estava aplicando de forma correta para os alunos, pois ali estava sendo filmado e assim gerou um certo pânico. Quando somos avaliados sempre fica a incerteza se estamos no caminho certo.</p> <p>Após assistir os vídeos foi possível fazer uma autoanálise do meu trabalho, focando nos detalhes. Como o uso</p>

	<p>de materiais diversos: mapas, vídeos, imagens trouxe um maior entendimento para os alunos durante as aulas.</p> <p>Quando fomos para confrontação simples foi um momento de pontuar os prós e os contras, e ali percebi que tive mais pontos positivos do que negativos, levando em conta que estamos voltando de uma pandemia em que os alunos ficaram praticamente dois anos estudando em casa, claro que ali apresentaram diversas dificuldades principalmente em localização quando trabalhamos com os mapas da cidade de Matinhos, pois quase todos os alunos são nativos da cidade, porém a falha acaba sendo bem mais do professor do que dos alunos, quase nunca se trabalha com material concreto e atrativo a eles. Por vários motivos, a escola não tem esse material ou até mesmo quando tem está sucateado, daí o aluno perde o interesse.</p> <p>Na autoconfrontação cruzada podemos debater as dificuldades encontradas nesse primeiro ano pós pandemia, onde a dificuldade voltou generalizada, todos os alunos apresentam dificuldades em mais de um campo de aprendizado. Dessa forma podemos refletir que a educação antes da pandemia não poderá ser a mesma pós pandemia, deverá ser revista a forma de ensinar.</p> <p>O uso de mídias, material impresso e aula de campo deverá fazer parte de nossos planejamentos daqui pra frente, muito mais do que anos anteriores. Nossos alunos perderam o vínculo com a escola e precisamos resgatar isso trazendo aulas mais atrativas e menos maçantes. Hoje devemos trabalhar com a qualidade e não com a quantidade de conteúdo.</p>
--	--

QUADRO 13 – RELATOS DAS PROFESSORAS PÓS-COANÁLISE EM AUTOCONFRONTAÇÃO (conclui)

<p><b>PROFESSORA CLARICE</b></p>	<p>Apesar dos desafios que temos pela frente, podemos sim recuperar a defasagem de nossos alunos, trabalhando de forma correta.</p> <p>Mesmo com todas as dificuldades enfrentadas em nossa carreira de docente que não é pouco, me considero uma profissional em ascensão, onde aprendo todos os dias algo novo.</p> <p style="text-align: right;"><b>Matinhos, 08 de novembro de 2022.</b></p>
<p><b>PROFESSORA MARIANA</b></p>	<p>A autoconfrontação me proporcionou um momento de reflexão sobre a minha prática docente, com posse da teoria adquirida ao longo dos nossos encontros para estudo, percebi a importância da reflexão unindo sempre a teoria e a prática a reflexão e a ação.</p> <p>Algo que eu aprendi é o fato de ser mais organizada para facilitar o trabalho.</p> <p>Na autoconfrontação cruzada o interessante foi quando a professora se viu no vídeo com o cabelo não tão bem arrumado e ela percebeu que devia cuidar melhor da sua aparência. Eu achei isso bem interessante porque muitas vezes nos preocupamos com os alunos com a aula</p>

	<p>nós deixamos de lado, o cuidado conosco mesmo não pode ficar despercebido é algo que nós professores devemos nos preocupar em cuidar da nossa saúde do nosso bem-estar também.</p> <p>Percebi também que as outras professoras também realizam as suas atividades parecidas com as minhas no sentido de preparar atividade extra para os alunos mais rápidos.</p> <p style="text-align: right;"><b>Matinhos, 30 de novembro de 2022.</b></p>
<b>PROFESSORA MILENA</b>	<p>A autoconfrontação cruzada ocorreu na casa da professora e pesquisadora Cristiane de Oliveira Braga. Assistimos aos vídeos e fizemos uma autoanálise do nosso trabalho. Percebi que todas sentiram um misto de insegurança no momento da filmagem e todas nós compartilhamos das mesmas frustrações, de não estarmos no caminho certo, pudemos também trocar experiências e debater sobre os anseios pós pandemia, a sobrecarga de trabalho a saúde mental do docente e funcionários da escola.</p> <p>A autoconfrontação também me fez perceber que devemos sempre estar abertos para mudanças e buscar novas metodologias para podermos auxiliar os alunos da melhor maneira possível.</p> <p style="text-align: right;"><b>Matinhos, 20 de novembro de 2022.</b></p>

FONTE: Professora Clarice, Professora Mariana e Professora Milena (2022).

Podemos observar as dificuldades apresentadas em relação à insegurança e postura das outras professoras nas filmagens da aplicação das sequências didáticas, a necessidade de repensar novas metodologias e formas de educar. Elas trocaram experiências e debateram sobre os anseios pós-pandemia, bem como a sobrecarga de trabalho e a saúde mental do docente, que afeta a aparência física do professor, refletindo sobre a importância do bem-estar no trabalho.

Após todo o processo vivenciado nas ACS e ACCs, as professoras perceberam como esta experiência foi relevante para o seu trabalho, pois puderam refletir sobre as dificuldades de socialização e aprendizagem, em um ano pós-pandemia, no qual a forma de ensinar precisa ser modificada para resgatar o vínculo com a escola, com as famílias e com o trabalho docente.

Dessa forma, compreenderam que, apesar de todas as dificuldades apontadas nas ACS e ACCs, o professor precisa estar aberto para novas possibilidades de repensar a sua prática, com momentos de pesquisa, para que possa desenvolver metodologias diversificadas e contextualizadas; ter acesso a recursos tecnológicos e materiais pedagógicos que tornem suas aulas mais

atrativas; e estar constantemente capacitando-se para o seu desenvolvimento cognitivo e profissional, como um ser inacabado, em constante aprendizado, de acordo com a reflexão do grande patrono da Educação brasileira, Paulo Freire (2011, p. 40): “Gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado mas, consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele. Esta é a diferença profunda entre o ser condicionado e o ser determinado”.

Assim, a Formação Continuada possibilitou às professoras, um novo olhar para o desenvolvimento do seu trabalho, enquanto profissionais incluídas num coletivo, vivenciando diariamente as situações que envolvem todo o trabalho docente, tendo consciência do seu poder de agir no ambiente educacional, demonstradas com atividades criadas pelas professoras, que foram produzidas por seus alunos, após o término da aplicação das sequências didáticas, conforme veremos no próximo subcapítulo.

#### 4.4 DESDOBRAMENTOS DA EXPERIÊNCIA PARA AS PROFESSORAS E ALUNOS

A Engenharia Didática é uma área da didática das línguas responsável por pesquisar e criar ferramentas semióticas que auxiliam o trabalho do professor. Entre essas ferramentas, desde 1980, a equipe da universidade de Genebra criou sequências didáticas com atividades escolares que desenvolvem a linguagem escrita do aluno e o trabalho docente.

A Engenharia Didática é importante para a concepção de inovações, para criar ferramentas fundadas na experiência, na ergonomia do trabalho e nas possibilidades de desenvolvimento da linguagem do aluno e, quando bem organizadas e coordenadas, não limitar a liberdade do professor (Dolz, 2016).

De acordo com Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 128): “[...] as sequências devem funcionar como exemplos à disposição dos professores. Elas assumirão seu papel pleno se os conduzirem, através da formação inicial ou contínua, a elaborar, por conta própria, outras sequências”. Assim, o professor poderá adaptar as atividades e o tempo de realização da sequência didática de acordo com a realidade da sua turma, visando às capacidades reais de aprendizagem.

A formação realizada com as professoras, durante o projeto de pesquisa, terminou em outubro de 2022. Como parte do calendário letivo, todos os anos, em novembro, a Feira Cultural é realizada na escola com exposição de todos os trabalhos produzidos a partir de diversos temas desenvolvidos em sala de aula pelos docentes.

A professora Milena, do 3º Ano, e a professora Clarice, do 4º Ano, fizeram as visitas de campo com seus alunos, no decorrer da sequência, no Jardim Sensorial – localizado dentro do Parque Nacional de Saint-Hilaire/Lange, próximo ao Morro do Cabaraquara – e na Estação de Tratamento da Sanepar – que fica do lado do parque, no Morro da Cruz –, ambos no município de Matinhos, para finalizar a sequência didática.

Porém, no decorrer das aulas, houve um desdobramento de ações reflexivas no sentido do que mais chamou a atenção durante as visitas, a importância do parque para a conservação das nascentes de água e a responsabilidade de cada um fazer a sua parte, para não termos escassez de água no nosso município. Toda essa experiência positiva foi exposta com a produção de textos, confecção de cartazes e maquetes feitos pelos alunos dessas turmas, que foram expostas na Feira Cultural –que aconteceu no espaço escolar, entre os dias 16 a 18 de novembro de 2022, conforme as imagens a seguir.

FIGURA 17 – MAQUETE DA FRENTE DO JARDIM SENSORIAL



FONTE: Acervo pessoal da autora (2022).

FIGURA 18 – MAQUETE DO PARQUINHO, RESTAURANTE E PÍER SOB O MANGUE E O MAR, DENTRO DO JARDIM SENSORIAL



FONTE: Acervo pessoal da autora (2022).

FIGURA 19 – MAQUETE REPRESENTANDO A ESTAÇÃO DE TRATAMENTO DE ÁGUA DA SANEPAR (VISTA DE FRENTE)



FONTE: Professora Clarice (2022).

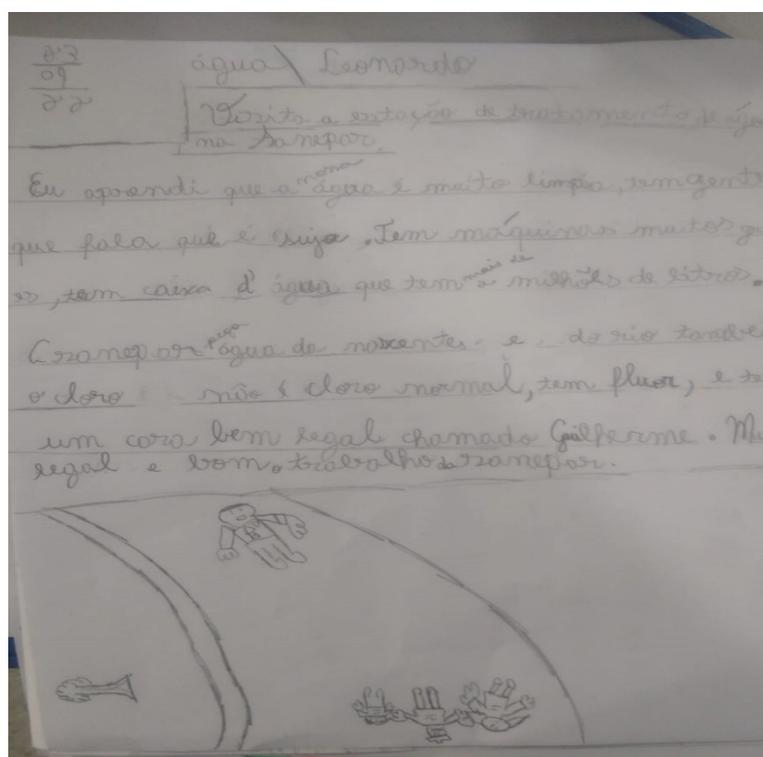
FIGURA 20 – MAQUETE REPRESENTANDO A ESTAÇÃO DE TRATAMENTO DE ÁGUA DA SANEPAR (VISTA 2)



FONTE: Professora Clarice (2022).

Como parte da atividade final da sequência didática, requerida pela professora do 3º Ano, os alunos produziram frases e pequenos textos com ilustrações envolvendo o tema água e o que aprenderem após a visita de campo, realizada à Estação de tratamento de água (ETA), em uma das unidades da Sanepar localizada dentro do município de Matinhos. Esses trabalhos também foram expostos na Feira Multicultural, aberta a toda comunidade escolar. A seguir, apresentamos dois exemplos destes resultados

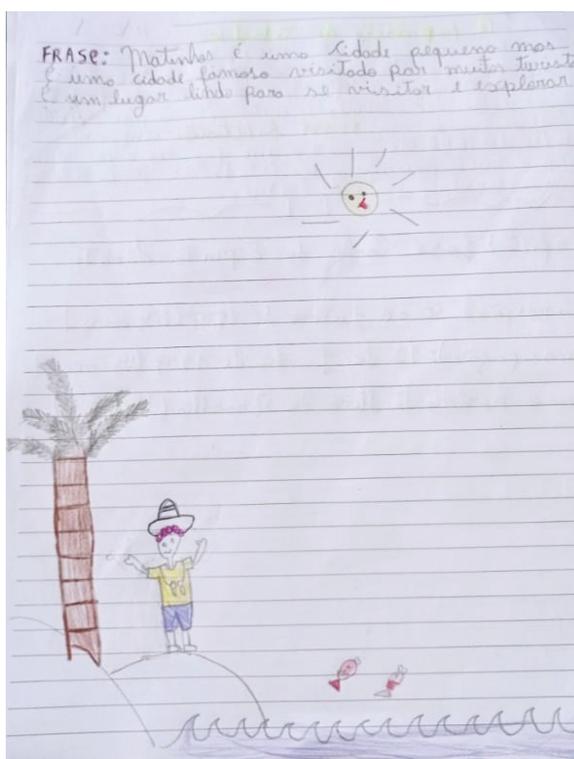
FIGURA 21 – TEXTO PRODUZIDO APÓS VISITA A ESTAÇÃO DE TRATAMENTO DE ÁGUA (ETA)



FONTE: Professora Milena (2022).

LEGENDA: Transcrição do texto: 23/09/22 água/aluno. **Visita a estação de tratamento de água na Sanepar.** Eu aprendi que a nossa água é muito limpa, tem gente que fala que é suja. Tem máquinas muito grandes, tem caixa d'água que tem mais de milhões de litros. A Sanepar pega água da nascente e do rio também, o cloro não é cloro normal, tem flúor e tem um cara bem legal chamado Guilherme. Muito legal e bom o trabalho da Sanepar.

FIGURA 22 – FRASE PRODUZIDA APÓS VISITA A ESTAÇÃO DE TRATAMENTO DE ÁGUA (ETA)



FONTE: Professora Milena (2022).

LEGENDA: Transcrição da frase: Matinhos é uma cidade pequena mas é uma cidade famosa visitada por muitos turistas. É um lugar lindo para se visitar e explorar.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa pesquisa teve como objetivo geral: discutir sobre recursos metodológicos junto aos professores para que estes possam desenvolver sequências didáticas voltadas para o ensino, reconhecimento e estímulo à preservação das nascentes de água existentes em uma unidade de conservação e à importância dos elementos ambientais, como a mata ciliar em volta destas nascentes, utilizando o Parque Nacional de Saint-Hilaire/Lange como base cultural e científica.

Durante o estudo, pudemos responder a algumas de nossas questões, com resultados positivos em relação à compreensão do trabalho docente, bem como encontramos dificuldades de materiais para a realização das filmagens durante a aplicação das sequências didáticas, e também o cronograma com horários e locais das gravações das Autoconfrontações Simples e Cruzada.

Em relação aos seus conhecimentos prévios, as professoras participantes do projeto tinham ouvido falar o nome, mas não souberam informar a localização do Parque Nacional de Saint-Hilaire/Lange, mesmo algumas delas residindo nas proximidades da Unidade de conservação; duas professoras visitaram cachoeiras, porém não sabiam que faziam parte do parque.

No decorrer da implementação da sequência didática, percebemos a importância de se ter uma internet de qualidade com abrangência em todo o espaço escolar, na aquisição e manutenção de equipamentos tecnológicos – como TV digital e cabo HDMI –, sendo necessário o uso destes na exposição de vídeos, fotos e livros digitais nas aulas.

Durante a aplicação da sequência didática, as professoras realizaram algumas alterações em seu Plano de Trabalho Docente (PTD). Para que os alunos pudessem ter acesso a todos os materiais digitais, a professora do Pré II permaneceu na sala de aula, onde tinha acesso ao Wi-Fi, não levando os alunos à biblioteca, como programado anteriormente, na sequência didática. Enquanto a professora do 3º Ano retirou seus alunos da sala e levou-os à sala de recursos, para que eles pudessem ter acesso à TV e diversos materiais digitais que faziam parte da sua sequência didática.

As professoras passaram pela experiência de serem filmadas durante a sequência didática e, segundo o relato delas, sentiram-se inseguras e com dificuldades de transmitir o conteúdo, pois não utilizam em seu trabalho a câmera do celular ou notebook para gravar suas aulas e, além disso, lembraram que as aulas remotas durante a pandemia foram muito desafiadoras, pois não tiveram formação para desenvolver o seu trabalho docente com diversas tecnologias, gerando malefícios à saúde.

Após a realização das Autoconfrontações Simples e Cruzada realizadas com as professoras, podemos constatar que a falta da hora-atividade afeta a saúde do professor, pois no momento em que, por direito, deveriam estar preparando aulas, adaptando atividades para os alunos inclusos, pesquisando e se capacitando, estão com os alunos em sala de aula, o que faz com que realizem esse trabalho após o horário do expediente, sem adicionais monetários.

Outro ponto importante comentado pelas professoras é em relação às grades de aulas impostas pelo sistema, que interrompem a continuidade de um determinado conteúdo, afetando a aprendizagem dos alunos e conseqüentemente o

trabalho do professor, que fica engessado para dar conta das demandas pedagógicas.

Faz-se necessário destacar que o professor não deve ser responsabilizado pela falta de aprendizagem dos alunos, uma vez que, mesmo fazendo o seu trabalho e estando de acordo com as exigências estabelecidas, existem outros fatores como falta de apoio da família, falta de infraestrutura e recursos pedagógicos, distúrbio de aprendizagem que podem impedir os alunos de adquirirem determinado conhecimento.

Dessa forma, a Clínica da Atividade de faz necessária nos desafios educacionais que estamos vivendo, é preciso escutar a classe trabalhadora dos professores, e não somente alunos, pais e estudiosos que muitas vezes não conhecem o chão da sala de aula, o cotidiano da escola, visto que a pandemia de covid-19 adoeceu muitos professores em sua saúde mental, social e profissional.

Assim é nas escolas que o debate sobre os desafios da docência deve acontecer, entre os professores, coordenação e direção, analisando os riscos à saúde desses profissionais em primeiro lugar, ou seja, as decisões devem ser tomadas de baixo para cima, e não de cima para baixo, como estamos vendo, de forma imposta, sem ouvir os docentes que estão na linha de frente da Educação. Seria, então, na prática, a primeira fase da metodologia de uma Clínica da Atividade: o desenvolvimento pessoal.

Durante a Formação Continuada, dialogamos sobre a questão do trabalho como ponto fundamental e quais aspectos são necessários para formar o professor, pois nas licenciaturas são apresentados os conteúdos, metodologias, mas quando o professor inicia seu trabalho na escola, depara-se com um Plano Político Pedagógico (PPP) construído, com a falta espaço para dialogar sobre as questões que norteiam o trabalho, o ensino e aprendizagem. Os conteúdos dentro das disciplinas precisam ser discutidos, pois eles são uma ferramenta para o trabalho do professor – em cima do conteúdo será construída a aprendizagem do aluno.

Os métodos indiretos que fazem parte da Clínica da Atividade, realizados nesta pesquisa, tornaram a ação docente das professoras participantes reflexiva e autoavaliativa, porque em algum momento da nossa caminhada enquanto professores, temos que fazer esta coanálise do nosso trabalho para termos um novo olhar da nossa docência, da nossa saúde e da saúde do nosso trabalho.



## REFERÊNCIAS

A LEI das Águas do Brasil. Brasília, DF: Agência Nacional de Águas e Saneamento Básico, 2014. 1 vídeo (3 min). Publicado pelo canal Anagovbr. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bH08pGb50-k&t=1s>. Acesso em: 20 jan. 2024.

AMIGUES, R. Trabalho do professor e trabalho de ensino. *In*: MACHADO, A. R. (org.). **O ensino como trabalho**: uma abordagem discursiva. Londrina: Eduel, 2004. p. 35-53.

BIGARELLA, J. J. **Matinho**: homem e terra – reminiscências... 2. ed. Matinhos: Prefeitura Municipal de Matinhos: Fundação João José Bigarella para Estudos e Conservação da Natureza, 1999.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**: educação é a base. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf). Acesso em: 20 jan. 2024.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental**. Brasília, DF, 2013.

BRASIL. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. Ministério do Meio Ambiente. WWF. **Educação ambiental em unidades de conservação**: ações voltadas para comunidades escolares no contexto da gestão pública da biodiversidade. Brasília, DF: ICMBio: MMA: WWF, 2016.

BRASIL. **Lei nº 10.227, de 23 de maio de 2001**. Cria o Parque Nacional de Saint-Hilaire/Lange, no Estado do Paraná e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2001. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/leis\\_2001/l10227.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10227.htm). Acesso em: 20 jan. 2024.

BRASIL. **Lei nº 11.516, de 28 de agosto de 2007**. Dispõe sobre a criação do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - Instituto Chico Mendes [...] e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2007. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2007/Lei/L11516.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2007/Lei/L11516.htm). Acesso em: 20 jan. 2024.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 1996. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm). Acesso em: 20 jan. 2024.

BRASIL. **Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999**. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 1999. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9795.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9795.htm). Acesso em: 20 jan. 2024.

BRASIL. **Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000**. Regulamenta o art. 225, § 1o, incisos I, II, III e VII da Constituição Federal, institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2000. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9985.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9985.htm). Acesso em: 20 jan. 2024.

BRASIL. O uso de metodologias ativas colaborativas e a formação de competências. *In*: BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF, c2024. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/implementacao/praticas/caderno-de-praticas/a-profundamentos/202-o-uso-de-metodologias-ativas-colaborativas-e-a-formacao-de-competencias-2>. Acesso em: 26 fev. 2024.

CARNEIRO, S. M. M. A dimensão ambiental da educação geográfica. **Revista Educar**, Curitiba, n. 19, p. 39-51, 2002.

CAROLY, S.; BARCELLINI, F. (org.). **O desenvolvimento da atividade coletiva**. São Paulo: Blucher, 2016.

CLOT, Y. Clínica da Atividade. **Horizontes**, Itatiba, v. 35, n. 3, p. 18-22, set./dez. 2017.

CLOT, Y. *et al.* (ed.). Clinique de l'activité et pouvoir d'agir. **Éducation Permanente**, [s. l.], n. 146, 2001.

CLOT, Y. O ofício como operador de saúde. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 1-11, 2013. Edição Especial.

CLOT, Y. **Trabalho e poder de agir**. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010. 343 p. (Série trabalho e sociedade, 14).

DANTAS-LONGHI, S. M. **A formação como trabalho**: análise da atividade do tuteur-formador de professores de francês como língua estrangeira. Orientadora: Eliane Gouvêa Lousada. 2017. 372 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

DOLZ, J. As atividades e os exercícios de língua: uma reflexão sobre a engenharia didática. **DELTA**, São Paulo, v. 32, n. 1, p. 237-260, 2016.

DOLZ, J.; LIMA, G. ZANI, J. B. Itinerário para o ensino do gênero fábula: a formação de professores em um minicurso. **Textura**, Canoas, v. 22, n. 52, p. 250-274, out./dez. 2020.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. *In*: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos**. Campinas: Mercado das Letras, 2004. (Coleção as Faces da Linguística Aplicada). p. 95-128.

DUARTE, N. A. **O papel das entrevistas de autoconfrontação na formação de professores iniciantes de francês como língua estrangeira**. Orientadora: Eliane

Gouvêa Lousada. 2017. 336 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

FAZION, F. **A elaboração de livro didático baseado em gêneros textuais por professores de francês**: análise de uma experiência. Orientadora: Eliane Gouvêa Lousada. 2017. 292 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

FAZION, F.; LOUSADA, E. G. A entrevista em autoconfrontação como motor para o desenvolvimento: diálogo de uma professora com sua prática. **DELTA**, São Paulo, v. 32, n. 1, p. 215-236, 2016.

FAZION, F.; LOUSADA, E. G. Formação de professores sob a perspectiva da análise do trabalho: dificuldades, conflitos e possibilidades do métier. **Fólio**, Vitória da Conquista, v. 13, n. 1, p. 235-252, jan./jun. 2021.

FAZION, F.; LOUSADA, E. G. O papel do comentário escrito no método da instrução ao sócia e seu uso na formação de professores. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 23, n. 47, p. 109-123, 2019.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

LOUSADA, E. G. **Entre trabalho prescrito e realizado**: um espaço para a emergência do trabalho real do professor. Orientadora: Anna Rachel Machado. 2006. 333 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

LOUSADA, E. G. Intervenção, pesquisa e formação: aprendizagem do trabalho educacional e desenvolvimento de professores. **Horizontes**, Itatiba, v. 35, n. 3, p. 94-104, set./dez. 2017.

LOUSADA, E. G. O papel da língua materna no ensino do francês como língua estrangeira: uma velha questão rediscutida à luz das ciências do trabalho. **Horizontes**, Itatiba, v. 39, n. 1, p. e021038, 2021.

LOUSADA, E. G.; ROCHA, S. M. Articular engenharia didática, clínica da atividade e ergonomia da atividade. **Calidoscópico**, São Leopoldo, v. 18, n. 2, p. 328-350, maio/ago. 2020.

MACHADO, A. R. (org.) **O ensino como trabalho**: uma abordagem discursiva. Londrina: Eduel, 2004.

MACHADO, A. R. Por uma concepção ampliada do trabalho do professor. *In*: GUIMARÃES, A. M.; MACHADO, A. R.; COUTINHO, A. (org.). **O interacionismo sociodiscursivo**: questões epistemológicas e metodológicas. Campinas: Mercado de Letras, 2008. p. 77-970.

MACHADO, A. R.; LOUSADA, E. G. A apropriação de gêneros textuais pelo professor: em direção ao desenvolvimento pessoal e à evolução do “Métier”. **Linguagem em (Dis)curso**, Palhoça, v. 10, n. 3, p. 619-633, set./dez. 2010.

ODDONE, I.; RE, A.; BRIANTE, G. **Experiência operária, consciência de classe e psicologia do trabalho**. Tradução de Ana Maria Chiarini e Diego Silveira Coelho Ferreira. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2023. (Conhecimento e Experiência Operária). PDF. Disponível em: <http://www.fabrefactum.com.br/p-2179448-Experiencia-Operaria,-consciencia-de-classe-e-psicologia-do-trabalho>. Acesso em: 20 jan. 2024.

OLIVEIRA, M. K. **Vigotski**: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico. São Paulo: Scipione, 1997.

ONU. Organização das Nações Unidas. Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável. *In*: NAÇÕES Unidas Brasil. Brasília, DF, 15 set. 2015. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/91863-agenda-2030-para-o-desenvolvimento-sustentavel>. Acesso em: 20 jan. 2024.

PARQUE NACIONAL de Saint-Hilaire/Lange. *In*: UNIDADES de conservação no Brasil. [S. l.], c2024. Disponível em: <https://uc.socioambiental.org/pt-br/arp/2577>. Acesso em: 20 jan. 2024.

PARQUE SAINT Hilaire Lange - Programa Expedições TV Brasil. [S. l.: s. n.], 2016. 1 vídeo (25 min). Publicado pelo canal Correio do Litoral. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FQkXGfg24bw>. Acesso em: 20 jan. 2024.

PARQUES, Reservas e Estações Ecológicas. *In*: PANORAMA do Litoral, Guaratuba, Matinhos, Caiobá. [S. l.], c2014. Disponível em: <http://www.litoral.inf.br/guaratuba/parques/>. Acesso em: 12 jan. 2024.

PIETRARÓIA, C.; ALBUQUERQUE-COSTA, H. (org.). **Ensino de língua francesa em contexto(s)**. São Paulo: Paulistana: Capes, 2013.

RABARDEL, P. **Les hommes et les technologies**: approche cognitive des instruments contemporains. Paris: Armand Colin, 1995.

REGO, T. C. **Vigotski**: uma perspectiva histórico-cultural da educação. Petrópolis: Vozes, 1995. (Educação e conhecimento).

ROCHA, S. M. **Desenvolvimento de capacidades praxiológicas e verbalizações sobre obstáculos na construção de saberes do metiér do professor de francês como língua estrangeira**. Orientadora: Eliane Gouvêa Lousada. 2023. 438 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

ROGER, J.-L. Metodologia e métodos de análise em clínica da atividade. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 111-120, 2013. Edição Especial.

SALTO do Tigre. *In*: PARQUE Nacional de Saint-Hilaire/Lange. Matinhos, c2024. Disponível em: <https://parnasainthilairelange.wordpress.com/salto-do-tigre/>. Acesso em: 20 jan. 2024.

SANTOS, M. **Técnica, espaço, tempo**: globalização e meio técnico-científico. São Paulo: HUCITEC, 1994.

SCHNEUWLY, B.; MARTIN, I. L. Vygotskij, o trabalho do professor e a Zona de Desenvolvimento Próximo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 47, p. e116630, 2022.

SILVA, E. C. **Compreender o trabalho de ensino de francês nos Centros de Estudos de Línguas (CEL)**: sistema educacional, dilemas do *métier* e desenvolvimento profissional. Orientadora: Eliane Gouvêa Lousada. 2023. 435 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2000. (Psicologia e pedagogia).

## Anexos

Anexo 1: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE

### **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE**

Prezado(a) Senhor(a):

Venho convidá-lo(a) para participar da minha pesquisa de mestrado com o título provisório **“FORMAÇÃO CONTINUADA PARA A ELABORAÇÃO DE UMA SEQUÊNCIA DE ENSINO VOLTADA PARA A SENSIBILIZAÇÃO SOBRE A PRESERVAÇÃO DAS NASCENTES DE ÁGUA DO PARQUE NACIONAL DE SAINT HILAIRE LANGE”**.

O objetivo deste curso de formação e a pesquisa é demonstrar recursos metodológicos aos professores através da Engenharia Didática, Clínica da Atividade e a Ergonomia da atividade, para que possam desenvolver sequências didáticas voltadas para o ensino, reconhecimento e estímulo à preservação das nascentes de água existentes em uma unidade de conservação. Sua participação é muito importante para ampliar meus resultados e, com seu consentimento, todas as etapas se darão por meio de reuniões presenciais na escola, de acordo com o horário da sexta hora atividade estabelecido pela instituição, com produção de texto e uso de entrevistas em autoconfrontação, a partir de aulas gravadas, nas sequências didáticas realizadas. Esclareço que a sua participação deverá ser voluntária, podendo o(a) senhor(a) solicitar a recusa ou desistência de participação deste a qualquer momento antes da publicação desta pesquisa, sem que isto lhe acarrete qualquer ônus ou prejuízo. Nós, pesquisadora e sua orientadora, garantimos que todas as suas informações sob nossa responsabilidade serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, sempre preservando a sua identidade. Esclareço, ainda, que o(a) senhor(a) não pagará ou será remunerado(a) pela participação. A participação nesta pesquisa não apresenta qualquer malefício ou risco às integridades física e moral dos participantes envolvidos. Caso o(a) senhor(a) tenha dúvidas ou necessite de maiores esclarecimentos poderá contatar a pesquisadora a qualquer momento através do e-mail particular ([crisoliveira\\_braga@hotmail.com](mailto:crisoliveira_braga@hotmail.com)). Portanto, para o aceite da sua participação, este termo deverá, inicialmente, ser lido, preenchido,

assinado e entregue, sendo guardado por mim pelo prazo de um (01) ano ou até que a pesquisa seja publicada

Matinhos, 15 de março de 2022.

**Pesquisadora Responsável:**

Cristiane de Oliveira Braga  
 CPF: 022.187.659-69  
 E-mail: [crisoliveira\\_braga@hotmail.com](mailto:crisoliveira_braga@hotmail.com)

**Programa de mestrado:**

Mestrado em Ensino das Ciências Ambientais  
 Universidade Federal do Paraná – UFPR  
 Site do programa: [www.profciamb.ufpr.br](http://www.profciamb.ufpr.br)

**Assentimento Livre e Esclarecido do Professor Participante**

Eu, \_\_\_\_\_  
 (Nome completo **DO PARTICIPANTE** da pesquisa), portador do CPF nº \_\_\_\_\_, tendo sido totalmente esclarecido sobre os procedimentos da pesquisa, concordo em participar voluntariamente da pesquisa descrita acima.

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

**Anexo 2: Informações sobre a formação dos professores participantes**

**Formação Profissional**

Nome: \_\_\_\_\_

Formação: \_\_\_\_\_

Tempo da sua formação (graduação): \_\_\_\_\_

Tempo de experiência como docente: \_\_\_\_\_

Tempo de trabalho na escola: \_\_\_\_\_

Turma em que atua: \_\_\_\_\_

Tempo de experiência com o nível/turma: \_\_\_\_\_

### Anexo 3: Transcrição das entrevistas em autoconfrontação

#### 3.1. Autoconfrontação simples de Mariana

1. Pesquisadora - Então, professora, nós vamos começar com a autoconfrontação simples tá, como você já recebeu seus vídeos né você já assistiu anteriormente, então daí agora como eu já coloquei o primeiro vídeo que é em relação ao primeiro dia de aula da sua sequência, e a gente já está aqui com o vídeo aberto então eu vou passando tá e você vai fazendo os comentários que você achar necessário em relação ao seu trabalho, em relação a metodologia em relação a todo o desenvolvimento da sequência em sala de aula, tá bom? Então vamos lá, foi selecionado o primeiro vídeo que é do dia 7 do 6, tá que é o início né, da aplicação da sequência, você pode comentar o que aconteceu aí no início da aula?

2. Mariana - “Neste início foi, uma atividade de rotina que todos os dias a gente faz, nesse momento eu estava explicando para as crianças sobre a sequência numérica, então todas as vezes que eu chegava na sala de aula eu contava quantos meninos e quantas meninas e colocava no quadro para eles terem uma noção de contagem e aos poucos irem assimilando a quantidade que é o algarismo. Aí depois, posso dar sequência?”

3. Pesquisadora - Pode, pode dar sequência!

4. Mariana - “Nesta atividade de rotina que é sempre né chegam, pergunto se está tudo bem, faz uma conversa informal, faz a contagem das crianças, e aí já iniciei a aula, na verdade recapitulei né a aula anterior, falando sobre o maior e o menor, porque eu já tinha trabalhado isso na aula anterior, então eu sempre puxo um pouquinho do que aconteceu na aula, pra então entrar na nova aula, então falei um pouquinho sobre o menor e o maior. E eu peguei ali né um objeto do armário, porque a gente tá acostumado a trabalhar né, às vezes, sem tanto recursos né então a gente tem que trabalhar com o que a gente tem, então ali eu já peguei um pote, peguei uma cola, um objeto qualquer ali, pra que as crianças tivessem noção do que era maior e do que é menor”.

5. Pesquisadora - Então como você falou em relação aos recursos né, e dentro assim do seu trabalho, da sala de aula, em relação aos outros e, você já comentou que já trabalhou em outras escolas, neste CMEI atualmente em que

você está, como que está a questão assim desses recursos que vem, para você enquanto professor assim que você acha que precisa ter né, pra melhorar a tua prática dentro da sala de aula?

6. Mariana - “É olha eu não sei te dizer o que que seria né importante, o material tipo cartolina, papéis, essas coisas a gente não tem, nos outros anos a gente tinha, mas aí já é uma questão de política, não quero fazer nenhuma crítica, mas é a realidade que agora a gente não tem. Se a gente precisa de um papel, de uma cartolina a gente tem que comprar, então a gente acaba usando aquilo que a gente tem”.

7. Pesquisadora - Então você faz uma adaptação para poder desenvolver o seu trabalho na sala de aula.

8. Mariana - “Isso”.

9. Pesquisadora - Você tem que ter essa desenvoltura, entendi. Nessa aula aqui, foi a, observando aqui no quadro né, que você colocou algumas figuras ali, você pode comentar em relação a essas figuras que estão aqui na lousa?

10. Mariana - Hum, eu peguei algumas figuras de alguns animais que tem, do sapo que tem no parque e da bromélia, o que eu tinha visto na sua aula né, quando a gente fez a formação, então eu peguei uma foto da cachoeira e do mapa da cidade com o morro perto da escola, então eu achei interessante as crianças se situar, saberem onde eles estão e onde está a mata, o morro a reserva que eu acho que o visual para a criança pequena é bem importante porque eles assimilam melhor a aula”.

11. Pesquisadora - Eu estou acelerando um pouquinho, porque daí essa parte aqui do vídeo que você falou que você iniciou nesta sobre o parque, daí é, eu vi que nesse vídeo as crianças saíram para fora, foi um horário que você saiu com eles para fora, você se lembra daí o que eles fizeram lá fora?

12. Mariana - “Então, ali como eu falei que eu recapitulei a aula anterior, e aí já comecei falando sobre o morro lá, que dá pra ver pela janela, é e aí as crianças, assim estimula a curiosidade deles né, nós saímos e fomos lá na frente da escola,

que lá eles poderiam visualizar melhor os morros que ficam ao redor da escola. E aí eles olhavam é, perguntei o que que tinha lá, eles olharam o morro, viram que tinha árvore, uma criança falou que tinha dinossauro, falei não isso daí na aula, porque numas aulas anteriores, nós estávamos falando né sobre o dinossauro, entrou nessa área e as crianças achavam que tinha lá né, [risos], é mais dinossauro a gente não dinossauro não tem, mas que que não era só na imaginação né, nas aulas anteriores e aí nós falamos sobre os animais e sobre a vegetação que tinha lá, e que aí depois disso que eu entrei na parte da água que lá também tinha água, que muitas famílias ali da redondeza usam a água que vem do morro né e aí as crianças começaram a falar que “na minha casa a gente usa a água do morro também”.

13. Pesquisadora - Então daí você fez isso assim, pra questão de conhecimentos prévios deles o que eles tinham, você colocou esta atividade como uma sondagem com os conhecimentos prévios que eles tinham?

14. Mariana - Sim, para ver a percepção que eles têm sobre o parque, sobre as águas né, de onde vem a água, é isso aí.

15. Pesquisadora - Aqui nesse vídeo ainda, eu vou acelerar um pouquinho, que aqui nos 18 minutos, você pode descrever o que eles estão fazendo aqui nesta parte?

16. Mariana - “Nesta parte que eles estão na frente do quadro”?

17. Pesquisadora - Não, aqui eles estão virados, acho que eles estão assistindo, o quadro está pra lá, o quadro está aqui.

18. Mariana - “É que depois eles voltaram e foram lá pra ver as imagens do que tinha lá do morro, e aqui eu já estava introduzindo pra eles poderem ver o vídeo e eu falando sobre o ciclo da água.”

19. Pesquisadora - Hum, tá. Em relação a essa atividade que você está desenvolvendo aqui, vou pausar aqui, que você iria passar o vídeo, os alunos aqui

na sala de aula, fora da rotina, eles têm acesso a esses vídeos dentro da sala ou não?

20. Mariana - “Não é sempre, antes disso, não é, depois disso eu já fiz mais uma vez, esse momento com a TV, porque na sala de aula não tem a TV, então a gente tem que ir lá, emprestar e pedir cabo, é complicado né a gente conseguir uma TV para gente pôr na sala, e às vezes o videozinho é de dez minutinhos ou até menos, que as vezes eu só quero dar a introdução com o vídeo pra poder dar aula, mas exige muito pra gente conseguir, então acabo usando um livro, só as imagens e eu mesmo contando a história, e falando sobre o assunto, porque é usar o recurso que a gente tem né.”

21. Pesquisadora - Entendi, e em relação a esta aula você quer comentar assim algum fato que durante esta aula, que chamou a sua atenção, dos alunos como eles se comportaram ou a vivência de ter o vídeo ali na sala de aula, o que você observou neles.

22. Mariana - “Eu acho que eles gostaram bastante, participaram bem, é até na fala ali eles conversavam e falavam, porque esta turma é uma turma bem agitada né, porque até a menina autista em algum momento a professora tira ela da sala, quando ela começa a ficar muito agitada, é pra gente conseguir fazer as gravações, e ela cansa muito né, então ela faz uma atividade e já tem que sair, então ela levava um pouco no parque, levava um pouco na sala da biblioteca pra ela se acalmar um pouquinho, e depois retornava, então, mas no dia a dia ela fica mais tempo na sala, então ela grita aí as outras crianças também entram né, não só por causa dela, mas porque eles são mais agitados, nesse momento eu percebi que eles, não sei se é porque viram alguém diferente na sala, mas eles ficaram um pouquinho mais calmos”.

23. Pesquisadora - Você percebeu assim durante a aula, hum tá, agora a gente vai passar pro [fala interrompida pela professora participante]

24. Mariana - “Então, talvez pela novidade de ter a TV, de estar falando sobre esse assunto”.

25. Pesquisadora - Então, eu vou passar agora para o próximo vídeo tá, que daí é a continuação dessa aula, que é o vídeo, [pausa] este daqui eu também encaminhei para você, mas a gente vai retomar ele de novo, porque tem assim, é, uma situação assim que foi a parte que foi fora da sala de aula né, deixa eu ver aqui [barulho do mouse].

26. Mariana - “Então, essa menininha aí que é a autista, ela está com a professora de apoio, e ela até participou, porque ela praticamente não gosta né de ficar junto com as outras crianças, e nesse momento ela foi, olhou, participou”.

27. Pesquisadora - Então, nesse momento aqui que você sai com eles ali fora, que mudança você teve que fazer nesse dia, porque até então você tinha preparado a aula né, lá na sua sequência né, como se fosse a previsão para o dia de sol, e chegou ali estava um dia de chuva, [fala interrompida pela professora participante]

28. Mariana - “É, é”.

29. Pesquisadora - Então assim, olhando o teu trabalho, você teve que fazer alguma adaptação?

30. Mariana - “É que aquela explicação lá sobre o morro eu gostaria de fazer aí fora né, ter um espaço, porque daí ali as crianças ficaram na cobertura, porque estava chovendo, então nós fomos é, pela cobertura e eles ficaram todos meio que empilhados ali né, [risos] aglomerados ali, então se não estivesse chovendo, eu teria ido no pátio e eles teriam né, uma disposição, um espaço maior pra eles ficarem, e aí também poderiam visualizar melhor o morro, as árvores, porque ali estava cheio de nuvens né, e a nuvem cobria a ponta do morro”.

31. Pesquisadora - Mas mesmo assim, você fazendo desta forma, o que que você percebeu neles assim, enquanto é, essa parte que você sair para fora, você percebeu que para eles foi um momento assim de interação deles né, com outro espaço, o que você percebeu deles enquanto alunos também?

32. Mariana - “Sim, porque assim aguçou mais a curiosidade deles né, de sair, de ver, é, eu gosto de trabalhar assim né, então em outra aula eu levei na quadra

e ficamos em roda assim pra conversar, então eles gostam é, de sair da sala de aula, é diferente eu acho que isso estimula assim a curiosidade deles, de prestar atenção, de perguntar ou de ver o que está acontecendo, porque alguns foram lá só pra [risos], [pergunta] o que que está acontecendo aqui? O que eles vão ver lá fora? E foram juntos, então é, [pausa] acho que estimula assim eles”.

33. Pesquisadora - Enquanto educadora desta turminha, para você essa parte de levá-los né, você foi lá fora, apesar do tempo, você já tem isso como uso frequente na sua metodologia, sempre que possível assim de se trabalhar um conteúdo, você sair das quatro paredes ali e ir para outro espaço, como eu digo, isso é um costume na sua prática pedagógica no seu trabalho mesmo, enquanto educadora?

34. Mariana - “Sim, eu gosto de tirá-los da sala, e eu não deixo sempre as carteiras do mesmo jeito, um dia está todas agrupadas, eles ficam como se fosse uma mesa grande, uma mesa gigante, outro dia faço dois grupos, eu já fiz círculos, já aconteceu das crianças quererem sentar, sempre querem sentar perto da professora, então eu coloquei todas as carteiras em volta da minha mesa, [risos] para que todos ficassem é, perto da professora, foi num dia que estava também chovendo e foi menos alunos e eu consegui colocar eles todos em volta da minha mesa, e é costume sim eu sair, porque acho que eles se envolvem mais na aula.”

35. Pesquisadora - Hum, tá, ótimo. Agora nós vamos pro outro [barulho do mouse] tá, que é, o [pausa] o dois aqui, vamos lá, [fala interrompida pela professora participante]

36. Mariana - “Então, tem a parte que eles foram até o quadro pra visualizar as imagens de perto também”.

37. Pesquisadora - Então tá. Deixa eu voltar aqui, [barulho do mouse], este daqui é do mesmo dia tá, [barulho do mouse], continuando ainda o dia sete tá, só que daí é o segundo vídeo.

38. Mariana - “Esse deles fazendo a atividade impressa?”

39. Pesquisadora - É essa parte aqui sim, a parte que você está explicando como eles vão fazer a atividade, e lá na sequência você colocou né, após eles irem lá fora fazer né essa interação lá, ver a questão do parque, o morro, ver toda a natureza ali fora, eles retornam e eles veem as imagens que você falou e depois eles vão fazer uma atividade impressa. Então, assim qual é o objetivo dessa atividade, que você trabalhou com eles é, qual é o objetivo depois de fazer a parte prática, qual é o objetivo deles fazerem é, se eu não me engano foi a parte da [pausa]

40. Mariana - “Da nuvenzinha? Que tem” [pausa]

41. Pesquisadora - Esse daí, se eu não me engano foi a parte da, se eu não me engano acho que era da mangueira que eles tinham que, uma questão do desperdício, porque eles viram o vídeo né, de onde vem a água, daí foram lá fora né, e depois daí eles fizeram a atividade sobre a questão do desperdício, que daí tem a questão da mangueira que eles tinham que ir pintando e ir contornando até chegar na torneira e desligar a torneira né, assim qual é o objetivo desta atividade, e depois no final você chega também dessa aula né, tem outra atividade também prática né que você faz né, nós já vamos chegar lá tá, mas assim qual é o objetivo desta atividade aqui, no caso?

42. Mariana - “Dessa atividade tem a parte do desenvolvimento motor né, que envolve ali a pintura e também o traçado né, é a habilidade que é exigido na BNCC é, então é um dos objetivos que eu coloquei ali, é coordenação motora fina e traços né, e aí também, é despertar neles essa responsabilidade de cuidado com a água, da preservação, é de saber que tem que desligar a torneira.

43. Pesquisadora - Hum, tá. Agora vou neste ponto aqui ó, [barulho do mouse], nesse eu até selecionei os minutos ali, [pausa]

44. Mariana - “Faz tempinho já, que eu nem lembro mais tudo!”

45. Pesquisadora - É que a gente, [barulho do mouse], eu selecionei uma parte aqui pra gente conversar sobre isso, vamos ver [barulho do mouse], que ele demora um pouquinho pra carregar, [barulho do mouse], mas vamos lá.

46. Mariana - “Eu estava de touca ainda! [risos]

47. Pesquisadora - É porque neste dia estava frio né, estava um vento assim bem gelado, então essa parte que você já tá, deixa eu ver aqui [barulho do mouse],

48. Mariana - “Ah, é! Que eu vou, que eu estou colocando álcool na mão”.

49. Pesquisadora - Tá, essa parte aqui ó, essa parte quero que você olhe bem ó, [pausa], [chiados], é que daí, a gente tem aquela aluninha né, autista quem vem e olha aqui pra câmera, depois vem esse outro aluno, ele sai lá da fila ele vem aqui, ele observa né, essa daqui também né, essa aluninha, ela olha, ela observa que tá alguma coisa aqui diferente né, eles estão se vendo ali na imagem né, hum, hum, então assim, a minha pergunta é essa, é que, o que que você acha que, por que será que eles estão vindo aqui, o que será que chamou a atenção deles pra eles virem aqui?

50. Mariana - “Porque eles estão se vendo! [risos] Tipo assim, eu estou lá na TV, ou eu tô lá na imagem! [risos] acho que é isso que eles foram ver, claro que de longe eu acho que eles não sabiam que eles estavam aparecendo ali né, a curiosidade é que tinha um, não sei se era um celular, ou esse [pausa] [olhar para o notebook que estava sendo usado na autoconfrontação simples]

51. Pesquisadora - Era o note que estava ligado.

52. Mariana - “Então eles chegaram pertinho pra curiosidade mesmo de criança”.

53. Pesquisadora - Tá, então, porque assim, é, essa, é esse momento aqui que desperta a curiosidade deles, que eles vem aqui na frente e vejam que estão né, aparecendo aqui na tela né, é daí depois, até um pouquinho antes, essa aluninha aqui ela é a primeira a perceber né, que ela tá se vendo, que tá alguma coisa acontecendo ali, diferente e os outros ó, você veja que eles estão saindo na fila e continuam olhando né, eles continuam olhando né, saindo pro lanche, então assim, é, [barulho do mouse], esse momento aqui eles descobriram que eles estavam, que estava acontecendo alguma coisa diferente né, que eles estavam se

vendo, estavam sendo filmados, e daí no caso, deixa eu voltar aqui, só um pouquinho, [barulho do mouse], esse segundo também aparece alguma coisa, espera lá, aqui [barulho do mouse], esse momento ela vem, ela percebe, ela volta se olha, se vê, mexe no cabelo, identifica que tem o rosto, o ouvido, e depois a gente tem mais pra frente, alguns outros alunos, que antes de irem pra fila eles fazem isto também, então assim em relação a todo esse movimento dos alunos, você acha que isto é uma coisa que está na rotina deles?

54. Mariana - “Não, nunca estive na rotina deles serem filmados, ter um computador ali, ou ter uma outra pessoa na sala né diferente, porque sempre fica eu e a professora de apoio. A menina autista talvez porque o lugar que ela sempre fica é ali né, tem uma carteira que sempre fica na frente do espelho, porque ela gosta de ficar se olhando no espelho, então e ela sempre se movimenta na sala né, e ela foi a primeira a ver, eu acho que ela já se reconheceu ali né, ela ficou olhando talvez o brinco na orelha ali, mas eles é, [pausa], não é da rotina deles ter um computador na sala”.

55. Pesquisadora - Porque então, lá no seu relato né, quando você mandou pra mim, é você comentou no seu relato que ocorreu que foi tudo normal, que não teve, como a gente diz assim, não teve interferência de fora, que não teve nada de fora assim que chamasse a atenção deles, que ocorreu tudo bem na aplicação da sua sequência, entendeu?

56. Mariana - “Ah, sim”.

57. Pesquisadora - E assim na questão das atividades, na metodologia tudo que não teve nada assim que né, a assim na imagem a gente veja que eles, que já alguma coisa tirou eles ali do [fala interrompida pela professora participante]

58. Mariana - “É que nesse momento, eles estavam dispersos, eles estavam livres, porque ali é um momento que eles estavam se arrumando pra ir pro lanche. Então, nesse momento tem criança que sobe na grade, tem criança que já vai mexer num brinquedo, isso aí é comum né, é mas eu falei que não interferiu

assim, deles, ah agora é, eu não vou querer fazer a atividade porque tem alguém olhando, [fala interrompida pela pesquisadora]

59. Pesquisadora - Ah, então nesse sentido?

60. Mariana - “Ou eu ficar com vergonha de falar, porque tem alguém me filmando né, é [pausa], a gente tem assim essa preocupação né, mas eu consegui desenvolver a aula sem essa, ah não agora eu não vou, eu deixei de fazer isso porque eu fiquei com vergonha, ou a criança deixou de fazer a atividade porque tinha alguém ali”.

61. Pesquisadora - Ah, sim.

62. Mariana - “Nesse sentido, porque ali claro que é, não sei se foi só nesse momento que eles perceberam, mas [fala interrompida pela pesquisadora]

63. Pesquisadora - É mais pra frente tem.

64. Mariana - “Tipo assim, a TV, eles não é sempre que tem a TV, e foi aquele dia que eu nem, eu já tinha perguntado se tinha TV na escola, como eu sou nova lá na escola, eu não sabia que tinha TV na escola, então aquele dia que você trouxe, outra que também que eu estou ali na escola tem um mês né, estava há um mês porque eu comecei em maio, é e nós já fizemos em junho isso aí né?”

65. Pesquisadora - É.

66. Mariana - “Então eu estava há um mês nesta turma, então foi quando você esteve lá, foi a primeira vez que nós tivemos TV dentro da sala de aula, aí depois disso eu levei mais uma vez”.

67. Pesquisadora - Ah, sim, entendi. Então tá, agora nós vamos passar pra outra que eu te mandei, ela é uma parte do final desse dia aí, que você já tinha até comentado alguma coisa, em relação a essa, é a parte da metodologia né, da organização da sala né, também que você comentou, mas ela parte, é aquela atividade prática que você fez com eles, [barulho do mouse], [pausa] esta atividade aqui ó, [pausa] [chiados], foi a gravação que eu fiz com o celular e a imagem ficou bem melhor né, ficou melhor um pouquinho, e daí aqui é, a última

atividade que você faz o cartaz com eles, que eles estão né fazendo o cartaz coletivo depois que eles fizeram a atividade, que é aquela atividade que você falou agora a pouco que é da mangueira, que eles vão contornando, eles vão pintando né, e faz a parte do cartaz aqui, e o que que você assim pode comentar em relação a organização das crianças, a organização da atividade em si né, e o objetivo desta atividade de fazer com eles um cartaz coletivo, o objetivo que você poderia comentar desta atividade.

68. Mariana - “Ah, essa parte aí da disposição deles ali, acho que fica mais, eles interagem melhor, porque estão todos num trabalho só né, é daí eles compartilham o mesmo papel ali o Craft, que eu deixei gigante, pra eles fazerem um cartaz gigante, então eles podem interagir melhor com o colega que está na frente, que aí é [pausa] coube todos eles ali né, do que se ficasse cada um na sua carteira, ali é mais pra que eles pudessem expor o trabalho deles e eles ficam felizes também de mostrar né, de pintar, é acho que este dia ele foi só colado né, porque tem uns que uso tinta, então eles, o prazer deles é mais expor o trabalho, e era isso que eu queria também é, desenvolver neles, que eles pudessem, olha já fez o trabalho, que bonito agora vamos expor né este trabalho, essa é mais a intenção deles mesmo”.

69. Pesquisadora - E no caso, é, o objetivo deste dia foi alcançado? O objetivo da aula deste dia foi alcançado, de você fazer com eles e depois você conseguiu expor este trabalhinho deles nos corredores da escola?

70. Mariana - “Não no corredor da escola, ficou ali, porque como a escola tá em reformas, e aí um dia arrasta uma coisa, outro dia é outra, é tábuas pelo quintal, então daí foi colocado naquela janela lá, e engatado ali naquele varão e ficou ali por um tempo”.

71. Pesquisadora - Mas aí no caso de manhã, tem outra turminha que estuda ali?

72. Mariana - “Tem outra turminha”.

73. Pesquisadora - Daí ficou exposto, para os outros verem o trabalho deles também, é isso?

74. Mariana - “Sim”. E eles também, essa né, em pegar a cola, em colar, também já é uma atividade motora ali, mas o objetivo maior era fazer esta interação, que eles pudessem fazer um trabalho em conjunto”.

75. Pesquisadora - Pra você enquanto professora, é, esta atividade, ajuda na sua metodologia, assim você não tem dificuldade de mudar, de modificar a organização da sala, você sempre está disposta a fazer isso? Você acha que isto ajuda na aprendizagem deles, ou você faz isso pela questão é, de facilitar o seu trabalho, deles estarem tudo junto ali, o que você acha desta situação?

76. Mariana - “Eu nunca é, parei pra pensar se isto estava mudando alguma coisa neles, é mais pra não ficar muito na rotina, pra mudar um pouco, aqui foi mais pra, nesse caso aí, pra facilitar que eles ficassem de frente um pro outro, todos em conjunto, mas eu mudo sempre pra mudar um pouco, saí um pouco da rotina, pra eles não ficarem, ah, todo dia chego, sento na carteira fico olhando a nuca do meu colega, e sempre sentado, nunca dá pra fazer nada de diferente, [risos] então é mais por isso”.

77. Pesquisadora - Então tá, agora nós vamos pro outro tá, [barulho do mouse] eu já tinha te mandado aqui [barulho do manuseio da folha do caderno da pesquisadora], esse aqui já é o segundo dia, tá bom, dia oito, [barulho do mouse], esse aqui é um vídeo bem curto, de só três minutos e vinte e quatro segundos, [fala interrompida pela professora participante]

78. Mariana - “Aquela atividade ali também, poderia ser desenvolvido uma brincadeira, outra outra atividade assim, porque eles já tinham feito né, a atividade deles com o objetivo né da água, então ali era mais a interação, poderia ser feito uma brincadeira ali, às vezes um dia de chuva, a gente tem que ter outras [risos] cartas na manga né, pra fazer”.

79. Pesquisadora - Entendi. Então este aqui é do dia oito tá, esse aqui você conseguiu assistir?

80. Mariana - "Sim, que foi a história do burro e do camelo"?

81. Pesquisadora - Então esta atividade aqui, eu vou parar aqui, [barulho do mouse] eu selecionei algumas partes pra gente fazer assim algumas, aqui [fala interrompida pela professora participante]

82. Mariana - "Ali, olha ali, tem um espelho onde a Manu sempre fica se olhando".

83. Pesquisadora - Então, aqui esse momento ó, quarenta, vou parar aqui, acho que agora está com som, está bem baixinho, este momento aqui, então assim, você colocou uma história digital, pra eles verem e ouvirem ali na televisão, então assim, eu vou fazer algumas perguntas em relação a este vídeo, então a primeira pergunta, porque você escolheu esta história "O camelo e o burro" né, e se não havia outra história que falasse sobre o tema que você estava desenvolvendo, em relação a economia da água né, porque que você escolheu e se tinha uma outra história?

84. Mariana - "Olha eu procurei, mas como eu sou nova lá, não conheço todos os livros que têm na biblioteca, eu gostaria do livro físico pras crianças, eu sempre gosto de ler, para estimular o gosto pela leitura, é mas eu não encontrei, então eu fui pro Youtube, coloquei lá, então comecei a procurar, e encontrei esta história, que é um livro, mas era narrada por uma professora, e eu aproveitei e até levei, acabei tirando cópias das páginas, para que as crianças pudessem depois ver, então eu aproveitei o que essa professora já tinha narrado, eu não sei se tinha outras, outros livros que falassem sobre isso, pelos menos eu não achei, mas eu achei até engraçada a história, eu achei que as crianças iriam gostar e aí eu escolhi essa".

85. Pesquisadora - E assim outra questão, é você acha que mostrando aqui o vídeo pra eles é mais rico do que você mesma fazer a contação de história usando o livro impresso?

86. Mariana - "Não, eu acho que fazendo a contação da história é interessante também, só que isso eu sempre faço, então com o vídeo foi algo diferente, que

eles ficaram todos sentados e eu vi que eles ficaram mais quietos, do que quando eu faço um círculo no chão e fico contando a história. Então, quando a gente faz o mesmo método, eles vão acho que, enjoando não sei ou se acostumando com aquilo, e não se interessam mais. Então, eu não achei que foi, não que foi melhor, mas que foi um recurso a mais.

87. Pesquisadora - E assim, o que é que te chamou a atenção nessa história “O camelo e o burro” e, por que que tinha que ser esta história?

88. Mariana - “É não, é porque ela fala bem sobre a economia da água né, é eu fiquei com medo, no começo de relacionar né, [risos] o burro com quem não economiza água, ou será que as crianças vão entender de forma diferente ou será que é isto mesmo que a história está mostrando, mas eu achei que seria de uma forma mais engraçada pra que as crianças entendessem, então por isso que eu escolhi, eu achei interessante”.

89. Pesquisadora - Ah tá. É uma outra situação que acontece, aqui nesse vídeo que eu vou passar aqui ó, [fala interrompida pela professora participante]

90. Mariana - “É interessante falar que quando, todas as vezes que eles almoçam, eles vão escovar os dentes aí fica lá a torneira, é “quem que deixa a torneira aberta, é o camelo ou o burro?” [risos], aí eles já fecham rapidinho”.

91. Pesquisadora - Tá, então, esse momento aqui ó, [barulho do mouse], eu quero que você observa aqui, então olhando essa situação deste dia né, os alunos todos aqui sentados prestando atenção, assistindo, que nem você falou com o recurso a mais que você usou e aluna autista ali com a professora ali do lado, então o questionamento que vem em relação a essa situação, por que é que esta aluna não se integra ao grupo, por que é que esta forma de se trabalhar não é, chamou a atenção pra que ela vir ali, mesmo que ela não sentasse mas que ela viesse um pouco e assistisse um pouco ali o vídeo, por que que ela não participa?

92. Mariana - “Olha desde que eu comecei com essa turma, ela nunca interagiu com as outras crianças, no começo quando eu chegava ela entrava na sala, se

jogava no chão e gritava o tempo todo, eu pegava as vezes a atividade colocava no chão do lado dela, colocava o lápis em cima e enquanto eu dava aula ela continuava gritando”.

93. Pesquisadora - E você no início, já tinha a professora PAEE?

94. Mariana - “Já, mas daí se a professora fosse pegar nela pra tentar levantar, ela se batia e então podia se machucar, então a professora ficava do lado dela, cuidando dela, e eu tinha que seguir a aula com ela gritando, às vezes ela levantava e ficava correndo de um lado pro outro na sala e a professora PAEE correndo atrás dela, ela chegava e pegava o lápis das outras crianças e jogava pela janela, ela se a criança tivesse fazendo a atividade ela pegava a atividade e rasgava, então assim, ela nunca interagiu com as outras crianças, então ela entra na sala, e agora nós fizemos um cantinho perto do espelho, com a foto da mãe dela, do pai, e o nome dela, pra que ela fique ali, ela entra fica assim uns cinco minutos, daí tem que fazer a atividade rapidinho, porque daí ela já sai correndo e a gente fica com a grade fechada, [fala interrompida pela pesquisadora]

95. Pesquisadora - Hum, ali né, inclusive lá, aparece ela encostada na grade, fechada.

96. Mariana - “E antes ela chegava, ela tirava a roupa e saía correndo pela escola, sem roupa, então depois que colocaram a grade, a professora fica cuidando o tempo todo pra que ela não tire a roupa na sala”.

97. Pesquisadora - Então assim, esse vídeo pra ela não atrair, a questão de vídeo, desta metodologia, pra ela você já usou antes e não atraiu?

98. Mariana - “Não, eu não tinha usado antes a TV, e assim, ela não fala, então eu dou a massinha pra ela e ela responde “nã, nã, nã”, dou a atividade e ela fala “nã, nã, nã”, quando a outra professora tenta fazer com ela a atividade, ela até faz, mas bem rapidinho, mas assim interagir com as outras crianças, o único momento que ela vai na fila pra interagir com as outras crianças, e no horário que vou levar todos ao banheiro, e as vezes ela vai junto de mãos dadas com a professora, e eu até achei interessante que quando fomos lá fora ver o morro ela foi também, mas

nem almoçar, fazer o lanche com as outras crianças ela vai, é agora ela tá mais calma, ela não grita mais, mas no começo era assim, ela só entrava, gritava, tirava a roupa e saía correndo”.

99. Pesquisadora - Tá, e uma outra situação aqui, é porque que né, o que, que você acha da situação, do fato da professora PAEE, não trazer ela, não incentivar ela a vir ali, ver o vídeo né, ver alguma imagem, ela fica o tempo todo do lado ali, o que você acha disso, dela não trazer a aluna pra participar da atividade?

100. Mariana - “Eu acho que ela até tentou, eu chamei a aluna, não sei se aparece no vídeo, mas eu chamei ela pra participar”.

101. Pesquisadora - Então, aqui no vídeo só aparece a professora PAEE com a aluna perto da porta, que está fechada.

102. Mariana - “Nesse momento ali a professora está cuidando, porque toda a vez que eu apagava a luz ela acendia, então ela foi lá acender a luz, tipo assim, teve dias que eu tive que ficar a tarde inteira dando aula no escuro, porque se eu acendesse a luz, ela ia lá e apagava, aí eu acendia, ela apagava, ficava o tempo todo, aí ela ficava o tempo todo cuidando da tomada e não deixava ninguém ligar, e se a gente ligasse ela gritava, se jogava no chão e se batia, então a professora tava lá, tentando fazer com que ela não ficasse acendendo e apagando, porque os outros estavam assistindo né”.

103. Pesquisadora - Tá, mais e a situação é da questão, assim, que eu te perguntei agora, por que que ela né, não conversa e incentiva, não traz, tenta pegar na mão dela e trazer pra participar aqui, por que que ela não faz, e se isso é discutido em reunião pedagógica?

104. Mariana - “Eu não sei, porque quando eu estou lá, ela sempre incentiva a menina a vir fazer a atividade, mas aqui nesse momento ela está cuidando pra menina não ficar acendendo e apagando a luz, e tirando ela dali. Mas em outros momentos eu a vi chamando”.

105. Pesquisadora - E isso é discutido em reunião pedagógica? Essa questão da, dessa intervenção ali da professora PAEE, desses incentivos com a aluna que você observa dentro da sala de aula?

106. Mariana - “Eu só fiz reunião com a coordenadora, reunião pedagógica eu nunca participei nessa escola, porque até então eu tinha entrado naquele mês né, então já tinha ocorrido a reunião pedagógica do primeiro bimestre, então mas nós tivemos uma conversa com a coordenadora, e a questão da menina sim, porque ela é uma autista bem severa, não faz tratamento nenhum, não tomava medicamento nenhum, e ela até então percebeu que ela não se interessa por nada, se ela pega a massinha, ela dá duas amassadas e já joga, pega uma atividade, ela risca e já larga”, [fala interrompida pela pesquisadora]

107. Pesquisadora - Então, esta questão que eu estou te colocando é pelo seguinte, porque a aluna, ela tá na sala de aula né, ela está na turma, ela está sobre a sua responsabilidade né, e daí como que fica a questão de você como educadora, porque você tem que avaliar ela, como que é feita esta avaliação, como você vai dar nota, não sei se é por nota?

108. Mariana - “Não tem nota”.

109. Pesquisadora - Como você faz, tem que fazer relatório?

110. Mariana - “Então, como você perguntou, só pra finalizar, nós fizemos uma reunião com a coordenadora, e daí foi feito este cantinho pra ela aqui, e foi conversado com a mãe da necessidade dela tomar o remédio, porque ela é uma autista assim, bem diferente né, de outros autistas que eu já trabalhei, ela tinha outras dificuldades, aí ela começou a tomar o medicamento, então agora ela já até tá mais calma, não grita mais, não tira a roupa, não estraga as coisas das outras crianças, então foi feito este cantinho pra ela se sentir mais à vontade ali. A avaliação, é um relatório que na verdade eu vou colocando ali, que ela tem pouca concentração pra fazer ali, a atividade, ela faz um pouquinho de atividade e já larga, aos poucos né a gente tenta fazer, mais” [fala interrompida pela pesquisadora]

111. Pesquisadora - Mas a minha questão é assim, pra você enquanto professora, o que você percebe de dificuldade para você avaliar?

112. Mariana - "Para avaliar é exatamente por causa disso, porque ela não para, não se concentra, dá a impressão que ela não sabe nem o que ela está fazendo ali.

113. Pesquisadora - Pra você, a minha questão é essa, como é pra você avaliar, como você se sente enquanto educadora, você senta e vai olhar a situação dela, como ela está dentro da sala, como é este momento para fazer o relatório?

114. Mariana - "É difícil você avaliar uma criança que precisa tomar o medicamento, pra se centrar mas ela não toma , ela precisa de fonoaudióloga, mas ela não faz, precisa de acompanhamento mas não tem.

115. Pesquisadora - E a família tem recurso pra estar levando no particular, ou depende da instituição pública, no caso da saúde mesmo?

116. Mariana - "É ela precisa de ajuda né, mas aqui no município não tem, mas ela já tinha receita, ou prescrição para tomar medicamento, mas a mãe não quis dar, porque segundo a mãe, a menina vai pra escola só pra dormir, então deixa que na escola ela cansa lá, e chega em casa dorme, né. É, mas daí eu falei pra ela, que é só nos primeiros dias que a criança toma e sente sono, mas depois ela se acostuma, pelo menos pra ela se centra, até pra ir na fonoaudióloga, a fono falou, enquanto a criança não se centraliza, se acalmar não tem como fazer, desenvolver um trabalho com ela.

117. Pesquisadora - E daí, precisa da medicação?

118. Mariana - "Sim, porque assim como que você vai pegar e mostrar tudo o que eu mostrei pra ela até então, e ela só fala "nã, nã, nã", então eu já tive outras crianças autistas, que dava pra trabalhar, que tinha outras dificuldades, eu tive um aluno com hiperatividade, então ele entrava embaixo da carteira e eu deixava ele fazer a atividade embaixo da carteira, é então eu via que ele estava muito agitado, eu falava pra ele ir lá fora, tomar uma aguinha, ele ia, dava uma voltinha, voltava e

conseguia se centralizar, agora ela não, então eu realmente não sei o que eu poderia fazer pra ajudá-la, só pedi ajuda lá pra escola pra que encaminhasse ela, conversasse com a mãe para que ela tomasse o medicamento”.

119. Pesquisadora - Então, essa situação aqui que eu já perguntei pra você agora a pouco, como você enquanto educadora, como você lida com essa situação de ver a professora Pae, dela não trazer e nem incentivar a aluna a participar das atividades?

120. Mariana - “Olha tem vezes que eu tento né, é tipo a parte que ela estraga os trabalhos dos outros ou que grita, eu tento ignorar, ela está gritando ali, vamos continuar a aula, porque não tem o que fazer né, porque vai pegar, ela se bate, bate a cabeça, se joga no chão, e aí eu tento deixar ela se acalmar, a professora Pae vai lá e atende ela, agora assim, eu não sei o que pode fazer, o autismo tem vários graus, e no caso dela tem outras patologias, então é eu não sei, eu vou chegar pra professora e dar uma orientação pra ela, ainda mais que eu sou nova na escola, é complicado. O que eu faço é levar uma atividade e falar, olha essa aqui dá pra fazer com ela, essa aqui dá pra ajustar, outro dia eu peguei um, como se fosse um jogo de memória um jogo de cartinhas assim, com números e dei pra ela, olha esse aqui dá pra ela ir montando né, mas outro dia eu vi que estava em cima do armário solto né, eu não sei o que poderia ser feito”.

121. Pesquisadora - Então, em relação ao que você falou, ajustes na atividade, este ajuste é vem da secretaria, a parte do pedagógico da Educação Especial da secretaria, vem alguma orientação pra você, enquanto educadora, de como você fazer estes ajustes nas atividades dela?

122. Mariana - “Olha dali da secretaria, eu não recebi nenhuma orientação, diretamente pra mim, o que foi colocado é um curso né, um curso que tá sendo ministrado a noite e a professora Pae, tá participando, eu não consegui participar por causa do mestrado, então assim eu trabalho o dia inteiro, e aí, ir lá fazer um

curso a noite? Ainda mais com o mestrado eu não consegui fazer, por não ter condições físicas e psicológicas [risos], pra estar fazendo mais este curso”.

123. Pesquisadora - E este curso que essa professora pae está fazendo, os momentos que ela participou, ela chega e compartilha com você o que ela aprendeu neste curso, ela chega e comenta, olha esta semana nós tivemos estas atividades que daria pra fazer com a aluna, ela apresenta pra você ou ela não comenta nada?

124. Mariana - “Não, ela é só mais o cuidado ali com ela.

125. Pesquisadora - Ela não compartilha o que ela aprendeu, em algum momento ela chegou e deu alguma ideia, olha eu vi esta atividade e trouxe pra você dar uma olhada, se tem como, se eu posso trabalhar com a aluna?

126. Mariana - “Não, a única coisa que já conversamos é a gente não ter nada que chame a atenção dessa menina e tudo o que eu levo pra sala, nada chama a atenção dela”.

127. Pesquisadora - Entendi, tá, [barulho do mouse], então agora nós vamos passar pro próximo agora tá, que é do mesmo dia, eu acho que deu certo aqui, [pausa] é um vídeo curtinho, [fala interrompida pela professora participante]

128. Mariana - “E outra questão também, é que a gente podia falar de fazer o material, mas a gente trabalha sem hora-atividade, [suspiro] entendeu aí, tipo eu trabalho de manhã, na hora do almoço tenho que preparar a aula da tarde, final de semana eu tenho o mestrado, então aí, não tem hora-atividade, é de segunda a sexta direto”.

129. Pesquisadora - Agora vocês estão sem nenhuma hora-atividade, no caso?

130. Mariana - “Sim!”

131. Pesquisadora - Você fica a semana inteira na sala de aula, por direito você tem quanto tempo de hora-atividade?

132. Mariana - “ Seis horas, uma tarde toda e mais duas horas no outro dia, pra mim no caso, na quarta-feira eu ficaria na sala de aula até as quinze horas, e das quinze às dezessete horas, ficaria na minha hora-atividade, e na sexta-feira o período todo de hora-atividade, só que ia pro mestrado, mas mesmo assim eu fazia o meu planejamento a noite, no sábado e tal, mas agora eu fico em sala de aula, é meio complicado, porque a professora pae, também não tem hora atividade, então se eu estivesse em hora-atividade, não é um momento que ela está também, então assim, se eu tivesse em hora-atividade, a professora pae, está na aula de artes e educação física, é difícil a gente sentar pra conversar, se for conversar é no momento da sala de aula assim, é rapidamente, porque ela está aqui olhando, daqui a pouco, a menina já tá jogando tudo pela janela ou correndo”.

133. Pesquisadora - E quanto tempo faz que você está sem a hora-atividade?

134. Mariana - Desde que entrei ali no mês de maio, acho que tive só o mês de junho ou de julho, só um mês, na sexta-feira, mas era o horário que eu saia pra ir pro mestrado, daí eu fazia meu planejamento a noite, mas não tinha interação com a professora pae porque ela estava na sala de aula”.

135. Pesquisadora - E qual é a justificativa desta situação, tem uma previsão pra que vocês voltem a ter a hora-atividade ou não?

136. Mariana - “Ah, a secretária fala que vão fazer concurso, mas provavelmente só no ano que vem”.

137. Pesquisadora - E o que esta falta de hora-atividade interfere né, no seu trabalho docente, enquanto educadora?

138. Mariana - “Interfere em praticamente tudo, porque assim, eu chego na escola quinze minutos antes, pra imprimir as atividades, estes quinze minutos antes eu poderia estar preparando a sala de aula, organizando, mas não, eu tenho que estar lá imprimindo material ou fazendo alguma coisa, e daí depois eu fico na sala de aula direto, então eu poderia estar fazendo na hora-atividade, toda a documentação, pareceres, PTDs, boletins, porque não é só preparar a aula, mas tempo pra ir atrás dos materiais, por exemplo, eu precisava usar panfleto de supermercado, mas seu não tive tempo de ir no supermercado, eu tive que adiar uma semana o meu planejamento, porque não tinha os panfletos pra usar com as crianças. Então, esta parte complica bastante”.

139. Pesquisadora - Entendi, agora nós vamos pro vídeo, deixa eu ver se ele está com som, [barulho do mouse], este daqui você conseguiu assistir inteiro?

140. Mariana - “Não, só vi até essa parte aqui que o menino derrubou os óculos no chão”.

141. Pesquisadora - Então eu vou deixar um pouquinho pra você ver! [pausa] Como você organiza a sala em relação às atividades, porque no primeiro dia você organizou os alunos de uma forma, e aqui nesta aula eles estão em pares, você organizou as carteiras, somente para que eles se sentassem um do lado do outro, ou por que eles tinham que fazer o trabalho em dupla?

142. Mariana - “Não, não é dupla, geralmente fica assim ou em trio, porque daí sobra mais espaço para eles circularem, este é o modelo que sempre está, desde quando eu cheguei na escola, eu mudo do outro jeito pra mudar um pouco né”.

143. Pesquisadora - Ah, tá, então este é o seu critério?

144. Mariana - “Sim, este momento eles estavam em duplas, mas tem momentos que eles ficam em trio em cada fileira”.

145. Pesquisadora - Tá e outra questão, como você controla né, o tempo da realização dessas atividades, porque aqui a gente vê neste vídeo que tem alunos que são mais rápidos pra terminar as atividades, aí conforme eles terminam as

atividades eles começam a circular pela sala e outros são mais lentos, e como você controla este tempo deles?

146. Mariana - “É eu planejo as atividades sabendo que eles já vão levar aquele tempo pra fazer, mais ou menos né, é mais eu não tenho como controlar assim, olha você faz mais rápido, eu sei que tem crianças que ficam conversando, ficam distraídas, então eu fico ali estimulando e chamando mais atenção para que eles façam, mas assim controlar, mas eu não tenho como né, é, o que posso controlar é a bagunça é a agitação deles e depois geralmente, dou uma massinha, dependendo da atividade dou um papel para desenharem. Então a criança que fez mais rápido ela, sempre gosta de ficar de estar ali rabiscando fazendo um desenho, então dou essas coisas, assim” [pausa], [fala interrompida pela pesquisadora].

147. Pesquisadora - Você sempre tem assim uma atividade, uma atividade assim, extra, diversificada pra eles poderem estar fazendo, no momento que os outros ainda não terminaram?

148. Mariana - “Sim, só que isso acontece, assim, se eu dou duas atividades, uma criança que vai mais rápido, eu dou duas atividades, o outro que fez devagar, depois ele pergunta assim “E a outra atividade?”, com quem diz né, se ela fez eu quero fazer também, e às vezes ele leva pra casa, deixa pra fazer outro dia, é a gente vai adaptando para aquela criança.

149. Pesquisadora - “Porque assim que você falou, que é diversificada, então nesse vídeo aqui que eu assisti, você tem uma atividade e dá pra eles que é, pra enumerar os quadrinhos que você trabalhou os ciclos da água, aí eles numeram os quadrinhos ali, em relação ao que acontece primeiro, né, e daí vai os números de 1 a 4 e depois que eles tem que desenhar também umas gotinhas, lá nas nuvens eles tem que desenhar as gotinhas, seguindo as sequências que tenha números até 9. Então assim essas atividades que são duas atividades diferentes, uma que tem a questão do ciclo da água, pra eles numerar e a outra pra desenhar as gotinhas pra completar o número, e, qual o critério que você usa nessas atividades? Atividades diferentes uma da outra e essas atividades que você

trabalha com eles, qual o objetivo e o que você percebe em relação a esses alunos, se eles, tem essas atividades que você coloca de desenhar e que eles tem que completar, se eles assimilam melhor, com relação a coordenação deles, como ele está, o que eles fazem, o tempo ali, demoram mais quando é pra desenhar, ou demoram menos, como que é esse tempo?

150. Mariana - “A atividade, ou desenhar um livro”?

151. Pesquisadora - Na atividade pra completar ou pra fazer um número, quanto tempo assim, você programa, pra fazer essas atividades?

152. Mariana - “Geralmente as atividades antes do intervalo, então eles ficam ali mais ou menos uma hora, é fazendo é, primeiro você perguntou ali né do ciclo, o ciclo da água, essa atividade foi porque a gente tava falando sobre isso e eu já tinha é feito comentário né antes e ali na gotinha, nesse caso pra eles não é matemática, são campos de experiência, mas eu já vinha trabalhando com eles a numeração”. Eles não sabem ainda o traçado da do número, eles já sabem quanto que é 9, quantas nuvens, quantas gotinhas que tem pra completar 9, então é uma, essa é a estratégia de trabalhar numeração, então já não sei, tem que ter interdisciplinaridade, já usei, já usei as duas habilidades no mesmo tema.”

153. Pesquisadora - Você aproveitou o momento né pra [fala interrompida pela professora participante]

154. Mariana - “Porque eu já vinha, já vinha naquele mês, trabalhando nisso e trabalhando nas vogais, portanto depois nas outras atividades levei as atividades que tinha vogais, então sempre sei que nas atividades, na brincadeira eu sempre inclui a numeração, até no começo lá da rotina, o fato de contar as crianças já está fazendo a sequência numérica.”

155. Pesquisadora - Hum, entendi. Então tá bom, agora nós vamos para o outro do dia nove, tá aqui e separei para você é, eu vou abrir aqui aí de repente você lembra se você conseguiu assistir ele.

156. Mariana - "Eu também não sei é, muita coisa a gente erra, muita coisa é muita coisa para pensar se é, melhor aqui se é melhor ali, mas é o que eu sei e fazer deu para fazer."

157. Pesquisadora - Mas é a vida da gente né, tudo é uma análise né.

158. Mariana - "É o que deu para fazer no momento".

159. Pesquisadora - Então esse daqui é, esse daqui é o vídeo do segundo dia que foi após o recreio, do lanche desculpa, daí você faz aquela atividade da água você se lembra se você conseguiu assistir?

160. Mariana - "Consegui!"

161. Pesquisadora - Então tá aqui, você pode comentar em relação a essa aula, qual o objetivo desta atividade e da organização das carteiras?

162. Mariana - "Porque todos eles podiam observar e ver que está acontecendo lá na mesa, se eu deixasse todos eles livres iam ficar bem perto da mesa, derrubar a água, então talvez algumas pudessem visualizar todo o processo ali, ele fica um pouquinho mais afastado, sentados todos eles tiveram acesso né, ao que estava acontecendo lá na mesa".

163. Pesquisadora - Então é, vou adiantar aqui, neste momento aqui aparece no vídeo né, a entrada da coordenadora e os outros vídeos, que eu mandei nos outros dias, é percebe-se que ela já no dia anterior, ela já tinha entrado na sala também. Esse movimento da coordenadora, você pode comentar se ela, vem todos os dias na sala e que efeito isso causa no seu trabalho?

164. Mariana - "É nesse momento aí eu acho que ela interrompeu uma sequência de raciocínio né, se a gente tá levando as crianças a entender, a entender a alguma coisa, e vai por etapas, né você vai é vai falando e conversando, aí no meio ela interrompe as crianças, parece que já que o que você falou antes já esqueceram não assimilam direito, eu acho eu não sei se estou explicando direito".

165. Pesquisadora - Está explicando, pode continuar.

166. Mariana - "É, na minha opinião também acho que ela interrompe a sequência de raciocínio, nesse caso aí porque estava no meio da minha explicação né, é eu acho que ela, teria que chamar atenção das crianças né, poderia ser feito isso no outro momento né, poderia olhar, ah não, está no meio da explicação, depois eu volto, é então aí eu interrompo". E em outros momentos acho, assim que quando, eu paro de estar atendendo as crianças pra atendê-la, as crianças ficam dispersas, vira uma bagunça e eu tenho que ficar chamando atenção deles para para poder atender a coordenadora."

167. Pesquisadora - Então isso para você incomoda ou não?

168. Mariana - "Não vou me incomodar com isso né, mas eu acho que que atrapalha um pouco, é assim tem coisas e tipo assim nesse momento eu acho assim que vamos combinar, um dia você vai lá na sala nós vamos conversar com as crianças sobre isso, podia ter sido no começo da aula né, se era pra falar sobre o comportamento deles, podia ser no começo da aula ou então no finalzinho da aula né".

169. Pesquisadora - "Porque você lembra o que aconteceu, que ela veio falar nesse dia, você se lembra?"

170. Mariana - "Não lembro direito, mas eu acho que foi uma chamada de atenção. Não sei se foi casaco ou alguma coisa eu não sei o que aconteceu, não lembro mais, faz tempo que assisti esse vídeo faz umas duas semanas já né".

171. Pesquisadora - "É estou perguntando, para ver se você se lembra porque, ela já tinha entrado no dia anterior né, se atrapalha o seu trabalho e a sua explicação no momento que você está trabalhando, que estão trabalhando na atividade prática, né com eles?"

172. Mariana - "Acho que atrapalha, você viu que na hora a criança ali que estava sentadinha certinha, mas já saiu do lugar né, ela já teve que chamar atenção, que estava puxando o outro e, eu acho que atrapalha um pouco quando está no meio da explicação, do mesmo jeito que quando estou explicando, não

gosto que a criança fala "professora deixa eu ir no banheiro, professora eu posso tomar água?" não, nós estamos no meio da explicação, você vai pedir pra ir no banheiro no meio da explicação, tem que esperar um pouquinho a professora terminar aí você vai. Eu tento ensinar isso para eles né, puxa, mas aí eu não posso ir ao banheiro no meio da explicação, mas ela pode parar no meio da explicação de atender outra pessoa, fica complicado".

173. Pesquisadora: Continuando aqui do dia nove, a gente parou no finalzinho do vídeo, que é pra falar em relação a questão da organização da sala, você sempre faz nas suas aulas estas atividades práticas em que os alunos podem manusear os objetos, pra medir, pra contar que nem aconteceu nesta aula?

174. Mariana: Sempre, sempre, não. Mas as vezes faço, até tenho aqui um vídeo das crianças com olhos vendados e com fruta na mão, é chuchu pra que eles adivinhassem, que no caso era uma brincadeira que eles adivinhassem o que estavam pegando né, mas o objetivo era que eles conhecessem outro tipo de alimento né, então eu faço sim.

175. Pesquisadora: Essas atividades práticas que você realiza e os alunos podem manusear, pra você, enquanto educadora, essas atividades te dão muito trabalho para planejar?

176. Mariana: Sim, é mais trabalhoso, do que simplesmente levar uma atividade e deixar lá, confesso que às vezes eu não consigo aplicar, eu faço o planejamento e chego lá as crianças estão muito agitadas, é porque eu também tenho um aluno ali com TOD (Transtorno Opositor Desafiador) né, que eles começam a se bater e eu tenho que ficar só cuidando, aí deixa a atividade prática e explica outra atividade, e não dá pra fazer coisas diferentes, e quando a criança autista fica mais na sala e tá em crise, aí fica mais difícil, mas sempre que possível eu faço.

177. Pesquisadora: Compensa fazer estas atividades práticas? Você tem um retorno na aprendizagem dos alunos, quando você faz estas atividades práticas?

178. Mariana: Eu acho que sim, porque a criança tá ouvindo, tá vendo e tá fazendo, então ela tá usando os três sentidos né, então eu acho que ela assimila melhor.

179. Pesquisadora: Então tá. Agora nós vamos para o outro vídeo que é do dia treze de junho, [barulho do mouse], a gravação ficou mais extensa, com duração de uma hora e cinquenta e dois minutos, você conseguiu assistir?

180. Mariana: Não sei qual que é.

181. Pesquisadora: Vamos lá, esta foi a última aula que você iniciou usando um aparelho, este aparelho é seu ou do CMEI, e em que momentos você costuma usar este aparelho?

182. Mariana: Este aparelho é meu, é [pausa], eu já tinha antes né, porque quando eu dava aula pro Ensino fundamental, eu usava praticamente sempre, porque eu falo muito baixo e aí quando tenho que falar mais alto, eu sinto dor na garganta né, então incomoda um pouco e eu usava, que era uma sala maior mais alunos, e ali eu comecei a usar quando, como eu tenho alergia né e como a escola tá em reforma, daí ataca, fica arranhada a garganta, como eu não posso falar muito alto, é um amplificador de voz, eu uso pra ficar um pouco mais alto a minha voz.

183. Pesquisadora: Como foi a primeira vez que você usou este aparelho em sala de aula? Como eles perceberam?

184. Mariana: Eu comecei a aula brincando que eu era a aeromoça, que eu falava pra todos eles ficarem nos lugares, colocarem os cintos, não podia sair do lugar, eles começaram a rir né e achar engraçado, e ficou mais alto a minha voz e aí, eles realmente correram pro lugar e sentaram, aí eu falava “não pode sair do lugar, porque senão você vai cair do avião, porque estamos todos no avião”, e aí depois eu falei pra eles, que era só pra ficar mais alto a minha voz, e aí eles se acostumaram com isso.

185. Pesquisadora: Que legal! [riso] E você tem um lugar pra guardar este aparelho na sala? Ou você não deixa na escola?

186. Mariana: Agora não está na escola, mas teve um momento que eu deixava na escola, eu deixava numa caixinha que é próprio do aparelho, e guardava no armário com chave, porque é um aparelho que não é tão fácil de conseguir né, pra comprar então eu deixo na escola, verdade, eu nem lembrava mais que eu tinha usado esse [riso], aparelho nesse dia. Eu já usei ele também, como recurso didático, quando a criança tinha que falar alguma coisa lá na frente, tipo um versinho, tipo rimas assim, quando tinham vergonha né, daí eu colocava pra desenvolver a oralidade, daí eles tiram coragem de falar pra poder usar o microfone, acabavam indo falar lá na frente.

187. Pesquisadora: Você usou com estes alunos desta turma?

188. Mariana: Não, usei com os alunos do primeiro ano quando eles já tavam começando a ler algumas palavras.

189. Pesquisadora: E com esta turma, você já chegou a fazer este tipo de atividade?

190. Mariana: Não, ainda não, mas eu pretendo.

191. Pesquisadora: Entendi. Em relação ao uso do aparelho, nos últimos tempos, você tem usado mais vezes ou não?

192. Mariana: Não, não tenho usado muitas vezes, usei só os momentos que eu sinto que a minha voz tá mais rouca, ou não tá bem, aí eu uso pra não ter que forçar muito a voz e falar muito alto, ultimamente não estou usando sempre. Ah! Eu também usava quando tinha a máscara, porque as crianças, eles não viam a minha boca pra entender o que eu tava falando, porque as crianças fazem a leitura labial também, e a expressão pra eles entenderem o que a gente tá falando, então eu colocava este aparelho por fora da máscara, ele já ajudava a expandir a voz.

193. Pesquisadora: Ah, sim. É porque daí a máscara, [fala interrompida pela professora participante]

194. Mariana: Quando estava no tempo da máscara eu usava todos os dias.

195. Pesquisadora: Então professora, como este vídeo aqui é muito extenso né, aqui foi a última aula que você trabalhou a questão do reconto oral, que você colocou no início pra eles, e aqui nesta parte, [barulho do mouse], os alunos vem um de cada vez, de acordo com a história, e fazem o reconto oral, você quer fazer mais algum comentário em relação a essa aula pra gente finalizar? O objetivo dessa atividade e se tudo o que você planejou na sua sequência didática, você conseguiu realizar e atingir seus objetivos?

196. Mariana: Primeiro que esta parte aí, eu não tinha colocado no meu planejamento, foi uma ideia que me ocorreu ali, pra fazer esta interpretação oral, geralmente eles ficam sentados mesmos na carteira deles, ou em círculo onde a gente vai conversando e u vou fazendo esta interpretação oral do texto, e é [pausa] de uma forma meio que informal, só que daí me ocorreu a ideia deles fazerem como uma apresentação pra eles recontarem a história pra mim, isso foi na hora, foi inventado na hora. Eu consegui atingir meus objetivos, na verdade eu já tinha a ideia de usar as imagens né, porque eu tinha levado de casa, impressa né, em papel sulfite, eu levei o livro impresso, porque eu já tinha essa ideia deles olharem as imagens e recontarem a história, só que esta forma de apresentação foi adaptada naquele momento, depois de ver o vídeo, muitas coisas eu poderia melhorar, é muitas coisas [pausa], sei lá, não planejei daquele jeito, mas ocorreu daquele jeito e ficou bom.

197. Pesquisadora: Eles conseguiram colocar ali o entendimento deles na hora de recontar a história?

198. Mariana: Sim, eles recontaram direitinho. A sequência lógica dos fatos, eles conseguiram recontar.

199. Pesquisadora: Analisando o seu trabalho, o que você percebeu que você poderia fazer a mais, o que faltou, o que deu certo, em suas aulas?

200. Mariana: Eu vejo assim que eu sou meio desorganizada ali né, eu é, uma crítica que eu tenho pra mim mesma né, é as outras coisas eu fiz o que eu podia fazer de melhor, é claro que a gente vai aprendendo a cada dia, e depois disso eu já entrei em uma sequência né, sobre o meio ambiente, mas sobre a planta, e depois sobre os alimentos, então já fui fazendo uma outra sequência desta sequência.

### 3.2. Autoconfrontação simples da professora Milena

1. Pesquisadora: Bom dia professora Milena! Tudo bem?

2. Milena: Tudo!

3. Pesquisadora: Nós vamos começar a nossa autoconfrontação tá, partindo dos vídeos que você já assistiu, então esse primeiro você quer fazer um comentário dos vídeos que você assistiu, ou eu já posso, é dar sequência!

4. Milena: Já pode dar sequência, que daí eu vou fazendo os comentários!

5. Pesquisadora: Então tá bom. Nesse primeiro vídeo tá, do dia doze de agosto, eu selecionei aqui os cinco minutos da aula, eu vou parar para você ver, é nessa parte aqui, [barulho do mouse], [pausa], primeira questão para o nosso debate, pra aplicar esta sequência didática né, você teve que fazer alguma adaptação do que você planejou?

6. Milena: Sim, foi adaptada a sala né, no caso, porque na minha sala não tinha televisão, então eu tive que tirar eles da sala pra trazer pra essa salinha né, que tava mais de acordo né, então foi feita a organização das cadeiras né, numa forma também, que eles ficassem mais à vontade nesse primeiro momento né, porque eu queria primeiro colher informações do que eles sabiam sobre o tema.

7. Pesquisadora: E qual foi o objetivo desta atividade inicial que você fez com eles?

8. Milena: Foi mesmo pra saber o conhecimento que eles tinham já né, foi pra colher mesmo informações, colher os dados pra que eu pudesse aplicar uma aula sobre o tema e o que que eles sabiam sobre isso, e como a gente pode ver, eles não sabiam, não tinham a ideia de onde vinha a água, porque lembrando que eles são uma turminha da pandemia, eles não fizeram nem o primeiro, nem o segundo, é o primeiro ano que eles estão na escola né, então era bem importante saber o conhecimento que eles tinham.

9. Pesquisadora: Qual foi o objetivo específico nesta atividade de apresentar as fotos do município e de que forma você teve acesso a esse material?

10. Milena: Esse material foi fotos tiradas do youtube né, eu colhi fotos que tinham lá de Matinhos antiga, pra saber também se eles conheciam um pouco da nossa cidade, e pra passar a história da nossa cidade né, e fazer esta comparação de Matinhos ontem e hoje né, pra ver se eles tinham esse conhecimento.

11. Pesquisadora: E depois na sequência da aula, você entrega os folders pra eles, então esse material é da escola ou não?

12. Milena: Não, estes folders a gente conseguiu graças a pesquisadora que está aplicando o projeto pra gente, então ela nos forneceu e doou pra escola, pra uso na escola, então é um material bem rico né, bastante imagens tem informações e que chama a atenção da criança, eu gostei muito.

13. Pesquisadora: E esse material facilitou o seu trabalho?

14. Milena: Facilitou.

15. Pesquisadora: E por que ele facilitou?

16. Milena: Porque pesquisando a gente não tem muito acesso a esse material, assim de conteúdo sobre Matinhos por exemplo, até os materiais que a

gente usa apostilado, não conta a história da nossa cidade, as vezes conta a história do Paraná, mas não tem específico da nossa cidade, e esse material é bem específico, conta um pouco da nossa cultura, um pouco da história da nossa cidade com as imagens e tem também o textinho né, pra fazer a leitura, tudo isso eu achei bem interessante.

17. Pesquisadora: Então agora a gente vai partir para outro vídeo, que é do mesmo dia, a primeira questão é sobre o início deste vídeo, qual critério você usou para organização das carteiras? Por que é que as crianças estão sentadas desta forma, em círculo?

18. Milena: Porque eu queria que eles tivessem contato visual um com outro, e também para troca de experiência né, porque eu acho bem importante, e pra ficar um ambiente mais aconchegante.

19. Pesquisadora: Entendi. Que tipo de atividade você realizou nesse momento e por quê?

20. Milena: Então, pra conhecer um pouquinho mais da nossa cidade e, principalmente, como eu falei pra você, como eles não fizeram nem o primeiro nem o segundo ano presencialmente na escola, eles estão com muita dificuldade na leitura, então eu to trabalhando bastante na área da alfabetização também, então além do conteúdo apostilado, é trabalhado o respeito, a hora da fala, eu vejo que essa turminha que veio depois da pandemia, eles estão tendo uma dificuldade de socialização, estão mais egocêntricos, você viu que ali eu chamei várias vezes a atenção deles, porque eles não respeitam o momento de fala do amigo, não é só o conteúdo, é várias coisas que a gente tá trabalhando pra ver se eles conseguem se socializar né, esse momento da fala é bem importante.

21. Pesquisadora: E depois, nesse mesmo vídeo, você solicitou uma pesquisa pra eles, por que você solicitou essa pesquisa e como você avalia o que eles produziram?

22. Milena: Então é, como eu to falando pra você, a gente tá trabalhando com uma turma depois da pandemia, não só eles, mas de modo geral, ali no caso

foi feita a pesquisa da água né, que eu tinha mandado pra casa, então assim, eu queria que eles tivessem um momento mais com os pais né, pra fazer essa pesquisa, buscar essa pesquisa e o retorno dessa atividade de casa, assim, a gente tá vendo que não está tendo muito interesse dos alunos né, mas como eu joguei a problemática pra eles, eu notei que oitenta por cento da sala me entregou essa atividade né, então isso é bom, mas a gente está tendo bastante dificuldade com esse retorno das atividades de casa, porque a gente percebe que não está tendo o acompanhamento dos familiares em casa, entregam a atividade de qualquer jeito, [fala interrompida pela pesquisadora]

23. Pesquisadora: Então, você acha que esse tipo de comportamento acontece devido á que, deles não estarem entregando, não estão tendo responsabilidade de fazer, devido ao que será que isto ainda está acontecendo?

24. Milena: Eu tenho pra mim, que foi tudo por causa da pandemia, que os pais ficaram muito tempo ali, com eles auxiliando na apostila, e fazendo atividade e esse ano ficou pro professor entende? Foi bem legal eles verem os folders, porque daí eles tiveram que procurar, eles tiveram que fazer, eu notei mais interesse.

25. Pesquisadora: Ah, tá. Então eles tiveram mais autonomia?

26. Milena: Isso, e também mais curiosidade, vamos fazer as coisas, porque eu notei que veio o retorno, porque eu tava com bastante dificuldade até então né.

27. Pesquisadora: Na continuidade do vídeo, você está terminando a atividade de leitura e interpretação oral, como é para o seu trabalho, enquanto professora esta cobrança de notas que vem do sistema educacional, qual seu ponto de vista em relação a isso?

28. Milena: Eu acho assim, a gente avalia o aluno no dia a dia né, as vezes a nota ali é, por exemplo vem uma prova do estado e de repente ele marcou o x e acerta tudo, mas a gente sabe que o aluno tem uma dificuldade por trás de tudo aquilo né, então acho que não condiz muito, porque o professor sabe certinho que

se sai bem em sala, na oralidade, mas não é bom na escrita, então eu acho que esse sistema de avaliação tá um pouco defasado né, eu acho que por nota assim, porque ele se sobressai numa coisa, mas de repente ele não atendeu aqueles requisitos que estavam na avaliação, quando eu avalio, eu avalio tudo isso, ele foi bem na oralidade, teve interesse em fazer a atividade, como que ele me entregou essa atividade, então tudo isso é visto, então naquela pesquisa de casa, é, eu avalio o texto, avalio tudo, mas principalmente o interesse, quem que fez, foi a mãe, foi o pai, porque tá acontecendo muito isso, da atividade vir toda com a letra da mãe ou do pai, que dá pra ver que foi feita no último minuto, então ele teve responsabilidade de falar para os pais que tinha atividade naquele dia né, é igual eu falo pra eles, vocês tem que ter responsabilidade, a tarefa é de vocês, não é da mãe e do pai, então eles tem que ser responsáveis nesta parte também né, então é tudo isso que é avaliado.

29. Pesquisadora: Nós vamos agora pro próximo vídeo tá, que é desse mesmo dia, [barulho do mouse] este ambiente é o mesmo que você estava no horário anterior?

30. Milena: Não, esse já é minha sala de aula né, pode ver que não tem televisão, é uma sala antiga né, e a outra sala que nós estávamos é uma sala mais moderninha né.

31. Pesquisadora: Você pode descrever como é essa sala? A infraestrutura é boa?

32. Milena: É, não é muito boa, porque ela é antiga né, as janelas você pode dar uma olhada é antiga, as vezes tá emperrada, ela não é um ambiente muito propício né, porque eu acho que as outras salas são mais ventiladas, e também ela era uma antiga biblioteca, então se você notar, lá trás tem bastante jogos, livros, que são de outras salas que vieram parar na minha sala, então assim, acaba ficando um ambiente muito poluído pras crianças né, então sempre eles estão distraídos, querendo pegar um joguinho lá trás, aquilo chama muito a atenção e distraíndo eles um pouco.

33. Pesquisadora: Isso atrapalha o seu trabalho na sala de aula?

34. Milena: Atrapalha sim, porque não era uma sala de aula, foram construídas novas e essa tinha virado biblioteca né, como daí a demanda de turma aumentou muito, aí eles tiveram que fazer essa sala novamente, foi meio as pressas né, montaram a sala com as carteiras que sobraram, porque nas outras salas as carteiras são novas né, é a sala mais feinha da escola né, na verdade. [risos]

35. Pesquisadora: Essa falta de materiais, principalmente a tv, você já comentou em reunião pedagógica?

36. Milena: Sim, já. Mas é que, como você pode ver, por exemplo, as paredes tão limpinhas, mas eram escuras, depois que foi reclamado, eles colocaram até lâmpadas mais claras, eles pintaram e agora o ar condicionado tá funcionando né, porque no início do ano não funcionava e tava bem quente, então eles fizeram melhorias, dentro do possível foi feito, como você pode ver o chão também, é, [pausa] uma cerâmica antiga né, e ela acabou quebrando e tava perigoso pras crianças, então resolveram tirar as que tavam quebradas, pro piso ficar bem lisinho, pra não correr risco de acidente, agora eles vão colocar o quadro novo né, que você pode ver que o quadro é bem antigo mesmo, mas a televisão não tem espaço, só que já tem o projeto pro outro ano, de tirar tudo e limpar toda a parte de trás ali, daí vai ficar melhor vai dar pra colocar a televisão.

37. Pesquisadora: Então tá, essa atividade aqui, a pergunta é a seguinte, com qual objetivo você realizou essa atividade, e se ela estava incluída no planejamento inicial da sua sequência didática?

38. Milena: Não, ela não estava incluída né. Mas daí, como sobrou tempo né, e como eu falei pra você, eu estou trabalhando bem voltada pra área de alfabetização, então eu aproveitei o tema, e as palavras que eu tinha feito leitura ali, tirei palavras-chave do folder né, pra que eles pudessem responder, até mesmo [pausa] pra ver a escrita deles né, das sílabas complexas, como eu falei

pra você, tá tudo voltado pra alfabetização no terceiro ano, porque eles estão com bastante dificuldade na escrita.

39. Pesquisadora: Nesse momento aqui do vídeo, [barulho do mouse], você começa a explicar como eles irão fazer a correção das palavras do ditado, só eu nesse momento alguns alunos ficam impacientes e começam a conversar, que efeito isso causa pra você e para o seu trabalho?

40. Milena: Então, o efeito é ruim né, porque na verdade eles se distraem, mas é, esse ano inteiro eles tão assim, é muito trabalho pra tentar fazer com que eles entendam que eles tem que respeitar o momento da fala né, um do outro, não só da professora, porque sempre eles querem se sobressair um mais que o outro, e essa turma é bem agitada, bem falante né, então eu tenho bastante assim, apesar deles estarem sendo filmados, eu também tava ali receosa, por estar sendo filmada, insegura, mas o normal deles é isso aí, eles gostam de conversar, eles gostam de interromper, eles gostam de chamar a atenção, eu tenho bastante dificuldade, eles já melhoraram bastante, mas ainda estão tendo dificuldades de respeitar esse momento, de ouvir né, eu sempre converso com eles, vocês tem que parar um pouco e ouvir mais, eles tem essa dificuldade no ouvir, eu percebo bastante.

41. Pesquisadora: E essa situação te incomoda?

42. Milena: Incomoda, porque daí eu tenho que tá explicando duas, três vezes e não só no ditado, mas é por exemplo, abrir a apostila na página dez, daí estão conversando, de repente perguntam “que página que é professora?”, estão sempre distraídos, eu percebo que isso foi depois da pandemia, eu escuto o relato dos outros professores também, que estão tendo essa mesma dificuldade.

43. Pesquisadora: Entendi. Nesta atividade os alunos tiveram que fazer a autocorreção das palavras que você ditou, pesquisando no folder. Esse material contribuiu para o seu trabalho docente? De que forma?

44. Milena: Eu achei bem interessante, porque foi o momento que eles tem que parar, ter a concentração, que é isso que falta pra eles, essa parada, pra

poder respirar e poder procurar, eu achei bem importante, porque eles ficaram mais quietos nesse momento, porque eles tinham que pesquisar, então foi uma atividade bem interessante, porque procurando eles vão analisar os próprios erros né, e fazer a correção, claro que nem todos conseguem né, um errinho ou outro ainda fica pra professora corrigir, mas eles fazendo a própria correção, eles aprendem mais do que eu de repente, só passar um risco lá e mostrar que tá errado né.

45. Pesquisadora: Você sempre realiza este tipo de atividade ou é a primeira vez? Eles conseguiram realizar esta atividade com autonomia? A maioria das palavras eles conseguiram encontrar e fazer a correção?

46. Milena: Sim, a maioria conseguiu, mas sempre tem alguns alunos que tem mais dificuldades, eu tenho três alunos ali que não conseguem ler e escrever sozinhos, então sempre tem que estar dando auxílio pra eles né, é, mas eles conseguem, é uma turma assim, que tem bastante capacidade, eles são muito inteligentes e espertos, e às vezes o que acaba atrapalhando durante a atividade é a conversa, eles conversam bastante.

47. Pesquisadora: Você comentou que atende os alunos com mais dificuldades individualmente, esse trabalho ao longo do tempo, colabora para o desenvolvimento na aprendizagem?

48. Milena: Tem um desenvolvimento, mas não é um desenvolvimento ideal, o ideal seria que eles tivessem uma professora de reforço né, no contraturno, é um desenvolvimento lento, inclusive eles estão lendo, porque eles chegaram sem ler nada, agora eles já estão lendo sílabas simples nesse ano e algumas complexas, mas para um terceiro ano, eles já tinham que tá mais avançado na leitura.

49. Pesquisadora: Você tem, mais ou menos, uma porcentagem de quantos alunos estão nessa fase da alfabetização? E quantos conseguem ler e interpretar com autonomia?

50. Milena: Então, eu tenho alunos que sabem ler e interpretar, que são independentes, posso dizer que são dez alunos na sala.

51. Pesquisadora: Quantos alunos você tem?

52. Milena: Tenho vinte e dois alunos, aí ali, deixa eu ver [pausa], oito conseguem ler sílabas simples e complexas em textos, mas ainda assim precisam da ajuda da professora porque são inseguros, e quatro que estão iniciando a leitura das sílabas complexas né, e que precisam direto da ajuda da professora, só que tiveram avanços, porque não conheciam nem as sílabas simples, se tivesse uma professora de reforço, no contraturno, desde o início do ano, igual aos outros anos né, com certeza eles estariam acompanhando a turma. Esses que lê, mas não interpretam, é porque conversam muito, porque daí quando você chega, que nem eu falo pra eles, meu dedo parece que é mágico, porque eles falam “professora eu não sei”, daí eu falo assim, lê essa pergunta, daí eles falam “ah, agora eu entendi”. Eu vejo que eles estão inseguros e imaturos, pra série que eles estão, foram prejudicados devido a pandemia. Eu me sinto no primeiro ano, como sou professora do primeiro ano, estando no terceiro ano.

53. Pesquisadora: E o que você tem preparado de materiais pra esses alunos? E isto sobrecarrega o seu trabalho docente?

54. Milena: Porque assim, é cobrado nota né, se você for avaliar estes alunos, eles tiveram avanços, só que o avanço deles não é um avanço pra nota, isso sobrecarrega sim, porque eu tenho que fazer caderno separado, com atividades de leitura, só que eu chamei os pais né, fiz um material adaptado pra eles estudarem em casa, pra fazer esse reforço em casa, mas a maioria dos pais não tem tempo, porque a gente percebe que não é tanta dificuldade, simplesmente eles ficaram sem estudar estes dois anos, e ficou mesmo em defasagem de estudo mesmo né.

55. Pesquisadora: E as correções das atividades te dão muito trabalho? Você já pensou em realizar as correções de outra forma?

56. Milena: Bom eu sempre peço pra eles fazerem a correção né, por exemplo, é, eu peço pra eles fazerem a atividade daí eu dou uma olhada, peço pra eles olharem no quadro, daí eu passo no quadro pra eles e fazerem a correção, mas assim, eu percebo que a maioria prefere não fazer a correção, porque dá trabalho, tem que apagar e fazer de novo, então por isso que eu prefiro fazer a correção individual, porque daí eu tenho certeza que, [riso] ele vai fazer o certo né, que ele vai fazer o correto, então assim, ele errou a pergunta, daí eu leio o texto novamente pra ele, só eu no primeiro momento, deixo que eles leiam sozinhos, porque eu quero que eles consigam fazer sozinhos né, e aí quando eu vou pegar pra fazer a correção, eu anoto o que tá errado, pra eles tenta de novo, se eles não conseguem, eu passo no quadro, mas mesmo assim eles não fazem essa correção, eles não tem essa autonomia pra fazer, sabe assim? Na apostila, eu chamo um por um, eu to lá com uma pilha de apostila, chamo na minha mesa e vou fazendo a correção junto com eles, todo dia é assim, e tem que ser assim, porque a gente vê que nos outros anos eles tinham mais autonomia, quando eles estão desde o primeiro, segundo e terceiro ano direto na escola, eles faziam a correção sozinhos.

57. Pesquisadora: Então, agora nós vamos pro outro vídeo tá, do dia quinze de agosto, nesse dia eles estão apresentando a pesquisa que você pediu, quais foram os desafios que você encontrou no momento deles apresentarem?

58. Milena: O desafio é fazer eles ouvirem o outro, ter respeito pela fala do outro, eu acho que esse é o grande desafio que a gente tá vivendo hoje né, é se colocar no lugar do outro né, eles tão muito agitados né, tudo gira em torno da tecnologia, celular tudo, então eles tão pensando no joguinho quando chegar em casa, eles tão pensando em cartinhas, menos no que tá, não é interessante ouvir o colega falar, eles acabam atropelando a fala do colega né, é o grande desafio do professor hoje, de fazer com que eles tenham atenção, de ter respeito na hora que o colega tá falando, porque isso é pra vida toda.

59. Pesquisadora: O que você pretende desenvolver nos alunos, com essa metodologia dos alunos irem lá na frente apresentar as pesquisas?

60. Milena: Ah, isso aí porque, eu sempre faço eles apresentarem suas pesquisas, vão lá na frente, quero que vão fazer a leitura, porque eu tenho esse problema, porque no meu tempo que eu estudava é, se a gente fosse na frente fazer uma leitura e errasse, a sala inteira tirava sarro e os professores não intervinham né, então assim, eu fiquei com esse trauma.

### 3.3 Autoconfrontação simples da professora Clarice

1. Pesquisadora: Primeiramente, bom dia!

2. Clarice: Bom dia!

3. Pesquisadora: Obrigada por você estar participando, deste momento da autoconfrontação, nós vamos iniciar então com a segunda aula, do dia dezessete de agosto, a primeira questão que eu faço a você é o seguinte: qual foi a sua maior dificuldade em aplicar a sequência e se tudo que você planejou você conseguiu aplicar?

4. Clarice: Não, não consegui aplicar. A maior dificuldade é pela turma não estar no mesmo nível de entendimento, muitos com dificuldade na interpretação, então acaba que a gente planeja algo e não consegue aplicar devido ao entendimento de todos, eles não vão entender da mesma forma. Então eu senti que, vendo o vídeo, que ficou muito fraco, pra um quarto ano, ficou um tema assim, que podia ter sido abordado muito mais, mas por eles ficarem na agitação e eles não entender tudo o que a gente fala, não atingiu aquele objetivo que assim, pra aula proposta.

5. Pesquisadora: E quais foram as disciplinas que você conseguiu integrar quando você aplicou a sequência didática?

6. Clarice: Ah, eu consegui história, geografia, matemática, português, ciências, foram as cinco disciplinas, as principais ali, que foi interdisciplinar, que eu

consegui colocar um pouquinho de cada, a localização, é [pausa] o tempo, o cálculo que a gente conseguiu e a produção de texto.

7. Pesquisadora: Você utilizou um material, com qual objetivo?

8. Clarice: Foram os folders, não é?

9. Pesquisadora: Sim.

10. Clarice: Até pra facilitar no entendimento deles, a visualização, só a fala é uma coisa, com o material diferenciado faz com que eles conseguissem perceber melhor, eles entender e se localizar, e assim eu entendo que muitas vezes a gente falha nisso, e não ter muitos outros materiais, porque eu percebi que chamou muito a atenção deles e algumas crianças mostrou que não sabe se localizar onde mora, não sabe achar e outros se localizaram, tinha aqueles que não sabiam, dizia assim, “eu moro em Matinhos”, mas não sabia onde morava, entendia-se que Matinhos era um bairro, era um local geral, e eles não se localizavam, então assim, foi interessante observar isso, que é algo que pode ser pensado no decorrer, pra colocar outros materiais pra facilitar o visual deles, a visualização, porque eu acredito que eles interpretem melhor.

11. Pesquisadora: E este material facilitou o seu trabalho?

12. Clarice: Facilitou no sentido de que você consegue, é, mostrando aquilo ali faz com que eles visualizem melhor e você consiga dar um retorno melhor pra eles, positivo.

13. Pesquisadora: Continuando então, nos próximos minutos do vídeo, [barulho do mouse], durante a atividade que você fez com eles, foi possível com este material, além deles fazerem a localização, fazer uma sondagem pra ver a dificuldade dos alunos em relação a leitura?

14. Clarice: Foi possível né, que alguns, nem todos conseguiram fazer a leitura né, alguns foi possível perceber que eles têm bastante dificuldade na leitura, não só a leitura em si, como ler e interpretar. Porque foi possível observar que eles leem, tem alguns alunos que leem muito bem, mas não interpretam o que

eles leem, então eles terminam de ler, a gente pergunta e eles não conseguem interpretar o que leram.

15. Pesquisadora: Falando ainda desta atividade, qual foi o objetivo dos alunos trabalharem em duplas, e as carteiras estarem organizadas desta forma?

16. Clarice: A dupla facilita muito pra criança tímida, que ela tem dificuldade em se localizar sozinha, e o colega eu vejo que acaba ajudando né, e a forma de organização das carteiras na sala, eu não gosto de trabalhar o ano inteiro com a mesma organização, acho que o aluno trabalhar um atrás do outro, o tempo todo, a gente acaba perdendo o controle, tanto da turma, quanto a gente observar o aluno, às vezes um atrás do outro, você não consegue observar se o aluno tá entendendo ou não, olhando eles de frente, você consegue observar se a criança está entendendo ou tá desviando o olhar, se ela tá prestando atenção e até a forma de acompanhar o outro.

17. Pesquisadora: Aproveitando este momento aqui, na imagem do vídeo, a gente verifica que você tem uma outra professora na sala, gostaria que você comentasse que trabalho ela desenvolve, como é o relacionamento interpessoal com os alunos e com você?

18. Clarice: É, nessa imagem aí está um aluno que é autista, ele acompanha a turma, ele evoluiu bastante no decorrer deste ano, nesse dia a aluna que também é autista, não estava presente, e assim o trabalho que faço com eles, a gente usa uma forma de que não exclua a atividade deles do restante da turma, pra que a turma não veja eles como diferente, e nem eles se sintam diferentes, então é feita uma adaptação quando precisa, é menos atividades pra eles, mas eles participam dos grupos, a professora, auxilia os dois e auxilia os demais quando precisa de alguma coisa, tem uma boa convivência com os alunos, comigo, tanto que ela acaba ajudando uma outra aluna, que ela tem uma dificuldade de socialização, ela quase não fala, não se comunica com a turma, ela é tímida e muito reservada, quando é feita atividades em grupos, ela não gosta de participar junto com os outros alunos, então a professora paaee, puxa ela do seu lado, pra que ela não fique sozinha nas atividades. E assim, uma mudança que

nós começamos neste quarto bimestre, com os dois alunos com espectro de autismo, foi que a gente passou a colocar eles mais próximo da turma, onde um colega vai sentar do lado pra incentivar eles a participarem, a gente já tá preparando eles pra saída da escola quando for pro sexto ano, essa independência, de não ficar sempre muito ligado só a professora, e sim ter a autonomia de trabalhar em dupla.

19. Pesquisadora: Entendi, e no caso, gostaria que você comentasse, em relação a formação dessa professora, se ela faz a hora atividade junto com você, e se ela participa das reuniões pedagógicas?

20. Clarice: Então, ela não é professora formada, ela está fazendo a faculdade de Pedagogia né, o concurso dela é de atendente, ela está autorizada pela secretaria de educação, devido nós não termos professores paae, pra auxiliar todos esses alunos né, então ela veio pra me auxiliar com estes alunos, na realidade eu monto as atividades. No início, fiquei preocupada em vir uma pessoa que não tem a formação, será que vai dar continuidade, e acabei me surpreendendo, porque ela tem uma vontade muito grande de aprender, ela pesquisa, ela fez curso de autismo online, pra se inteirar do assunto, e muitas coisas que eu não observava, devido a ser uma turma grande e com diversos níveis de dificuldade, ela observou que quando os alunos com espectro de autismo, não conseguiam concluir aquela quantidade de atividades, eles saiam frustrados e no outro dia não queriam participar, e assim a gente começou a mudar a forma de preparar as atividades. Começamos a aplicar menos atividades pra turma toda, pra eles poderem ser integrados a turma, mas de uma forma que usamos bastante o concreto, hoje mesmo trabalhamos sobre, frações, giro e ângulos, cada vez que precisava explicar, não era explicado só por desenho, um aluno vai lá na frente, gira, depois escolhe outro pra ir no seu lugar, tendo este contato e fazer no concreto, pra que os alunos com espectro de autismo e aqueles que tem alguma dificuldade de aprendizagem venham a entender melhor o conteúdo, e com isso a gente percebeu que os alunos passaram a ir embora menos frustados, porque eles terminavam, a turma passou a desenvolver melhor né, e ela consegue me ajudar muito, porque ela me passa muitas dicas, porque ela está ligada diretamente com os dois, então ela percebe que o aluno está com

dificuldade porque não dormiu direito, ela tem todo esse cuidado de barganhar com o aluno, olha se você fizer esta atividade, você vai ter dez minutos lá fora, que é um momento deles se reorganizarem, que a aluna autista tem a necessidade de sair da sala, o aluno autista já não tem esta dificuldade, consegue permanecer na aula o tempo todo participando, então ela consegue fazer este equilíbrio, perceber o momento dela, e não empurrar a atividade, quando ela percebe que eles ficam agitados, é o momento da reorganização, ou sai um pouquinho da sala, ou a aluna levanta e vai pro xadrez, ou vai conversar com as colegas, ali e dado uns cinco minutos, aonde eles ficam pra interagir.

21. Pesquisadora: É uma professora que veio pra somar?

22. Clarice: Somar, ela veio pra somar. Ela me ajuda muito, mesmo ela não tendo a formação completa, ela tem a prática, e a gente percebe que ela tem a vontade né, e também a importância dela na turma, como ela não falta, ela criou um vínculo com os alunos, que ela consegue seguir uma rotina, e assim no primeiro bimestre, a outra professora, devido as faltas dela, ela não tinha rotina, nem de atividades, nem aquela rotina de contato com eles, devido as faltas, que não seja uma crítica isso, mas que a gente percebeu que reflete na turma em si e pra eles né, com o espectro de autismo, a gente percebeu que isso reflete muito mais, quando o professor começa a faltar, porque eles tem um vínculo muito forte com ela, eles esperam ela chegar, pra eles começarem as atividades.

23. Pesquisadora: Então, agora nós vamos pra outro momento tá, dessa aula, [barulho do mouse], [pausa], na sua percepção, enquanto docente, o que este material que você usou, foi possível apontar de dificuldade dos alunos?

24. Clarice: Na localização e interpretação de mapa, eles não tem noção, talvez assim seja uma falha do professor trabalhar, que a gente acaba trabalhando menos com o material concreto, com mapas e localização, eu percebi que eles, muito deles olhavam no início, mas não perceberam que ali existia uma extensão maior, que tinha outros balneários, que tinham outros lugares, e quando eu comecei a perguntar, algumas crianças foram entendendo onde que tinha, então o

material, eu no meu modo de ver, eu eles conseguiram assim, que pode-se melhorar muito mais com o material, é concreto pra eles.

25. Pesquisadora: A escola tem mapas que mostram os balneários e bairros do município de Matinhos, como foi visualizado neste material?

26. Clarice: Não, como este material, não. Se tiver mapas, eu já trabalhei com mapas, mas eles já estão assim, deteriorados, já pelo tempo, e a gente percebe que quando eles tá muito amarelados, às vezes é rasgado, ou alguma coisa assim, a criança perde o interesse, porque o visual não chama a atenção, mas eu vejo assim que a gente precisa de mais material que venha trazer esse interesse da criança, porque entre você falar que tem um balneário, que tem uma praia, que lá tem o morro e você mostrar aquilo pra eles, é uma diferença bem grande, é onde se torna mais interessante e acaba facilitando o nosso trabalho, porque ao invés de você repetir várias vezes e tentar fazer a criança entender, com o material, você consegue passar mais rápido as informações para o aluno.

27. Pesquisadora: Agora passei para outro vídeo que você já assistiu, e a minha pergunta é a seguinte, de que forma você consegue avaliar os alunos, no momento que eles estão apresentando a pesquisa?

28. Clarice: No momento que eles começaram a ler, é, eu percebi que eu pedi que eles fizessem uma leitura e um resumo do que leram, mas a maioria fez uma cópia, alguns não entenderam o que era pra ser feito, eles eram pra fazer uma pesquisa de cada balneário, se tinha moradores e assim, poderia de repente, ah, eu não encontrei na internet, mas a mãe ou alguém da família poderia dizer, tem o balneário tal, ter uma estimativa, como eu trabalhei com eles, e percebeu-se que eles não vão pra pesquisa, eles vão pra cópia, percebi que eles copiaram e que eles tem dificuldades de entender o que você propõe pra eles, é, assim, vendo o vídeo, eu percebi que a gente tem que, de repente, usar outras estratégias, pra fazer com que eles entendam o que é uma pesquisa, só que pra isso a gente tem que começar a trabalhar desde o pré, ensinando pra eles o que é uma pesquisa pra quando eles chegarem no quarto e no quinto ano, eles entenderem a importância de ir lá e ler e não fazer uma cópia fiel ao que eles

leram, eu senti que a maioria fez uma cópia, foram poucos os alunos que eu percebi, que realmente, escreveram com as próprias palavras.

29. Pesquisadora: Tem um momento deste vídeo, que uma aluna vai no quadro e resolve um cálculo matemático, qual foi o critério que você utilizou para esta atividade?

30. Clarice: Foi uma estimativa né, eles têm bastante dificuldade em matemática, e ela é uma aluna que tem dificuldade, então como a turma está com bastante dificuldade em cálculos, eu imaginei que colocar uma estimativa e tentar colocar pra eles como que a gente poderia, porque nós não tínhamos um valor exato da população, mas nós podíamos chegar dentro de uma estimativa pra ir lá fazer o cálculo no quadro, e fazer com que eles entendam, porque muitas vezes, o colega indo no quadro e resolvendo, é mais fácil o colega entender, do que a professora explicar dez vezes e eles não conseguem.

31. Pesquisadora: Então eles estão com dificuldade, que você comentou, na divisão?

32. Clarice: Na divisão, eles têm bastante dificuldades na divisão e na multiplicação, que assim, eu trabalho com regrinhas, e como eu percebi que eles não desenvolvem, então eu voltei lá no início na construção da tabuada, pra que eles não tenham a ideia de que a tabuada, do dois vezes dois é quatro, como que eu cheguei nesse resultado, que eu posso construir essa tabuada, e com isso eles começaram a entender a importância de fazer, assim, e vai levar mais tempo, vai, mas eles vão conseguir, e também trabalhar a prova real em todas as contas dos cálculos que eles fazem, eu peço a prova real, porque daí eu posso trabalhar dois cálculos, mas aí eu trabalho as quatro operações dentro disso aí, facilita com que a criança entenda que ela vai usar né, a adição, a multiplicação, a divisão, a subtração, que isso é algo que ela vai usar pro resto da vida, e que tem, não só uma forma dela chegar nesse resultado, ela pode achar outras formas de chegar nesse resultado.

33. Pesquisadora: Então seria uma forma da criança entender o processo, e não ser uma decoreba?

34. Clarice: Isso, a tabuada, eu não acho interessante, eles decorar a tabuada, porque a dificuldade que a gente tá vendo nos alunos, é que eles estão chegando lá na frente, sem conseguir entender uma divisão, porque se eles não sabem construir a tabuada, ele não vai saber a divisão.

35. Pesquisadora: E aqui nessa aula, como você controla o tempo de realização dessas atividades?

36. Clarice: Como nós trabalhamos com grade de aulas semanal né, diária, então nós temos duas horas de aula, não chega a dar duas horas de aula de português, é dividido em duas aulas de português, é dividido em duas aulas de matemática na terça, na quarta ensino religioso e ciências, quinta história e geografia e sexta, português e matemática, porque ela tem uma carga maior de tempo de aula, então a gente tenta planejar, por isso que, tendo os dois alunos com espectro de autismo, a gente tenta dividir o tempo que seja é, [pausa] que a criança, que todos eles consiga desenvolver essa atividade, pra ser corrigida no dia, então a gente tem que trabalhar muito ali, assim, com, é, de certa forma cobrando o aluno pra que ele realize aquilo ali. Daí, tem que tá, cobrando, ensinando, vai de mesa em mesa, e costumamos estipular um tempo, olha nós temos uns dez minutos, que é o tempo, que eu vou dar pra vocês resolverem o cálculo, depois nós vamos corrigir, então tem que ser de certa forma, cronometrado, porque como tem que seguir a grade aula, não dá pra extrapolar o horário, claro que, quando a aula, é, necessita de tirar dúvida, muitas vezes naquela aula, igual hoje, é português e matemática, mas eu senti que o assunto era bem importante, eles entenderem frações, eu resolvi seguir as quatro aulas só de matemática.

#### 4. Autoconfrontação Cruzada com as professoras Mariana, Milena e Clarice

1. Pesquisadora: Então vamos começar, boa tarde professoras!

2. Professoras: Boa tarde!

3. Pesquisadora: Deixa eu ver se aparece todo mundo aqui, vamos lá, aí, [pausa] vou ficar aqui neste cantinho, não atrapalha você não né, Milena?

4. Milena: Não.

5. Pesquisadora: Então nós vamos começar a nossa auto confrontação cruzada tá, é o primeiro momento vocês vão assistir os vídeos né, do que vocês trabalharam em sala e autoconfrontação simples e depois vocês vão é, fazer os comentários, o debate entre os pares tá bom? Então eu vou começar com a professora Mariana, é o primeiro momento de aula dela aconteceu no dia oito do seis, nesse primeiro momento aqui que eu vou colocar para vocês, todo mundo está conseguindo acompanhar? Eu vou só, é, chegar aqui até um minuto e quarenta e cinco, [pausa] pra vocês verem o que acontece, [barulho de som de carro com propaganda], [barulho do vídeo da autoconfrontação simples]. Agora nós vamos para o outro vídeo, que é o da autoconfrontação simples [barulho do mouse], [som de passarinho cantando] [barulho de moto passando na rua] que a gente realizou né, com a professora tá, é deixa eu só colocar aqui, [pausa] [latidos] então, nessa parte aqui, em relação ao que você desenvolveu nessa atividade prática, você sempre faz?

6. Mariana: Sempre fiz.

7. Pesquisadora: No dia treze do seis, nessa aula aqui, é um vídeo bem grande, [barulho do mouse] a professora Mariana coloca um aparelho e explica a atividade e como foi a primeira vez que ela usou este aparelho, este vídeo aqui deu uma hora e quatro minutos tá, estou tentando carregar no tempo de uma hora e quatro minutos, [som dos vídeos assistidos pelas professoras]. Tenho aqui esses 2 vídeos, e a pergunta entre os dois vídeos, como eu expliquei pra vocês né, Milena e Clarice, analisando o primeiro vídeo e o segundo vídeo eles vão falar sobre o mesmo tema, o tempo de realização de atividade dos alunos, pra vocês acontece da mesma forma, como ela relatou ali? Que ela tem alguns alunos que são mais rápidos outros que são mais lentos e que às vezes ela tem que ter

atividades extra para poder né, estar deixando, porque eles terminam e daí aqueles outros que às vezes não conseguem fazer fica para outro dia, com vocês acontece a mesma coisa ou não?

8. Milena: Acontece, com os maiorzinhos sim, acontece também, é, geralmente a gente pega também atividades extras ou pede pra aquele que terminou o primeiro auxiliar, e daí a gente já faz, é que nem no meu caso, a gente orienta que não dê a resposta, orienta igual a professora, né, que aqueles que terminam mais rapidinho assim, que eles têm mais facilidade naquela tarefa, aí eu peço para ir auxiliar os outros com mais dificuldade, né, é mais ou menos assim, ou mando fazer uma leitura, eu tenho na sala ali, não sei se você viu o cantinho da leitura, ou peço pra pegar um gibi, aí depende muito do dia, tem dia que tem atividade extra, tem dia que peço pra eles pegarem o gibi, tem dia que eu peço pra eles auxiliarem, mais ou menos isso.

9. Clarice: Acontece a mesma coisa com a minha turma né, e tem isso também, aquela criança que faz é, duas atividades e aquele que não fez ele cobra, ou também tem aquela coisa assim, que eles pegam, vamos dizer assim, não sei se pode usar o termo malandragem, que daí assim, a professora hoje só me deu uma atividade, amanhã eu vou demorar pra ela me dar só mais uma também, então você tem que tá controlando né, a gente vê assim que eles estão muitos lentos né, os pequenos ainda, a gente vê que eles são mais atenciosos, eles fazem mais rápido agora, os grandes eles estão com muita dificuldade de concluir uma atividade.

10. Pesquisadora: Agora nós vamos pro outro tá? O segundo aqui que é do dia nove, deixa eu ver aqui da Mariana, [pausa] [som dos vídeos assistidos pelas professoras], [barulho de moto]. Então aqui é outro momento, parei porque este vídeo é bem longo, e aqui o tema em questão é a entrada da coordenadora em sala de aula, como vocês viram ali né, a professora estava dando aula, ela tinha colocado as crianças pra fazer uma atividade prática, onde eles iam manusear a questão do cheio e do vazio, com água, com alguns materiais que eles tinham que encher e esvaziar o copo, e de repente né, tudo organizadinho, ela entrou e interferiu na aula, e depois a Mariana comentou também né, que isso interfere

muito no raciocínio dos alunos também. Lá na escola de vocês acontece a mesma coisa?

11. Clarice: Acontece.

12. Milena: Acontece, porque às vezes é, é muita coisa pra coordenadora, e ela não quer esquecer né, e acaba vindo, entrando, interrompendo para dar algum recado, e como na nossa escola, por exemplo, é grande né, daí até ela atender todas, ela vai passando, já tem esse costume mesmo.

13. Pesquisadora: E acontece a mesma situação que a professora Mariana explicou aqui, que interrompe o raciocínio dos alunos?

14. Milena: No meio de uma explicação sim, mas se eles já estão fazendo uma atividade e ela entra, não interfere.

15. Clarice: Muitas vezes, dependendo do que você está explicando já se perde, aí vira um tumulto, eles aproveitam pra conversar, os grande tem um problema deles ficarem ouvindo que a coordenadora está falando, porque depois eles ficam questionando, então, não sei se tem um assunto da tarde que não é da turma da manhã, mas à tarde tem os alunos autista, e essa semana houve assim, que a gente está tentando organizar o tempo dela, e uma professora entrou na sala com todos os alunos dela, pra perguntar sobre alguma coisa sobre profissão, mexeu com a turma e quando entrou assim, agitou a turma inteira, [fala interrompida]

16. Milena: Agita! [riso]

17. Clarice: E a gente é, fica conversando, debatendo que deveria ter uma organização para isso não entrar, não só na sala que tem aluno autista, mas também no todo, porque às vezes você está explicando e perde seu foco, quer dizer, você perdeu metade daquela aula, até você retomar com todo mundo sentado, todo mundo organizado é difícil.

18. Pesquisadora: No olhar de vocês, de que forma deveria funcionar essa organização, da coordenadora entrar na sala de aula, como deveria ser então para não interromper?

19. Milena: É difícil! Porque na hora atividade, por exemplo, a gente tá cheia de coisa pra fazer, às vezes também, esse tempo, tirar a metade da hora atividade para ficar conversando com a coordenadora, também é difícil né, porque a gente que tem o terceiro e o quarto ano, a gente tem que fazer impressão, tem que fazer um monte de coisas, às vezes você tá arrumando um livro de chamada, tá preparando uma documentação, tá fazendo alguma coisa então é, [pausa], depois do horário também é difícil, então é complicado. [risos]

20. Clarice: É difícil, é complicado né, é que às vezes chega as coisas e os recados em cima da hora pra coordenadora, ela tem que correr e passar esses recados né, jamais dizer que é culpa da coordenadora porque ela tá fazendo o trabalho dela.

21. Milena: E esse ano é atípico né, que nem a gente tá falando, muitos pais estão indo na escola procurando, então elas também, assim pelo menos na escola, a gente percebe que elas estão sobrecarregadas, porque toda a hora tem que ficar atendendo o pai, toda hora tem que ficar atendendo alguém, toda hora tem que ficar, e não é, assim tipo, antes isso acontecia uma vez no mês, era uma vez por semana, e diariamente agora elas estão com essa carga também.

22. Clarice: E assunto banal!

23. Milena: A gente percebe que elas estão cansadas, vendo os dois lados, a gente percebe isso. [fala interrompida pela professora Clarice]

24. Clarice: Só que tem que ser passado né, elas recebem e elas têm que passar a informação, e acabou que, antes não era tanta entrada da coordenadora, agora direto ela acaba entrando devido a isso, assuntos banais que acontece com o aluno, assunto que as vezes chega a ser, é, “o colega olhou torto pra mim”, e daí o pai vem e reclama e a coordenadora precisa de toda uma organização pra ela chegar e falar, então acaba que pra elas também tá difícil.

25. Milena: Porque veja bem, pra ela chamar na sala dela, teria que ter alguém para ficar no lugar da professora, aí se você sai, do mesmo jeito a sala se desestabiliza inteira, então assim pelo que a gente vê lá na escola, pelo menos a

nossa coordenadora é uma ótima profissional né, é, e ela é muito cuidadosa, a gente percebe assim que né, a gente tem pena até, [risos]

26. Clarice: [risos]

27. Milena: A gente tá vendo que tá muito complicado, esse ano que está sendo diferente pra todo mundo né.

28. Pesquisadora: Agora vamos para a última parte, com o vídeo da professora Mariana, [som do vídeo assistido pelas professoras]. Agora a pergunta é pra você, professora Mariana: Alisando tudo né, o seu trabalho, nos vídeos assistidos, você percebeu que você é desorganizada, em que sentido você acha que você foi desorganizada?

29. Mariana: No sentido de trazer o material e já deixar no lugar específico, que algum momento eu tinha que procurar, por exemplo, precisar de uma caneta aí abrir a gaveta e pegar, sabe, essas coisas assim, e isso eu já melhorei, porque agora eu já levo com clipes das atividades que eu vou dar primeiro, a segunda, algo extra que né, que se acontecer alguma coisa eu posso fazer, então eu já deixo mais no meu armário, mais organizado, pra que eu não perca esse tempo pra estar procurando as coisas, claro que às vezes a caneta tá ali mais some, mas na medida do possível organizar melhor, é, e na medida do possível ter um espaço necessário pra aquela aula, e às vezes a gente como professor, na correria, às vezes a gente sai de uma escola vai e almoçar né, correndo, volta e aí chega na escola e pensa assim: “Ah! Poxa! Eu podia ter comprado um papel colorido né, algo desse tipo, a gente não pode sempre colocar isso como desculpa, a correria né, mas é algo que, eu não sei se é porque a ideia vinha ali na hora, nossa mais essa atividade ficaria melhor se fosse com papéis coloridos ou eu realmente devia ter me organizado melhor, ter pensado nisso antes e ter trazido antes, é mais no sentido de facilitar o trabalho.

30. Pesquisadora: Agora vamos passar para o da professora Milena, tá?

Milena: Ai Jesus! [risos]

31. Pesquisadora: Agora vai ser o processo inverso né, elas vão comentar e você vai ficar para o último momento, tá bom? [som dos vídeo assistido pelas

professoras], [risos da professora Milena ao se ver no vídeo], esse primeiro vídeo foi gravado na sala né, durante a aplicação da sequência didática, agora vocês vão assistir o vídeo da autoconfrontação dela, [som do início do vídeo, que foi interrompido por uma pergunta]

32. Mariana: Foi na escola mesmo?

33. Pesquisadora: Sim, foi na escola. [som da continuação do vídeo assistido pelas professoras]. [Pausa] pronto! Então os dois vídeos, mostra ela trabalhando com material né, ele é todo diferenciado e depois ela comentando a questão do conteúdo né, Matinhos que não tem livro no didático, nem na apostila, então é, a questão pra vocês, nas turmas de vocês, quando vocês precisam desenvolver esse tema, “O município”, dia do aniversário, vocês têm material específico pra se trabalhar?

34. Mariana: Não!

35. Clarice: Não tem!

36. Pesquisadora: No teu caso, professora Mariana, que é da educação infantil, não vem assim, é, vocês não têm nenhum recurso e que venha da secretaria da educação pra vocês trabalharem, pelo menos naquela semana, que vocês precisam fazer sobre o aniversário de Matinhos? Ou em forma de história, ontem e hoje?

37. Mariana: Pra Educação Infantil, não!

38. Clarice: No Fundamental, às vezes tem que entrar no site né, mas a gente também não encontra quase nada né, muito pouco, encontra assim uma coisa muito básica né, que não é o caso, porque muitas a gente precisava ter algo mais é, é às vezes, até coisas mais atual, ter imagens, mas a gente tem dificuldade de baixar as imagens para mostrar para os alunos, então fica bem complexo assim, pra eles.

39. Mariana: Esse ano mesmo, quando eu fui trabalhar, é porque teve o desenho lá né, o concurso de desenho da cidade de Matinhos, eu fui no google

pra pegar algumas fotos da praia, fotos de algumas regiões aqui de Matinhos, pra poder conversar com as crianças.

40. Pesquisadora: Então vocês têm que trabalhar, mas não se tem esse recurso, vocês ainda tentam pesquisar outros recursos, mas vocês não conseguem como deveria ser. Para vocês, enquanto professores, nessa situação, como fica o trabalho de vocês, como vocês se sentem em relação a isso?

41. Mariana: Eu primeiro?

42. Pesquisadora: Pode ser.

43. Mariana: É, eu acho que fica mais difícil né, a gente tem que gastar um tempo maior procurando né, não sou pesquisando sobre a cidade, porque a gente tem que né, pesquisar as histórias, estudar, mas também procurando recursos né, visuais porque as crianças precisam de, e talvez até tocar, e assim, acho que a gente gasta muito tempo.

44. Clarice: É assim, acho que é um tempo que poderia ser é, aplicado para desenvolver uma atividade com eles, e acaba que a gente não tem esse tempo e muitas vezes nenhum recurso, se for fazer na escola, a gente não tem é, computador disponível para todos, o tempo é muito curto tem que dividir em vários professores, em casa acaba que não também tem muito pouco tempo, resta só à noite para fazer, então se a gente tivesse o material, é até mesmo nos livros que vem pro aluno, que a gente sabe que a professora falou, só vem é, a história do Paraná e vem muito assim também, superficial né, eles não falam assim, quando eu trabalhei com a minha turma, que eu mostrei sobre Matinhos, muitos alunos não sabiam nem o bairro que eles moravam, sabia que morava em Matinhos, porque a gente acaba não tendo esse acesso para trabalhar com eles.

45. Pesquisadora: Vamos pro segundo momento, [pausa],[barulho do mouse], [som do vídeo assistido pelas professoras], [risos da professora Milena, ao assistir o vídeo, no primeiro momento, e em seguida fez o seguinte comentário]: “- Olha o meu cabelo, tá bem assim, parece um rabo de cavalo!” [risos], [som do vídeo assistido pelas professoras], [risos da professora Milena, seguido pelas demais professoras, Mariana e Clarice], [barulho do mouse]. Então,

aqui a professora estava explicando como eles iriam fazer a autocorreção, vocês percebem que eles estão bem né, [fala interrompida da pesquisadora]

46. Milena: Agitados!

47. Pesquisadora: Ela tem que estar o tempo todo chamando a atenção, é, em um primeiro momento ali, eles estavam fazendo outra atividade, que era mais a leitura em círculo né, parece que eles estavam assim, mais calmos, essa daqui eles já estavam mais agitados [fala interrompida da pesquisadora].

48. Milena: Eles estavam em outra sala onde tinha televisão, eles assistiram os vídeos.

49. Pesquisadora: Agora eu vou passar pra outra parte que ela comenta sobre isso, tá, sobre essa dificuldade. [barulho do mouse], [som do vídeo assistido pelas professoras]. [pausa]. Bom, na turma de vocês também acontece isso? Essa média de porcentagem de alunos, no caso do quarto ano e da educação infantil, de acordo com o nível e o conteúdo que eles precisam assimilar, vocês têm essa mesma média, ou não?

50. Mariana: Eu não estou entendendo, é dentro do que é exigido para aquela idade?

51. Pesquisadora: Sim.

52. Mariana: Dentro do que é exigido para aquela idade, a minha turma até que desenvolve bem, alguns, eu até coloquei na de pré conselho né, alguns tem um pouco de atraso no desenvolvimento, por causa da bagunça, da indisciplina, do desinteresse, então são três, numa turma de 20 alunos, que realmente pegam as atividades, rabiscam, jogam lá na mesa, e perguntam: “Posso brincar?” sabe, desse tipo assim, a gente faz mais atividades com movimentos, interação, com brincadeiras, então eles acabam se envolvendo mais, né, do que nas atividades escritas.

53. Clarice: Na minha turma é, a gente fala assim, muito da pandemia que veio a pandemia e eles ficaram em casa, hoje eu percebo assim, que a criança que estuda, com a pandemia ou sem pandemia, ela estudou, ela continuou né, só

que esse ano a gente tá percebendo que o nível, a gente estava acostumado a mandar três ou quatro alunos com dificuldade para o quinto ano, hoje a gente vai mandar uma turma para o quinto ano com dificuldade, claro que assim, se eu for olhar a minha turma, eu tenho 24 alunos e cada um tem um nível, porque tem aluno que tá muito bem matemática, outros não estão em português, a indisciplina assim, ela tá sendo bem complicada esse ano, por que nos anos anteriores parece que a gente tinha mais domínio na turma, e assim, os pais estão tão fragilizados que não sabem como resolver as coisas com os filhos em casa, tá acontecendo assim, a gente está perdendo muito tempo da aula, tentando resolver assuntos que poderia ser resolvidos entre eles, “Ah! Professora na hora do Recreio o fulano me empurrou!” e aí a gente fala, peça desculpa, só que no dia seguinte o pai do aluno que foi empurrado, vem na escola, pede uma ata, faz toda uma confusão, aí a coordenadora tem que ir até a sala, aí daquele assunto do empurrão, já gera outro conflito né, então esse ano a gente tá vendo que isso tudo está acarretando uma defasagem no aprendizado deles.

54. Pesquisadora: Então assim, você analisando o que ela falou, o primeiro vídeo, daquela situação dela tá explicando e eles estarem conversando, eles estão se movimentando né, muitos alunos falando ao mesmo tempo, na sua turma também acontece isso?

55. Clarice: Tem bastante, hoje a gente acaba dando duas horas de aula e duas horas de senta “por favor”, é o tal de, o tempo todo senta “por favor”, olha para frente “por favor”, a gente tenta colocar o “por favor” pra não falar assim: “cala a boca, fica quieta”, porque realmente está difícil.

56. Milena: Este ano tá cansativo né!

57. Clarice: Cansativo, porque você acaba se tornando muito repetitiva, e eles acabam chegando em casa e diz: “olha a professora brigou comigo” e no outro dia os pais vem, daí a gente tenta explicar, olha pai ele não olhou pra frente, ele conversa e atrapalha o colega, aí os pais não entendem isso né.

58. Milena: Acho que nesses dois anos também, os pais acolheram demais, tá essa proteção em massa, e até as crianças não tá conseguindo resolver os seus conflitos sozinha, porque os pais estão tomando a frente.

59. Mariana: Então, como eles ficaram em casa, a criança tornou-se o centro da atenção, e quando ele chega na escola, ele não é o centro da atenção, ele faz parte de um todo né, de um grupo. Eu vejo pela minha turma que, é o pré II, que eles não participaram do pré I, nem do maternal II, por causa da pandemia, eles não sabem fazer fila, eles não atender comandos, eles não sabem brincar, eu tive que ensinar eles a brincar com o brinquedo, eu digo que brincar é sentar, não é destruir, agora é brincadeira de correr, então nós vamos na quadra, ou jogar bola, eu tive que ensiná-los a brincar porque eles não sabiam, e às vezes ainda pra ensinar alguma brincadeira é bem complicado e cansativo, como ela falou. Então eles não aprenderam o que é estar dentro de uma escola, eles não têm essa noção.

60. Clarice: Eles não tem socialização, eles não conseguem se socializar, não conseguem dividir, é, respeitar o espaço do colega, o tempo do colega, eles estão ansiosos, então assim, eu sei, se você não sabe né, eu tenho um caso de uma aluna que lê silabando, então ela lê “pa-ra” e eu faço questão que todos leiam, então não dá mais tempo da gente pegar e tomar leitura como antes, e o que que eu faço, durante as atividades da apostila, um parágrafo pra pra cada um ler e assim todo mundo participa, e eles não tem mais paciência, todos eles leram e quando chegou na vez dela ela disse assim: “eu quero ler” e algumas alunas né, disseram assim, não professora não deixa ela ler que ela demora demais, ela me irrita porque ela lê devagar, então eu disse: ela vai ler com todo mundo lê, e durante a leitura dela os alunos tiram sarro porque ela lia devagar, então assim fiz toda a leitura da apostila, parei, aí voltei lá e fiz eles entenderem que ela tem o tempo dela, e assim o egoísmo tá muito grande, a aluna respondeu: “O problema é dela, ela não sabe ler, o problema é dela, eu sei ler!” Então isso tá gerando muita dificuldade no aprendizado, porque a gente tem que tá explicando, o seu colega, ele tem um tempo, cada criança é única, vocês são ímpares no mundo, cada um é um ser humano, cada um precisa do tempo para se desenvolver, mas

eles não percebem isso, e isso está acarretando defasagem no aprendizado deles. [pausa]

61. Pesquisadora: Então agora, o último comentário em relação a sua postura, que você comentou durante a autoconfrontação simples em relação a sua postura nas gravações, o que você pode acrescentar além do que você já tinha falado?

62. Milena: É que eu vi bastante coisas erradas, é, me organizar melhor como a Mariana falou né, e também a aparência cansada né, que eu olhei ali em alguns momentos, que eu vi e falei assim: “Nossa! Meus cabelos então tudo, cuidar melhor da aparência até pra ir pra escola né, pras crianças, que eu notei assim, tava com aquela aparência assim, [risos], [fala interrompida da professora]

63. Mariana: Cansada! Final de ano! Professora no final de ano! [risos]

64. Milena: É! E também a organização como a Mariana falou, também concordo com isso, mas é porque na hora eu me senti muito insegura com a gravação, não sei se vocês sentiram isso, mas eu me senti incomodada, que daí eu falei: “A Cris foi maravilhosa não atrapalhou em nada, né”, mas foi em relação à minha pessoa, que eu fiquei insegura, eu não sabia como chamar a atenção, como é que eu ia né, então eu fiquei meio que engessada, assim, mas é, não sei né, é uma coisa minha, eu tenho muito isso assim, então vi bastante pontos a melhorar né, que nem na questão da organização, na questão da aparência, na questão da, “N” coisas ali que [risos], vou ficar aqui até amanhã falando [risos]

65. Pesquisadora: Além do que você acabou de comentar, quais outros pontos você precisa melhorar?

66. Milena: Acho que é essas coisas que eu tô falando né, na questão da organização também né, que eu fiquei em alguns momentos perdida, e [pausa] também melhorar assim, até na, como é que eu digo, assim é, [pausa] na confiança, sei lá, postura, tentar melhorar assim, nessa parte assim, que eu acho assim, que eu vi, assim, imagina você assistindo é diferente né, a gente pensa que tá arrasando, mas quando vai ver, nossa, [risos]

67. Pesquisadora: Bom agora, nós vamos passar pra Clarice, tá, deixa eu fechar esse vídeo aqui, a última parte aqui, [barulho do mouse], [som dos vídeos assistido pelas professoras], [barulho do mouse], [pausa do vídeo]. Nesse momento, como a professora Clarice comentou no vídeo né, ela disse que a professora Paee sempre ajuda ela né, nas atividades e participa o tempo todo. No seu caso, professora Milena, na sua turma, você também tem professora PAEE, como é a participação dessa professora, como é o trabalho dela dentro da sala de aula?

68. Milena: É excelente também! Assim como a professora mencionada no vídeo, eu conheço o trabalho dela, apesar dela não ser formada, mas ela tem experiência no dia a dia dela, e passa dicas pra gente e realiza um ótimo trabalho, e a professora que tá comigo também, e a gente acaba tornando parceiras né, porque é eu preparo as atividade né, adaptadas né, e eu passo pra ela né, mas ela tem autonomia de quando ela achar que que tem que ser trabalhado mais alguma coisa, é que tem que fazer outro tipo de atividade, ela tem toda essa autonomia né, então a gente faz essa troca, sempre conversando sempre chegando é né, a um consenso do que é melhor pra essa criança, então é feito essa troca né, pra que essa criança de desenvolva ,então é feito essa troca né, mesmo sabendo que quem prepara as atividades é a professora né, mas a gente tem esse diálogo, ela vem e, traz alguma ideia pra mim, e a gente entra em consenso, se é bom para criança a gente vai fazendo, independente de quem cria a atividade né, então é uma troca né, entre você e a professora né, e tem dado certo porque esse aluno também, ele tá lendo, nossa, agora textinho, também, é ele ficou dois anos fora da escola né, e a gente achou que ia ser um desafio assim, bem maior e graças a Deus assim tá indo tudo certinho, tá indo tudo bem, então faz a diferença essa professora em sala de aula auxiliando a gente faz muita diferença.

69. Pesquisadora: E na Educação Infantil, como é? É da mesma forma, como ela comentou? Como que acontece?

70. Mariana: A professora fica só com a menina autista né, porque ela é, não tem noção do perigo, então ela pode se machucar, então tem que ficar o tempo todo com ela, ela não fala e assim, muitas vezes ela se coloca em situação de perigo né, então ela tem que ficar o tempo todo olhando ela, ela auxilia

somente com essa aluna, a professora Pae não auxilia com os outros alunos, mas ela faz algumas adaptações pra menina né, só com ela, eu trago uma atividade porque até então, eu tenho trabalhado no geral, então a mesma atividade que os outros fazem, ela faz também, o que eu faço é um pouquinho, tipo, a fonte maior, as letras e a imagem maior, do que para os outros, e algumas coisas assim, ela não consegue pegar no lápis como as outras crianças já conseguem, ela pega assim né, [mão totalmente fechada], então na hora que, as crianças já escrevem, escrevem o nome, então ao invés dela escrever, ela cola as letras né, então algumas atividades, essas adaptações que a professora Pae faz pra ela, e ela é uma criança que exige bastante da professora Pae, então ela fica o tempo todo com a menina, mas ela ajuda bastante, porque se não fosse ela, eu não ia dar conta, ela não é de bater nos outros né, mas ela se coloca em perigo, de vez em quando ela entra em crise, bate a cabeça, se joga no chão, tem que segurar, tem que ter dedicação total a menina.

71. Pesquisadora: Vamos passar para os outros vídeos então, [barulho do mouse], [som dos vídeos assistido pelas professoras],[som de moto passando na rua], [barulho do mouse], [pausa], aqui são os dois pontos em que ela apresenta, a questão do folder, e depois ela usou pra leitura, e aqui apareceu o que ela conseguiu avaliar, as principais dificuldades, então esse material, tanto na Educação Infantil, quanto na Educação Fundamental, foi bom para o trabalho de vocês, é um material que instigou e agregou conhecimento para os alunos, ou não teve tanto efeito no trabalho em sala de aula?

72. Milena: Acho que foi bom, você viu que eles queriam levar embora? Que nem ali, você viu que no final eles pediram, “Ah! Vocês vão dar pra gente esse material?” Daí a gente falou que não, que ia ficar pra escola, é, eu achei que chamou a atenção deles, porque tem imagens, é colorido, facilita pra pegar na mão pra eles estarem olhando, então eu achei que sim, porque geralmente quando a gente pega, daí é do, é, tem que fazer, já é aquelas letras, papel branco, daí é né, tem uma imagem ou outra uma figura, mas não é tão colorido não chama tanta atenção e ali tinha um mapa né, pra eles analisarem, os mapas tinha os balneários, embaixo escrito o nome dos balneários né, falando um pouquinho de cada ponto turístico né, é, porque às vezes a gente fala, mostra uma foto ou duas

ali, mas é como ela falou e explicou ali, que procurou na internet e não tem tanto assim, material interessante, então eu achei bem interessante.

73. Mariana: Eu achei que ajudou bastante, eu prendi no quadro-negro as fotos, e eles olharam e falaram: “Ah! Eu já fui nesse lugar!” E o mapa me ajudou muito, pra localizar onde fica a escola, a praia, me ajudou bastante.

74. Pesquisadora: Eu vou passar para os próximos vídeos então, [som do mouse], [som de carro passando na rua e latidos], [som dos vídeos assistido pelas professoras], [pausa], então a questão que envolve o que a professora Clarice fala é sobre a grade aula, na Educação Infantil, professora Mariana, você tem que seguir essa proposta de grade aula ou não?

75. Mariana: Não!

76. Pesquisadora: E você tem ali, o livro RCO, que nem o delas, do ensino Fundamental, e você tem que fazer os registros no livro diariamente?

77. Mariana: Sim, mas é só campo da experiência, não tem português Matemática, assim, é só campo da experiência que a gente trabalha, é “O eu e o outro”, aí tem a parte do pensamento, cores, formas, então vai tudo no no campo da experiência, no caso elas falaram em disciplinas, lá não.

78. Pesquisadora: No caso aqui, você como professora do terceiro ano, essa grade aula que vem proposta pra vocês seguirem, que efeito ela causa para o seu trabalho, um efeito positivo ou um efeito negativo?

79. Milena: Eu acho que é um pouco negativo, porque de repente assim, é é como a professora Clarice falou, você viu que eles não pegaram direito a matéria e daí tem você tem que cumprir aquele tempo, aí talvez, que nem eu, na segunda é aula de português e matemática, e eles só vão ter na quinta, então é um tempo muito longo né, pra chegar até lá e continuar a atividade, eu acho que isso também dá uma prejudicada né, porque você podia pegar uns dois dias no meu conteúdo né, é dois dias seguidos e você não tem essa, igual a gente tinha antigamente, a gente podia né, a gente tirava um dia da semana para trabalhar História, Geografia, trabalhava até, em menor escala né, porque o intuito, digamos assim, essa turma que a gente pegou, terceiro e quarto ano, que muitos não estão

alfabetizados, nós daríamos prioridade em alfabetizar, e deixaria os conteúdos de lado né, pra cumprir essa meta, porque o ano que vem os conteúdos eles recuperam né, mas essa parte da da leitura, da escrita cobrar bastante, claro, há você pode cobrar, digamos assim né, você pode trabalhar isso em História, Geografia, mas só que daí a apostila vem muito texto né Clarice, vem assim, três a quatro páginas de texto, pra chegar lá, uma perguntinha, então a escrita está se deixando de lado né, e então essa parte do caderno, como ela falou e, como eles não estão acompanhando bem né, esse tempo, então a porque antes da pandemia, eles conseguiam fazer a apostila e conseguiram fazer o caderno, eles faziam os dois e dava tempo, você conseguia concluir, hoje em dia ou faz a apostila ou faz o caderno, e isso vai jogando conteúdo pro outro dia, jogando conteúdo né, vai jogando pro outro dia e você não consegue dar conta.

80. Pesquisadora: Por que você tem que cumprir aquela grade aula?

81. Milena: Tem que cumprir aquela grade aula, aham, e isso complica, acho que complica.

82. Pesquisadora: E no seu caso, professora Mariana, você fala que você não tem os conteúdos, que é por eixo.

83. Mariana: Mas mesmo assim né, tem que dar conta de trabalhar os números, que eu tenho que, vamos dizer assim, trabalhar no mesmo dia as letras e o ar, ou alguma coisa assim, é complicado, porque eu tenho que entregar o caderninho, abrir o caderno e mostrar o lado que vai usar, porque se não eles não sabem ainda usar o caderno, aí, até entregar tudo isso, há deu meia hora, ah, devolve todo o caderno porque agora eu vou te dá o caderno de letras né, aí devolve todo o caderno que agora eu vou te dar o de desenho, então a gente gasta muito tempo com isso, então o dia que eu trabalho números, é a brincadeira de números, é a atividade de números, é o vídeo de números, [barulho ensurdecido de moto], daí quando ele começa a aprender um pouquinho, já tem aquela interrupção, e às vezes a criança tá com curiosidade naquele assunto, daí agora vamos pra outro [fala interrompida da professora]

84. Milena: E deixa lá pra outra semana né, que nem história, geografia e ciências daí é só na outra semana, é toda sexta-feira ciências, então eu trabalhei

numa sexta-feira um conteúdo de ciências, de repente tá interessante, só que ele só vai ver lá na outra, então é muito longo né, esse tempo assim, esse espaço de tempo pra retomar.

85. Pesquisadora: E agora a professora Clarice, é, analisando todo esse processo ali né, como as outras professoras fizeram, é, das suas aulas e da sua autoconfrontação, como você se vê ali, que comentários você pode fazer em relação ao seu trabalho, a sua postura o seu comportamento é nas aulas?

86. Clarice: É como eu falei é, a gente tem muito que melhorar né, é um aprendizado diariamente, a gente tem muito que melhorar, procurar eu acho assim, eu acho assim, eu vi o vídeo prestando atenção né, procurar até mesmo atender melhor o aluno, dá mais atenção pro aluno, é, vendo ali eu eu vejo que a gente se vê, eu me frustrei bastante porque, a gente pensa que está fazendo o melhor pro aluno, muitas vezes você acaba deixando, atende um mas pelo tempo, não tem tempo hábil, não atende o outro, então acaba que você se frustra, porque depois quando você se vê ali, você analisa e você vê que você podia ter ajudado melhor aquele aluno, ter explicado de outra forma, mas como o tempo é muito rápido, a gente tá com alunos com muita dificuldade, a gente acaba né, a organização, eu acho que a gente tem que melhorar muito né, eu tô percebendo assim que o professor tá precisando se organizar mais, pra que ele consiga assim, dar uma aula que seja assim, até mais interessante pro aluno né, procurar assim ter material que seja mais chamativo, que crie mais expectativa no aluno, por outro lado, nós não temos esse tempo hábil de pesquisa, e nós não temos a infraestrutura para fazer esse trabalho, eu percebi ali no trabalho com as crianças, mostrar pra eles os folders, eles saber dos balneários, crianças que não sabiam, não conhecia Matinhos ou sabia que existia Matinhos mas não sabia o que era balneário né, aquele material é muito interessante, se eu tivesse uma tela maior pra trabalhar se eu tivesse um tempo pra trabalhar, internet na sala pra fazer uma pesquisa pra eles né, ali olha onde fica o balneário, então agora nós vamos mostrar ali em tempo real aquele balneário, mostrar isso, eu acho que a aula seria mais produtiva e seria assim mais interessante para o professor, então fazendo uma avaliação é, eu me senti frustrada, por não perceber assim, que a gente não consegue atingir o objetivo que a gente gostaria com aquela turma.

87. Pesquisadora: Então, você falou em relação a organização das atividades e dos materiais, seria possível diversificar essas atividades?

88. Clarice: Sim, diversificar, hoje nós estamos trabalhando só o papel, você fala muito da tecnologia, mas nós não temos acesso a essa tecnologia né, que não fique como uma crítica destrutiva né, mas é uma crítica construtiva, que não adianta a gente ir pra sala de aula e querer dar uma aula produtiva, dar uma aula interessante, sendo que, os nossos alunos de hoje não são os alunos de dez anos atrás, que você dava um livro, um caderno e caligrafia e eles faziam, hoje eles precisam da tecnologia, eles estão muito além daquilo, então eu vejo porque que nós somos uma geração muito fraca no aprendizado, eles estão numa defasagem muito grande, porque eles não são alunos mais do papel, eles são alunos da imagem, de tocar, e o que foi percebido quando nós levamos eles no Sítio Sensorial, levamos eles na Sanepar, que eles foram conhecer, e assim, agora eles ficam comentando, “olha lá tinha tal coisa, depois eu fui pesquisar daquela árvore professora, sabia do caranguejo”, então eles vão levar isso por muito tempo, é algo que chamou a atenção e uma coisa puxa a outra, infelizmente a gente não tem a tecnologia pra mostrar isso pra eles, que seria interessante, se eu tivesse acesso a uma tela grande, a internet pra mostrar, se a escola tivesse um laboratório de informática funcionando né, eles poderiam fazer uma pesquisa, como eles fizeram a pesquisa da abelha, e ficaram impressionadas que sem a abelha, nós temos somente mais quatro anos de vida, e desse tema eles começaram a pesquisar outras coisas, mais não todos, aqueles alunos que tem mais interesse, só que eu não posso cobrar de todos, porque tem aqueles alunos que não tem acesso a internet ainda né, então acaba sendo frustrante porque a gente passa uma visão assim, uma cobrança muito grande do aluno, mas a gente não está proporcionando aos alunos aulas atrativas.

89. Pesquisadora: E a questão que você comentou também, de você não ter tempo, em relação a hora atividade, e a questão desse desafio do aluno não ter acesso à internet, acesso às tecnologias né, e no caso do professor, nesse momento que a escola está passando, esse desafio de pós pandemia, o que está faltando para o trabalho do professor?

90. Clarice: Eu acho assim, falta recurso pro professor né, eu não vou nem dizer que o professor não queira fazer, a gente quer fazer mas nós não temos esse recurso e, também falta muito apoio do sistema, nem assim, não é da diretora e nem da coordenadora, eu digo do sistema, porque a coordenadora dependo do sistema, a diretora depende do sistema, então se a gente não tem esse apoio né, é acaba sendo frustrante, a hora atividade é muito curta, nós perdemos muito tempo atendendo pais né, diariamente a gente tem que atender, então não tem material, não tem acesso, muitas vezes é um computador pra três, quatro professores, uma impressora que não funciona né, [fala interrompida da professora]

91. Mariana: Falta um colega de trabalho e a gente tem que, por falta de professor, a gente acaba fazendo a metade da hora atividade.

92. Pesquisadora: Agora que você falou da questão da hora atividade, ou seja, vocês do Ensino Fundamental, quanto tempo de hora atividade vocês estão tendo no momento?

93. Clarice: Em média três horas e meia né, é meia hora que nós atendemos o recreio, só que nessas três horas e meia, se falta um professor é, a gente é avisada em cima da hora, a gente vai pra sala, só que assim o professor nunca tá sem nada na mão, ele consegue mesmo sem uma atividade, ele cria algo rápido, então vamos nos reunir fazer um cálculo, o problema é que é aquela quebra, que você já veio preparado pra uma coisa, já perdeu o seu tempo, já desregulou tudo né, [fala interrompida da professora]

94. Milena: E é uma impressora e um computador só! São duas professoras na hora atividade.

95. Clarice: Exatamente!

96. Milena: Então, você já tem que dividir esse tempo né, com a outra professora, aí fora os recados que a coordenadora tem que passar naquele momento.

97. Pesquisadora: Você também cuida do recreio, professora Milena?

Milena: Sim.

98. Pesquisadora: Existia isso em outros momentos anteriores à pandemia?

99. Milena: Antigamente a gente fazia isso, depois parou né, [fala interrompida da professora]

100. Clarice: E agora voltou né, devido a dificuldade de funcionários né, [fala interrompida da professora]

101. Milena: E precisa porque justamente, por essa falta de socialização e, qualquer coisa eles estão brigando, qualquer coisa eles estão se machucando né, se chutando, então você tem que estar bem atenta a isso né, [fala interrompida da professora]

102. Clarice: Essa falta de noção do perigo que eles não têm, as brincadeiras é que a gente percebe assim, talvez porque ficaram muito tempo em casa, todos os dias tem um acidente ali, então precisa ficar ali. [fala interrompida da professora]

103. Milena: E isso não acontecia né? Antes da pandemia.

104. Clarice: Não acontecia, antes era menos, [fala interrompida da professora]

105. Milena: Era bem menos, porque eles respeitavam, porque na verdade as crianças não querem brincar, em outros recreios você conseguia fazer com que eles pulassem corda, é, jogar uma bola, eles querem ficar correndo desenfreado, sem parar, só correr né, se vai no parquinho, é a mesma coisa, eles querem subir e descer correndo, um atrás do outro, então eles estão com essa brincadeira, a gente sabe que é criança né, mas eles não param nem na hora de fazer uma brincadeira na hora do recreio, eles conseguem parar, agora que a gente tá ensinando a pular corda, eles estão com dificuldade de coordenação motora pra pular corda, é coisas que eles faziam antes e que agora estão com essa dificuldade.

106. Pesquisadora: E no caso da Educação Infantil, a questão da hora atividade, pra você está tendo?

107. Mariana: Agora, nesse mês está tendo, três horas e meia também, mas eu fiquei mais de um mês sem hora atividade, e na semana passada eu também não tive hora atividade.

108. Pesquisadora: Você necessita dessa hora atividade, e quando não tem, como fica o seu trabalho na escola, o que isso acarreta pra você, que horário que você tem para preparar as atividades, se você não tem hora atividade, como que você faz, e que efeito isto traz para você enquanto educadora?

109. Mariana: Primeiro é aquela desorganização na sala, porque eu tive que sair de um turno, almoçar rapidamente, e voltar pro segundo turno, então às vezes eu gasto esse tempo pra organizar as coisas, pra próxima aula né, então isso já me custa, às vezes, um almoço com o meu filho né, mais na medida do possível, eu sempre estou com a minha família, e também a noite já tem outras coisas né, é, mais aí gera, não sei como que eu posso falar, acarreta trabalho, é uma sobrecarga de trabalho, a gente se sente sufocada, e muitas vezes no meu caso, quantas vezes eu dormi pensando, dormir preparando aula de amanhã, porque não deu tempo, ou então me organizando, eu fiz um planejamento, mas de acordo com aquele planejamento que eu fiz, eu tenho que me organizar psicologicamente, e fisicamente pra aula de amanhã, então muitas vezes eu durmo pensando na aula de amanhã.

110. Pesquisadora: Isso traz algum efeito pra sua saúde?

111. Mariana: Sim!

112. Pesquisadora: E você tem percebido que você tem ficado assim, ansiosa?

113. Mariana: Sim, né, eu durmo, não, na verdade a gente não dorme, a gente vai tentar dormir, e pensando no trabalho de amanhã, e isso com certeza, gera ansiedade, gera angústia, às vezes né.

114. Milena: A gente já sofre tudo isso, e temos três hora e meia de hora atividade, porque é assim né, eu tenho uma filha diabética, a diabete dela tava alta, então agora a gente começou ir pra academia, então assim, chega em casa, toma o café da tarde, dá uma organizada nas coisas, e vai pra academia, chego

mais de nove horas da noite da academia, cansada e tomo um banho, como alguma coisa de novo, e isso já vai dar meia noite né, então assim, às vezes tem que acordar seis horas da manhã, pra poder se organizar ali nesse horário, pra poder fazer alguma coisa, e mesmo e a gente tendo três horas e meia, imagina ela que não tem, [fala interrompida da professora]

115. Mariana: E além disso, a gente tem que criar algumas coisas, como ela falou que a gente não tem esses recursos, muitas vezes a gente tem que criar esses recursos né, como ela tava falando do panfleto, então eu tive que procurar na internet, aí tem todo aquele trabalho de baixar, recortar, imprime e cola e faz um cartaz, então todo esse mesmo material leva tempo, é o maior esforço da gente, então eu me vi, muitas vezes, doente por causa dessa situação.

116. Pesquisadora: E você falou que ficou sem hora atividade, quanto tempo você ficou como educadora, sem hora atividade?

117. Mariana: Dois meses, às vezes tinha duas horas, às vezes não tinha, porque na época que o covid estava mais, presente né, quando uma professora pegava o covid, todos perdiam, porque não tinha quem ficasse na sala.

118. Pesquisadora: E aconteceu isso também na escola de vocês, no Ensino Fundamental também aconteceu isso?

119. Clarice: Também aconteceu.

120. Mariana: A professora que pegava covid, tinha que ficar nove dias afastada, então a gente já sabia que aqueles nove dias, não ia ter, aí quando uma estava sarando, acontecia de outra pegar, e quando duas ao mesmo tempo tinha que se afastar.

121. Clarice: Na escola, quando acontece de um professor faltar, não tem um professor para substituir, então a coordenadora diz: “olha hoje tem artes, mas não tem educação física, então vocês ficam meio período na sala, meio período fora da sala”, só que esse período fora da sala, a gente já perde meia hora lá no recreio, cuidando né, aí sobra uma hora e meia né, mas a gente, [fala interrompida da professora]

122. Mariana: Nessa uma hora e meia você já tem que se adaptar, aí você já tem que correr, porque você não foi preparada pra aula daquele dia.

123. Clarice: Exatamente!

124. Mariana: Aí você já tem que correr, imprime uma coisa, arruma a sala, naquele momento você fica num stress, preparando aula.

125. Clarice: E para que os alunos, quando é, há essa quebra né, que o professor não vem, porque eles já esperam aquele dia né, e o professor não vem, eles já não querem aquela aula que você vai dar, então você entra na sala, pra eles é o fim do mundo, como se a gente tivesse dito pra eles: “Oh! vocês não vão ter essa aula hoje!”, eles surtam, eles ficam bravos, e aí, já é, um tempo perdido, você já não conseguiu alcançar o objetivo que você queria né, então é frustrante pro aluno, frustrante pro professor, a falta de ter, de repente, assim da gente não perder: “Ah! Vocês vão perder hoje, mas amanhã você vai ter”, é pra nós tá muito complicado né, [pausa], pra nós esse ano, vamos dizer, está um ano bem atípico, e a gente tá como a professora falou, com aparência de cansada, eu acho que dificilmente quem não esteja com aparência de cansada, esgotada, é muitos professores, com crise de ansiedade, professores se afastando.

126. Pesquisadora: E esse tempo que vocês ficam sem hora atividade, isso não vem em forma de recompensa financeira?

127. Clarice: Não!

128. Mariana: Às quatro horas que a gente estaria a tarde, a gente vai ter que se dedicar à noite, porque preparar aula a gente vai ter que preparar do mesmo jeito né, e a exigência de documentação que a gente precisa apresentar, a gente não fica isento disso, a gente tem que fazer do mesmo jeito, então aquelas quatro horas, a gente vai ter que, [fala interrompida da professora]

129. Clarice: A gente percebeu, eu pelo menos vou falar por mim, eu percebi que, nós estamos com tudo digital, e livro de chamada digital, aplicativo disso e daquilo, e isso triplicou o nosso trabalho, porque assim de repente, o livro de chamada a gente conseguia colocar em dia, no final de semana ou numa hora atividade, agora todos os dias, então além de você tem que dar conta do

conteúdo, do aluno, dos problemas, você ainda tem que tirar os minutos pra fazer chamada, [fala interrompida da professora]

130. Milena: E pra procurar onde pega o sinal, porque ali a gente tem que sair da sala, andar, ficar procurando o sinal, pra poder entrar no aplicativo, porque a internet é ruim.

131. Pesquisadora: Como vocês se sentem, todo dia tem que sair, o que enquanto professora?

132. Milena: Na verdade, é cansativo né, é uma coisa que criaram pra facilitar, e que tá vindo pra, tá acarretando mais trabalho ainda, você tem que deixar a turma, tem que sair pra fora, aí às vezes está caçando o sinal, já aparece três, quatro atrás de você, que eles ficam ansiosos, eles querem ir no banheiro, aí [risos]

133. Clarice: Quando não brigam, e o livro de chamada tem tempo né, você fica nove minutos né, e [fala interrompida da professora]

134. Milena: É porque daí ele expira.

135. Clarice: Só que se você coloca a chamada, e ele expirou, daí você esquece, e vai lá de novo e faz a chamada de novo, depois tem que apagar, então acaba sendo mais, acarretando mais assim, a gente pensa, a tecnologia veio para ajudar, só que muita documentação, muita coisa então, [fala interrompida da professora]

136. Milena: Então, igual o que estão cobrando da gente, dos professores, que o aluno tem que estar presente na sala de aula, que não pode faltar né, que está interligado com a Assistência Social, com o Conselho Tutelar, que vai na casa, só que eles ficam pedindo as faltas no papel para a gente, tem que ver os dias que eles faltaram, anotar no papel, sendo que tá tudo no livro de chamada.

137. Clarice: Sendo que tá tudo online lá né.

138. Milena: Eu não entendo. [risos]

139. Mariana: [risos]

140. Milena: Aí a gente tem que entrar lá, olhar em português, porque daí a gente tem que seguir a grade, aí eu tenho que olhar lá em português, o dia que ele faltou em português, aí tem olhar o dia que ele faltou em história, tem que olhar é, quer dizer, [fala interrompida da professora]

141. Clarice: Nós recebemos a função de fazer, e assim fica, [fala interrompida da professora]

142. Mariana: Sem contar o ponto né?

143. Clarice: É, sem contar que tudo você tem que estar ali, e daí assim, a cobrança dos alunos, daí todos os dias a coordenadora cobra, “olha o teu aluno não veio, por que que ele não veio?”, e a gente chama, a gente pede para os pais, faz-se reunião, no dia seguinte, [fala interrompida da professora]

144. Milena: Falta cinco, seis, porque é, esse ano assim a falta de responsabilidade dos pais tá demais, porque é né, e olha que a gente está cobrando, está falando, mas aí, é porque que nem eu falo, nós cobramos, nós falamos no conselho tutelar, mas até hoje o conselho não vai atrás, então acaba a cobrança só em cima de nós.

145. Clarice: E acaba sendo frustrante, em cima de tudo isso, a gente faz a cobrança dos pais na reunião, que o aluno vai ficar retido, se tiver muitas faltas, aí chega a diretora e a coordenadora pra conversar, e passou pra nós, pensem bem, porque é você que vai assumir né, eu vou ter que assumir a reprovação, ainda ontem ela me chamou e perguntou quantos alunos eu iria reter, daí eu expliquei que eu tenho três casos mais graves, são alunos tem um histórico familiar, é problemas de saúde mental, fome, pobreza, é casos bem graves, aí ela disse assim, mas veja bem, porque você vai assumir sozinha, você vai assumir a reprovação do teu aluno, e daí eu falei eu não vou assumir porque eu já dei nota azul para eles no terceiro bimestre, e vou dar no quarto bimestre.

146. Milena: O que você fez para melhorar esse aluno?

147. Clarice: Não é a escola né, o que a escola fez por esse aluno.

148. Milena: Assim, cadê a professora de reforço, cadê o apoio pra esse aluno, a escola não ofertou, então sobrou tudo para o professor mesmo né, aí a

gente tem que dar a justificativa lá, apresentar tudo o que a gente fez, pra esse aluno chegar, pra chegar a essa conclusão que é preciso reprovar, será que ele foi atendido 100% como deveria ser, não foi, mas assim, a culpa é do professor? Aí já não é culpa do professor.

149. Mariana: Mas aí, você tem muito mais trabalho pra provar que o aluno não desenvolveu, do que se você der uma nota, e ele ser aprovado.

150. Clarice: Então, eu vou fazer um relatório, deixando lá os pontos de dificuldade do aluno, que esse aluno não teve reforço, não é um relatório que vai para os pais, mas eu quero a assinatura da coordenadora e da diretora, por que assim, ano que vem vai ter professor que vai dizer: “como que passaram esse aluno?” Tá aqui o porquê que eu passei, eu não vou responder isso pro Núcleo, ah, porque que você reprovou esse aluno, o que que você fez por esse aluno? Ah, eu fiz caderno, mandei atividade diferenciada, eu fiz atendimento, não é mais online, mas eu não gravei vídeo, eu propus pra essa mãe, uma vez por semana, ela levar esse aluno até a minha casa, mas a mãe disse que não podia, não tinha tempo, na minha hora atividade eu deixei de ficar na minha hora atividade, também tem isso, que nós perdemos a nossa hora atividade, atendendo alunos, que não tinha reforço, a gente tinha que fazer esse reforço, e mesmo assim, não foi positivo, essa criança não desenvolveu, então infelizmente, só que reter, a gente não vai reter.

151. Milena: Até que desenvolveu, mas digamos assim, não tanto quanto o esperado, que poderia desenvolver né.

152. Clarice: Eu falei pra minha coordenadora, que eu não iria reter, só que eu quero eu quero algo assinado por vocês, que eu não retive o aluno, por isso e por isso, para que no ano que vem quem pegar a turma, não venha dizer que não foi trabalhado, foi trabalhado.

153. Pesquisadora: Então, nós vamos finalizar por aqui tá, obrigada pela participação de vocês, [fala interrompida da pesquisadora]

154. Milena: [risos] A Cris é nossa psicóloga!

155. Pesquisadora: Faz parte, a gente falar, isso nos alivia, porque não é fácil, eu também, como professora, não sei o tanto desse ano, mas pela experiência que eu já vivi, de estar no chão da sala de aula ou fora, mas que a gente também, acaba convivendo, e vivendo muita coisa que nos deixa nessa situação, como vocês falaram, de muita responsabilidade, e que isso, na verdade, o trabalho está ficando doente e está nos adoecendo.

156. Clarice: Verdade!

157. Pesquisadora: Mais eu agradeço, á vocês pela participação e a paciência, que tiveram comigo, e quero dizer que foi assim, uma caminhada, desde o começo do ano, que a gente está fazendo esse projeto, foi uma caminhada, cada dia um pouco, cada época uma fase, mas que foi muito produtiva, quero dar os parabéns pra vocês, por se dedicarem, se empenharem apesar de toda essa correria de vocês, esse tempo tão curto de vocês fazerem as atividades com os alunos, mas eu quero agradecer imensamente a vocês e a minha orientadora agradece á vocês também, ela deixou um abraço para vocês, e dizer que vocês são batalhadoras, são guerreiras, e que a educação ainda está de pé, porque a gente tem professores que ainda estão na escola, que são a base, que vocês não desistam, que essa sementinha vai gerar frutos, deixa eu cancelar a gravação no computador, eu tenho uma lembrança pra vocês, vamos registrar com uma foto.